

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO

MARIA OTÍLIA BORBA DE AZEVEDO

**A POSSIBILIDADE DE
CRESCER ATRAVÉS DOS TEMPOS:
INSERÇÃO DE CONTEÚDOS SOBRE
O IDOSO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera

Orientador

Porto Alegre
2010

MARIA OTÍLIA BORBA DE AZEVEDO

**A POSSIBILIDADE DE CRESCER ATRAVÉS DOS TEMPOS:
INSERÇÃO DE CONTEÚDOS
SOBRE O IDOSO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera

Porto Alegre
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A994p Azevedo, Maria Otília Borba de
A possibilidade de crescer através dos tempos: inserção de conteúdos
sobre o idoso no ensino fundamental / Maria Otília Borba de
Azevedo. – Porto Alegre, 2010.
140 f.

Diss. (Mestrado em Educação) – Fac. de Educação, PUCRS.
Orientação: Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosqueira.

1. Educação. 2. Ensino Fundamental. 3. Educação e Sociedade. 4.
Interdisciplinaridade. 5. Envelhecimento. 6. Idosos. I. Mosquera,
Juan José Mouriño.

CDD 372

Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent CRB 10/1297

MARIA OTÍLIA BORBA DE AZEVEDO

**A POSSIBILIDADE DE CRESCER ATRAVÉS DOS TEMPOS:
INSERÇÃO DE CONTEÚDOS
SOBRE O IDOSO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 11 de janeiro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera

Prof. Examinador: Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus

Prof. Examinador: Prof. Dr Edgar Zanini Timm

Dedico este trabalho de pesquisa a todos os profissionais da educação, principalmente do Ensino Fundamental, gestores políticos e Idosos que acreditam que a educação pode descortinar um mundo melhor, encurtando distâncias, quebrando preconceitos e ousando renovar temáticas que permeiam o ciclo da vida.

AGRADECIMENTOS

À minha família:

Meus pais Antonio Moacyr e Maria Selma:

Por terem me gerado e me feito acreditar que a vida é um eterno recomeço...

Meu marido Edmundo, pela compreensão de minha ausência.

Meus irmãos e sobrinhos, pelo carinho e união familiar.

Aos meus avós (*in memoriam*), em especial a vó Oflia,
pela crença que a vida é um ciclo e que o amor é a soma de tudo...

Aos Mestres:

Dr. Juan J. Mouriño Mosquera:

Pelos momentos de orientação e Mestre em especial.

Dr. Claus Dieter Stobäus:

Pelas horas de convívio e co-orientação no projeto.

Dr. Luiz Antonio A. de Freitas, Dra. Sandra Weber, Dra. Sandra R. Moreira e Dr. João P.

Sanhudo:

Pela compreensão de minha jornada.

A tantos amigos:

Amiga e colega Denise Dalpiaz:

Pelos conhecimentos partilhados e pelo ombro amigo e disponível, exemplo de doação.

Janaína de Azevedo B. Aguiar e esposo:

Por ajudarem-me a vencer, traduzir alguns caminhos e ofertarem-me livros...

Aos colegas de trabalho:

“Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.”

Aos participantes da pesquisa:

Que contribuíram para esta Dissertação acontecer.

À CAPES:

Pelo apoio financeiro

*A vida é fugaz,
Lenta na sua estrutura,
Diluída no seu núcleo,
Me construo dia-a-dia separando,
Arbitrariamente,
Meu coração e minha mente...
É tempo de revelar a mim mesmo a verdade
E mentira da existência,
As ilusões, vagas em princípio,
Adquirem seu real sentido e valor.
Ilusões do Querer Ser
Sobreviver ao massacre das convenções e
Formalismos.
Grito à idade, ao tempo,
Para ter o direito a reconhecer-me na multidão
E anonimato!*

Juan Mosquera (1978, contracapa).

RESUMO

Esse estudo objetivou verificar através de relatos como se desenvolve a temática do Idoso e se está presente no Ensino Fundamental. Foram oito entrevistados: equipe diretiva (dois membros) e dois professores do Ensino Fundamental, ambos da rede pública e privada de Porto Alegre. Três gestores políticos (RS): gestor da Secretaria Estadual de Educação, membro do Conselho Estadual de Educação, membro do Conselho Estadual do Idoso e representante da Organização Civil de Idosos (RS). Como metodologia, apoiou-se na análise de documentos, entrevistas semi-estruturadas com respostas abertas para os participantes, situando-se no paradigma qualitativo de cunho descritivo-interpretativo. Na triangulação dos dados utilizou-se a análise de conteúdo, que permitiu encontrar as categorias: 1. *Concepção de ser humano*: um ser em evolução - nascer, crescer e morrer é roteiro natural da vida; 1.1. *Concepção de Velhice*: idade cronológica, funcional e envelhecimento ativo. *A posteriori*: 2. *Relatos de Experiência - Vivências Pessoais, Profissionais e Sociais*: revelaram-se as experiências das práticas pedagógicas e/ou de gestão política e associativa. Conteúdos sobre o idoso não constam nos projetos pedagógicos, excetuando uma escola. 2.1. *Trocas intergeracionais*: é eficaz para o meio escolar e social entre diferentes gerações; 3. *Fatores Sociais*: a velhice é produto de uma cultura. Há carências de políticas públicas adequadas para idosos; 3.1. *Estereótipos em relação à velhice*: indicou preconceitos, porém, a educação pode descortinar um futuro de valorização para o idoso; 3.2. *Qualidade de vida*: estimular o convívio social e familiar na fase tardia, enaltecendo o bem-estar; 4. *Posicionamento frente à implementação da temática nas escolas e sua importância*: o meio educacional deve preparar as crianças e jovens para essa fase e para um acolhimento digno para com o idoso; 4.1. *Interdisciplinaridade*: as disciplinas devem dialogar entre si, harmonizando os conteúdos para uma educação integral; 4.2. *O processo de envelhecimento e valorização do idoso como tema transversal*: com unanimidade nas respostas. A legislação educacional dá abertura para implementar a temática, entretanto, deve haver obrigatoriedade, sugerindo-a como tema transversal nos projetos pedagógicos; 5. *Justificativa para a Educação*: A análise dos dados da pesquisa ratificou a necessidade da educação trabalhar conteúdos pertinentes, não somente por dever legal, mas por respeito e solidariedade.

Palavras-chave: Educação; Idoso; Envelhecimento; Tema Transversal; Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This study attempts to verify through reports how the theme of the Elderly develops and whether it is present in Elementary School. Eight people were interviewed: Board of Directors (two members) and two teachers from Elementary School, both from public and private schools in the city of Porto Alegre. Besides those, there were three members of the Board of Education (RS), the State Secretary of Education, a member of the State Council of Education, and a member of the State Council of Senior Citizens (RS). The methodology used in this study is the analyses of documents, semi-structured, with open answers from the interviewees based on the paradigm of descriptive interpretation. In order to triangulate the data, the content's analysis was used (BARDIN, 2004). *A priori*: 1. *Concept of Human Being*: a being evolving - birth, growth and death, natural course of life; 1.1. *Concept of Elderly*: chronological age, functional and active ageing. *A posteriori*: 2. *Reports of Life Experiences – Personal, Professional and Social*: the participants disclosed their experiences in pedagogical practices and/ political administration and their associations. The pedagogical projects do not present contents related to the elderly, except for one school. 2.1. *Intergenerational Exchanges*: these exchanges have shown to be effective in the school and in the social environments; 3. *Social Factors*: since old age is a byproduct of culture, there is a lack of public policies appropriated for the elderly; 3.1. *Stereotypes regarding old age*: the study points to the existence of prejudice. The education can reveal a worthy future for the elderly; 3.2. *Quality of Life*: stimulate social and family coexistence, praising well-being; 4. *Political Standing regarding the theme's implementation in schools and its importance*: the educational system has an obligation to prepare youths and young adults for this phase and to embrace the elderly with dignity; 4.1. *Interdisciplinarity*: the fields of study should dialogue among themselves, harmonizing their contents in order to achieve an integral education; 4.2. *The ageing process and the praise of the elderly as a transversal theme*: the answers for the interviews unanimously declare that the legislation on education allows for an implementation of this subject, however, it must be compulsory, suggesting it as a transversal theme within the pedagogical projects; 5. *Justification for Education*: This research ratified the need for the educational system to work the related content, not only due to its legal relevance, but also as a matter of respect and solidarity.

Keywords: Education; Elderly; Ageing; Transversal Theme; Elementary School.

RESUMEN

Este estudio se propone verificar, por medio de relatos cómo se desarrolla la temática del Anciano y si esta se encuentra vigente en los currículos escolares de la enseñanza formal. Fueron ocho los entrevistados: equipo directivo (dos miembros) y dos profesores de la Enseñanza Básica, de la red pública y privada de Porto Alegre. Tres gestores políticos (RS): gestor de la Secretaría Estadual de Educación, miembro del Consejo Estadual de Educación, miembro del Consejo Estadual de Ancianos y representante de una Organización Civil de Ancianos (RS). Como metodología, la presente investigación se ha apoyado en análisis de documentos, primordialmente en entrevistas semiestructuradas con respuestas abiertas a los participantes y se ha ubicado en el paradigma cualitativo de carácter descriptivo-interpretativo. En la triangulación de los datos se ha utilizado el análisis de contenido (BARDIN, 2007). *A priori*: 1. *Concepción de ser humano*: un ser en evolución - nacer, crecer y morir forman parte del trayecto natural de la vida; 1.1. *Concepción de Vejez*: edad cronológica, funcional y envejecimiento activo. *A posteriori*: 2. *Relatos de Experiencia - Vivencias Personales, Profesionales y Sociales*: ha revelado las experiencias de las prácticas pedagógicas y/o de gestión política, directiva y asociativa. Contenidos sobre el anciano no están presentes en los proyectos pedagógicos, salvo una escuela; 2.1. *Intercambios intergeneracionales*: es eficaz para el medio escolar y social entre diferentes generaciones; 3. *Factores Sociales*: la vejez es producto de una cultura. Hay carencias de políticas públicas adecuadas para los ancianos; 3.1. *Estereotipos en relación a la vejez*: se ha evidenciado prejuicios. La educación puede desvelar un porvenir de valorización hacia el anciano; 3.2. *Cualidad de vida*: estimular la convivencia social y familiar en la fase tardía, enaltecendo el bienestar; 4. *Posicionamiento ante el fomento de la temática en las escuelas y su importancia*: el medio educacional debe preparar a los niños y jóvenes para esa fase y para un acogimiento digno para con los ancianos; 4.1. *Interdisciplinariedad*: las asignaturas deben dialogar entre sí, armonizando los contenidos para una educación integral; 4.2. *El proceso de envejecimiento y valorización del anciano como tema transversal*: unanimidad en las respuestas. La legislación educacional ofrece apertura para implementar la temática; sin embargo, es necesario como obligatoriedad, sugiriéndola como tema transversal en los proyectos pedagógicos; 5. *Justificación para la Educación*: El análisis de los datos de la investigación ha corroborado la necesidad de la educación trabajar contenidos pertinentes, no solo por deber legal, sino por respeto y solidaridad.

Palabras clave: Educación; Anciano; Envejecimiento; Tema Transversal; Enseñanza Formal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 NOS TEMPOS DO PESQUISADOR, OS TEMPOS DA PESQUISA	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 DIREITO À VIDA E VIDA AO DIREITO	16
2.2 AO LONGO DOS TEMPOS.....	18
2.3 A VELHICE ATRAVÉS DOS TEMPOS.....	20
2.4 UM OLHAR SOBRE A VELHICE NAS SOCIEDADES OCIDENTAIS	22
2.5 DE TEMPOS EM TEMPOS OS TEMPOS REVELAM-SE	28
2.6 OUTROS TEMPOS	31
2.7 O TEMPO EM CADA TEMPO DA VIDA	35
2.8 TEMPO DE PLANTAR.....	40
3 DADOS DA INVESTIGAÇÃO.....	44
3.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	44
3.2 OBJETIVOS	44
3.3 METODOLOGIA.....	45
3.4 PARTICIPANTES	46
3.5 QUESTÕES DA ENTREVISTA	47
3.6 PROCEDIMENTOS.....	47
3.7 COLETA E ANÁLISE DE DADOS	48
3.8 TRANSCRIÇÃO E EXPLORAÇÃO DOS DADOS.....	49
3.8.1 Breve Perfil Profissional dos Participantes	50
3.8.2 Sistema de categorias de análise.....	53
3.9 TEMAS TRANSVERSAIS E INTERDISCIPLINARIDADE	110
4 NOTAS FINAIS, NESTES TEMPOS.....	118
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICES.....	127

1 INTRODUÇÃO

1.1 NOS TEMPOS DO PESQUISADOR, OS TEMPOS DA PESQUISA

Nasci em 1961, no interior do Rio Grande do Sul. Meus pais também nasceram no interior do Estado. Embora a família de ambos tivesse razoáveis posses econômicas, meus pais tiveram de batalhar muito. Minha mãe exerceu o papel de dona de casa, educadora e também fazia trabalhos manuais para ajudar no orçamento da família, pois os tempos, em termos financeiros, eram difíceis. O próprio panorama político do país não era favorável. Meu pai, desde garoto, acalentava o sonho de ser médico. Para completar seu estudo ginásial trabalhava em uma farmácia, mas o velho sonho o perseguia. Ao conhecer minha mãe, esta não o fez desistir, ao contrário, incentivou-o a estudar. Assim, fez concurso para a Secretaria de Segurança Pública do Estado, passou e casaram-se, ainda muito jovens. Os dois foram morar na capital para que ele pudesse trabalhar e estudar.

Meu pai fez o curso madureza colegial e vestibular para Medicina no mesmo ano e foi vitorioso: tirou o terceiro lugar. O sonho de ambos e, também seus pesadelos iniciaram, pois cursar Medicina, trabalhar e sustentar a família não eram tarefas fáceis, basta dizer que já éramos quatro filhos. Tivemos de ir para Pelotas, pois a faculdade para a qual logrou cursar era lá. Creio que não preciso salientar que foi uma árdua batalha. Morávamos em um pequeno apartamento, simples e de poucos cômodos. Meus avós paternos ajudavam com o material de estudo para meu pai e também no aluguel da casa, e a família de minha mãe, com rancho, roupas e coisas semelhantes. A mim, embora muito, pequena, como filha e irmã mais velha, coube-me a tarefa de cuidar dos irmãos, organizar com minha mãe a casa e, para que ela pudesse descansar, esperava meu pai para aquecer a janta.

Nunca desistimos de nada, seguimos unidos, estudamos em escolas estaduais, não tínhamos roupas da moda, brinquedos, mas éramos muito educados e simpáticos, o que nos rendia convites para todas as “festinhas” da vizinhança, pois minha mãe, muito caprichosa, fazia-nos parecer príncipes e princesas. Meu pai tinha apenas um par de calças e, às vezes, sem o dinheiro para o ônibus, caminhava oito quilômetros, mas era brilhante aluno. Ganhava pouco na Polícia, onde trabalhava, mas a vontade de vencer de meus pais fazia com que superassem todas as adversidades.

No primário, eu chamava atenção das professoras, pois, acostumada sempre a ver meu pai e avô paterno a ler, gostava de escrever. Jamais vou esquecer que na quarta série foi solicitado que fizéssemos uma composição cujo tema era livre e escolhi o título: *Amazônia, o inferno verde*. Ganhei um prêmio da escola e sempre vou lembrar-me daqueles dias. Acho que tive a recompensa do meu esforço e da luta dos meus pais. Próximo ao fim daquele ano veio à angústia do “exame de admissão ao ginásio”, porém logo deixou de ser obrigatório.

Ainda em colégio estadual, ingressei na quinta série e, neste ano, 1972, veio à redenção de toda a família: meu pai recebe o “suado” e “sacrificado” diploma de Medicina. Já na época, com cinco filhos. Meus avós paternos fizeram uma grande festa, inesquecível! Minha mãe, sempre presente, preocupada e com a saúde debilitada, agora descansaria. Guardo, ainda, o vestido que usei na formatura, diga-se de passagem, que fomos todos vestidos por um casal de vizinhos, amigos de meus pais, que se prontificaram a nos brindar com belas roupas. Meu pai estava com 34 anos, o mais velho da turma e o mais inteligente e esforçado, já se revelava um grande médico.

Fomos para o interior do Estado para uma pequena cidade, onde meu pai começou sua trajetória de sucesso. Ali chegamos com pouca mobília, levada por um tio de meu pai, pois não tínhamos dinheiro para a mudança. A partir de então, nossa vida mudou: colégios particulares, automóveis, boa casa, boas roupas, brinquedos. Passei a estudar em colégio de congregação religiosa, onde fiz a sexta e sétima séries, porém, novamente, veio o convite para meu pai trabalhar em sua terra natal, e lá fomos nós, mais uma mudança. No entanto, dessa vez, chegávamos com boas condições econômicas. Fiz, nessa cidade, todo o segundo grau, em escola estadual, visto que era a única que dispunha de Magistério. Disse a meus pais que minha escolha era o Magistério, pois tinha identidade com o exercício de professor. Fiz estágio e, com dezesseis anos, estava apta a lecionar para o primário. Ministrei aula para as segundas e quartas séries, com muito compromisso para meus, então, dezessete anos, mas os cumpria feliz.

Assim, como não havia faculdade em nossa cidade, solicitei aos meus pais para estudar na capital. Após muitas reflexões, optei por fazer Licenciatura em Ciências, visto que breve estaria formada e poderia trabalhar. Ademais, tal curso tinha notável ênfase em Biologia, disciplina, dentre outras, que me encantava. Nessa época, minha irmã do meio cursava Direito, também numa universidade privada do RS e fiquei entusiasmada com as temáticas que estudava. Morávamos só e, claro, por ser a mais velha, toda a responsabilidade de gerir meus irmãos, que também passaram a estudar na capital, era toda minha. Como o

Direito pode-se dizer que é o “dever ser”, percebia, que o curso Ciências Físicas e Biológicas, era o “ser”, comecei a discutir temas com minha irmã e seus colegas e a contrapor argumentos, até que lhes disse: “Vou ser advogada”. Prestei o vestibular, passei e não desisti do outro curso. Em 1984, formei-me em Ciências e, em 1988, em Direito, porém, antes, já ministrava aulas de Biologia e Química. Com 20 anos fiz concurso para o Governo Federal (Ministério da Saúde), passei em segundo lugar, exerci chefia e, mais tarde, comecei a trabalhar em assessoria jurídica.

Nunca deixei o exercício do Magistério, este era meu “bálsamo”. O contato e a troca de experiências com alunos é minha “redenção”. Ministrando aulas como professora visitante em uma universidade privada do RS ou em cursos particulares para advogados e outros, senti que tinha de aumentar meus conhecimentos. Então, fiz um curso de pós-graduação, na Espanha, em cooperativismo, pois tinha curiosidade na educação cooperativista. Longe da família e com os recursos que eu tinha, pois fiquei sem meu salário, apenas com o vínculo empregatício. Experimentei novas culturas, idiomas, amadureci e no campo profissional abriram-se novas oportunidades.

Indubitavelmente, o espaço da sala de aula é um palco sagrado, onde os professores como animadores dão as “pistas” para os alunos encontrarem salutares caminhos. Não há limites para quem ousa querer mais e visualizo a grande necessidade de ampliar os estudos teóricos acerca da educação. Nesse campo, não pode haver lugares para amadores, temos de estar preparados tecnicamente e, como educadores abertos para desafios.

No percurso de minhas vivências, renasce com o estímulo do Dr. Juan José Mosquera, durante um curso de especialização em Língua Espanhola, a velha paixão pela educação e a expectativa de cursar um Mestrado na área. Conhecer as teorias da educação e seus preceitos, orientações pedagógicas, entender mecanismos de aprendizagem. Vale a pena buscar conhecimentos mais profundos para implementar novos paradigmas para a educação e para a vida. Confrontar teorias, práticas e filosofias enriquecem o pensamento e permitem desencadear ações concretas. A oportunidade de cursar um Mestrado proporciona instrumentos valiosos para auto-analisarmos o que temos aportado para a educação, como estamos desempenhando o papel de educadores, que sociedade queremos “desenhar”, que indivíduos queremos que façam parte do mundo e no que acreditamos. Refletir sobre políticas educacionais, panoramas mundiais.

O conhecimento é necessário, inclusive para apararmos nossas arestas e fornecer fontes para melhor elegermos os objetivos, pois educação neutra não existe. Toda escolha é

gerada por uma ou outra base filosófica ou ideológica, para tanto, é com o avanço dos conhecimentos, que depuramos nossas escolhas. Questionar-se, instigando-se reflexões: Como os alunos são vistos nas escolas particulares: muitas vezes, clientes (?!); e nas públicas: depósito de gente (?!). Fracasso escolar - síndrome constante - evasão escolar, professores descontentes, pais omissos, Estado inerte. Ditos questionamentos podem fazer a diferença...

A educação guarda sua importância, enquanto meio para levar ao homem condições para viver em sociedade, portanto, para chegar-se ao coletivo há que se respeitar o individual. A aprendizagem de cada um é única, ímpar.

Dentro da normativa brasileira a educação deve preparar o educando para o exercício da cidadania e do trabalho, assim, é importante em sala de aula criar clima de aprendizagem, restabelecer parceria e cumplicidade: escola/família/comunidade. A educação necessita transformar, ampliar pontos de vista, levar à reflexão crítica. Se nada disso atingiu, foi inócua: teve presença, mas não teve “alma” e será efêmera.

É fundamental ter noções de como o comportamento pode dar pistas de quem é o aluno que se apresenta e qual sua necessidade no espaço escolar. Em meio a esses contextos, tenho um especial carinho pelo tema saúde. Creio que minha estreita convivência com meus avós, especialmente paternos, fez-me inclinar para o tema do idoso. Pois éramos somente sete netos e eu a neta mais velha, que leva o nome da avó.

O carinho e respeito que sempre demonstrei para com eles e o amor que recebi, fazem-me homenageá-los, principalmente minha avó Otília que recentemente foi fazer morada num plano superior. Acompanhei de perto o ciclo de sua velhice. Teve uma existência longa: 93 anos. Confesso que sempre me encantou conhecer essa fase da vida, ademais homenageio meus pais com seus mágicos 70 anos, meu marido com seu inebriante 66 anos de idade e meu grande mentor, com seus 72 anos de idade cronológica, mas com “cabeça” de 20 de idade social: Juan Mosquera.

Assim, o presente Mestrado em Educação na linha da Pessoa, Saúde e Educação descortinou-se para mim, vindo ao encontro dos meus objetivos acadêmicos. Compartilhar esse pequeno trabalho, mas grande no seu significado é inegavelmente, uma sementinha para plantar e não olvidar que as memórias pessoais dão pistas do que somos e do que escolhemos ser. Mergulhar em tema de tal natureza, contar com o “remédio” jurídico que pode representar o ESTATUTO DO IDOSO, instrumento tão útil na busca do bem-estar aos idosos, me faz estabelecer *pontes numa busca de que o pedágio para percorrê-las tem que ser pago com retribuição de amor e respeito.*

Como a educação pode contribuir associada às variadas ciências, no desenvolvimento mental, físico e psicológico e, sobretudo, emocional para melhor receber nossos idosos? Não é possível qualquer meio escolar estar alheio a tais temáticas. Com a EJA¹ (Educação de Jovens e Adultos) cada vez mais se percebe a importância de conhecer o desenvolvimento do adulto na ampla acepção.

Com essa possibilidade, Surge a necessidade dos profissionais da educação conhecer assuntos que norteiam o desenvolvimento do adulto. Entender este adulto tardio que se aproxima do meio escolar para levar netos para a escola ou até mesmo frequentar a EJA, pode ser a mola propulsora para impulsionar novas atitudes, mais sadias, oportunizando mudanças escolares.

Cada vez mais os cursos de pós-graduação são extremamente necessários, além de aumentarem o conhecimento, permitem preencher lacunas que a graduação não consegue preencher, sem entrar no mérito de quem as protagoniza. Como tenho grande simpatia pela Biologia e igualmente pelo Direito, conforme por mim, já relatado e enfatizado anteriormente, aliar a temática do Idoso, alicerçada na Educação é um trabalho que espero, contribua para as transformações necessárias a uma sociedade mais digna em direitos e deveres. E, sobretudo inspire projetos pedagógicos, podendo tornar-se visível nos currículos, essencialmente, no Ensino Fundamental, acrescentando novos rumos à Educação.

Entre os vários autores utilizados no curso desta Dissertação, destacam-se a importante contribuição de Simone de Beauvoir, com sua preocupação em apresentar a velhice desde ângulos como a ciência, a arte e a literatura, bem como dados sobre a historicidade da mesma. Segue-se, dentre outras leituras realizadas, a obra de Juan Mosquera, base para muitos enfoques deste trabalho: a Vida Adulta. Os demais autores lidos, em textos ou livros, desencadearam reflexões ímpares a respeito da Educação, dos sentimentos, dos diálogos, do enigma do ser humano, dos saberes necessários para uma melhor educação no futuro, de conhecimentos e ações para um envelhecimento ativo mais sadio, de uma educação holística, dentre outros temas presentes ao longo do trabalho.

¹ A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade específica da Educação Básica que se propõe a atender a um público ao qual foi negado o direito à educação durante a infância e/ou adolescência seja pela oferta irregular de vagas, seja pelas inadequações do sistema de ensino ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis. Na aprovação da LDBEN 9.394/96, a EJA - Educação de Jovens e Adultos passou a fazer parte constitutiva, onde é concebida como **modalidade de ensino** e pela Resolução CNB/CEB Nº1, de 5 de julho de 2000, ficam estabelecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (BELO HORIZONTE, 2009).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DIREITO À VIDA E VIDA AO DIREITO

Todo ser humano já nasce com direitos e garantias, alguns se originam dos ordenamentos jurídicos, outros advém de manifestação de vontade, e outros são apenas perfilhados nas cartas legislativas.

Não é intenção esgotar temas sobre o histórico do direito, mas pincelar algumas idéias, caminhos pelos quais passaram algumas formulações concernentes a ele.

No século XVIII o homem passou a organizar-se politicamente, assim surge a necessidade da presença do Estado para tutelar direitos em um pacto firmado entre os componentes da sociedade. A seguir, o direito universal passou a ter características de modernidade e a ter seu sentido no campo político. Em consonância com a economia da época, surgiram naquele momento, as declarações de Independência dos Estados Unidos da América e dos Direitos do Homem e do Cidadão. Nessa época se sobrepunham os direitos individuais aos coletivos.

No século XIX com a expansão da economia e a presença do operariado organizado em sindicatos para amenizar ou combater os excessos de trabalho, cobrando justiça social, houve clamores por mudanças. O Estado deveria assumir funções da vida privada e regular atividades políticas e jurídicas. Há contraposição aos ideais de liberdade e livre iniciativa.

Chega o século XX com suas enormes crises econômicas, abraçando discussões sobre medidas que deliberassem igualdade de oportunidades. Vê-se o aumento das redes sociais, garantia de condições mínimas para sobreviver e forma-se o Estado de bem-estar social. Com essas ações, as medidas sociais deixaram de ser caridades para constituírem direitos civis e políticos. Nesse momento, o direito antes individual passa a ser um direito coletivo, com novos valores aos direitos fundamentais e humanos e pedem a presença e ação do Estado para que se concretizem (LUIZ, 1997).

No Brasil a Constituição de 1988 é magistral em conquistas de direitos. A cidadania é brindada com instrumentos de participação popular na administração pública. Surgem os conselhos de participação que possuem caráter deliberativo. É a forma legitimada de participação, onde os segmentos sociais encontram guarida para fazerem-se representar.

Este novo paradigma do Estado Democrático de Direito que valoriza a participação social, para que se efetive, exige uma mudança da cultura política brasileira de democratizar decisões, de estabelecer parceria na gestão da coisa pública.

A natureza jurídica dos conselhos está alicerçada na Carta Magna que institui a democracia participativa e assegura a participação popular na formulação e no controle das políticas sociais, na defesa dos direitos humanos e na aplicação dos recursos. Os conselhos constituem-se em uma das formas de participação e controle social assegurados nos dispositivos constitucionais, mas requerem ação por parte da sociedade na busca de sua implementação.

Tem-se direito à vida, contudo há que dar vida aos direitos para que deixem de ser letras mortas em papéis. Dignificar a pessoa idosa, respeitando seus direitos, reconhecendo seu valor é fazer valer os preceitos legais, exigir o cumprimento das normativas.

Veja-se a lei 8.842, de 1994, Política Nacional do Idoso no capítulo dos direitos fundamentais (ESTATUTO do Idoso, 2008, p. 25):

Art. 8º A velhice é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta lei e da legislação vigente.

Art. 9º Ao idoso é garantida a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

Tais proteções devem ser alcançadas, concretizadas, sobretudo, executadas. Sabiamente os legisladores oportunizaram aos idosos através da lei 8.842, de 1994 o instrumento da participação política com a criação do Conselho Nacional do Idoso, Estadual e Municipal

Segundo dados (obtidos na entrevista em 02/04/2009) da participante D, membro do Conselho Estadual do Idoso (Rio Grande do Sul): “[...] nós estamos fazendo recadastramento, em 110 municípios dos 496 existentes”. Refere-se ao número de Conselhos de Idosos no Rio Grande do Sul, ou seja, dos 496 municípios, em 110 há dito Conselho.

Note-se que o número de Conselhos deveria ser mais expressivo. Assim, a participação política e cidadã são necessárias para efetivar as mudanças que se deseja e que podem mudar o panorama da velhice no Estado brasileiro.

No cotidiano de meus dias, na convivência, principalmente com meu marido (66 anos), pais (70 anos), orientador (72 anos), todos com idade social menor, legitimada pelas

suas ações e almas, ademais do estreito laço de convivência que tive com meus avós é que me fazem despertar um olhar inquietante sobre as leis que os cercam.

É na busca de políticas públicas adequadas a esta parcela da população que se deve empenhar esforços. Todos podem chegar lá e quando chegar a hora o momento em que o corpo sente o tempo ou que a cabeça não permite o livre arbítrio resta a possibilidade de encontrar abrigo nos gestos e olhares dos jovens e crianças que orientados na pedagogia do rechaço às diferenças, saberão acolher e terão mais condições de exigir que as leis sejam aplicadas e não amontoados retóricos revestidos de intenção, mas inócuos.

Os idosos gritam para não serem esquecidos num canto qualquer. O direito que não frutifica tende a ser esquecido. A conquista de leis perde a eficácia quando segregadas às prateleiras ou em decisões protelatórias por motivos às vezes infundados, outras vezes pela morosidade judiciária. Corroborando com algumas assertivas feitas, elucida-se com alguns dos princípios das Nações Unidas para pessoas mais velhas, encontrados em Papalia, Olds e Feldmann (2006, p. 725):

- Pessoas mais velhas devem ser capazes de desfrutar os direitos humanos e liberdades fundamentais [...];
- Pessoas mais velhas devem ser tratadas com justiça [...] e devem ser valorizadas independentemente de sua contribuição econômica.

Os operadores do direito não podem também ficar à margem da realidade. Certo que hoje o Estatuto do Idoso trouxe conquistas memoráveis: medidas de proteção, questão de pensão alimentícia, transporte, priorização nos trâmites de processos, dentre outros, mas o acesso à justiça tem que ser célere.

Uma simples tarja acostada ao processo como preferencial não pode ser um simples pedaço de papel decorativo é para ser respeitado, portanto a sociedade organizada com instrumentos adequados para cobrar, que faça valer seus direitos, que faça chegar a hora.

2.2 AO LONGO DOS TEMPOS

Para uma melhor compreensão e entendimento do leitor, faz-se oportuno ressaltar algumas temáticas e termos apostos utilizados ao longo desse trabalho, os quais serão a seguir

salientados nas palavras da autora desta pesquisa e corroboradas com as falas de alguns teóricos, que se fizeram ligados aos temas abordados.

Alguns termos abrangidos no presente trabalho, além da tentativa de conceituá-los, merecem algum aporte de cunho técnico, evidentemente sem querer exaurir, mas fornecer pistas que poderão ser úteis e que, por vezes, esclarecem alguns equívocos. Dentre eles: velhice, envelhecimento, senescência, senilidade, longevidade e expectativa de vida, auto-imunidade, gerontologia e geriatria.

O termo velhice nem sempre traz uma conceituação clara, bem como sua delimitação no tempo, dentre outros. Esse fenômeno ainda carece de mais estudos, pesquisas. Talvez estudar crianças e adolescentes, seja mais prazeroso por trazerem esperança e, o envelhecimento, o fim. Esse preconceito ainda tão arraigado na sociedade tem que ceder lugar a outra visão, pois Morin (2005) em sua obra *O enigma do homem* aponta que o homem é um sistema aberto, sempre em busca de sua completude.

O envelhecer faz parte do ciclo da vida, ser velho não é o antônimo de jovem é sim uma passagem que oxalá muitos a perpassem. Beauvoir (1970, p. 300) aclara: “É uma fase da existência diferente da juventude e da maturidade, mas dotada de um equilíbrio próprio, deixando aberta ao indivíduo uma ampla gama de possibilidades”. Depreende-se que ambos os autores vêem que a existência humana não se encerra em cada fase ou ciclo vividos até a velhice, todos se somam para determinar aquilo que somos. Em simbiose com velhice encontra-se o termo envelhecimento.

O envelhecimento vem sendo mais estudado sob a ótica da saúde, embora outros aspectos devam ser considerados. Está presente, hoje a contribuição de antropólogos, sociólogos e psicólogos e de educadores como Mosquera, Stobäus, Asmann, dentre outros, encaminhando a questão não somente para o ângulo do físico, mas também para aspectos biopsicossociais, que dirigem o olhar para o afetivo.

Segundo, Papalia, Olds e Feldman (2008, p. 666-7) há o envelhecimento primário e o secundário. Primário: “um processo gradual e inevitável de deterioração corporal que ocorre durante o ciclo de vida” e secundário: “processo de envelhecimento que resultam de doença e de abuso ou de falta de uso do corpo e, que, muitas vezes, são evitáveis”. Nos autores acima se encontra o que vem a ser a expectativa de vida e longevidade.

A expectativa de vida é a idade até a qual uma pessoa em uma determinada coorte tem a tendência estatística de viver (considerando-se a sua idade e seu estado de saúde atuais), com base na longevidade média de uma população. Longevidade é a duração de vida de um

indivíduo. Também, os autores trazem a definição de auto-imunidade (2008, p. 673): “Tendência de um corpo em envelhecimento a confundir seus próprios tecidos com invasores estranhos e a atacá-los e destruí-los”.

Quanto às especialidades gerontologia e geriatria utiliza-se as definições apontadas em Zimmerman (2000). Gerontologia é a ciência que estuda o envelhecimento. A geriatria, por sua vez, refere-se ao campo da medicina que se ocupa das enfermidades do organismo do velho e alude à necessidade de estabelecer níveis de prevenção, tratamento e reabilitação da patologia própria dessa faixa etária. A autora ainda aponta que a gerontologia tem como meta o bem-estar integral do idoso.

A psicanalista Ângela Mucida (2006) refere que a gerontologia distingue senescência de senilidade, definindo a primeira como um processo fisiológico inelutável do organismo que acarreta modificações precisas, associadas a uma redução de todas as funções sem provocar doenças. A senilidade refere-se às patologias do envelhecimento.

É imperioso repisar que a presente dissertação seguindo seu objetivo, abarca também um arcabouço teórico, podendo servir como de sugestão para aqueles que ousarem trabalhar a temática.

2.3 A VELHICE ATRAVÉS DOS TEMPOS

Trata-se aqui de apresentar alguns dados para fornecer um encaminhamento de como a velhice foi sendo vista em algumas culturas. Merece aqui, acolher-se como ponto de partida, Simone de Beauvoir (1970, p. 18): “[...] a velhice não representa somente um fato biológico, é também um fato cultural”. Assim, a cultura é elemento importante para focar a velhice.

A autora, Simone de Beauvoir, através de um brilhante passeio etnográfico, bem como comentários pertinentes ao tema do envelhecimento, demonstra que o olhar que se lança sobre o idoso, como já foi dito, é impregnado pela cultura que norteia a sociedade vigente. Tentar-se-á, pois, de forma resumida repassar a contribuição teórica da autora, abarcando ao mesmo tempo a visão que se tem do tópico.

Entre os animais, em muitas espécies, os mais idosos e experientes gozam de grande prestígio: transmitem aos demais as informações que adquiriram no decurso de sua experiência. A posição que ocupam no grupo tem relação com o número de anos que contam.

É dado como exemplo: uma jovem gralha, quando manifesta sinais de medo, as outras não lhe dão atenção, mas se o alarme for dado por um velho macho, todas as aves levantarão vôo.

Nos antropóides, os animais mais próximos de nós, o macho representa um papel dominador sobre a horda e sobre as fêmeas, monopolizando-as, não podendo os jovens se aproximar das mesmas. Os jovens, por sua vez, crescendo em idade e força, rebelam-se e àquele enfraquecendo e perdendo os dentes, onde está sua força, sente-se amedrontado, não consegue mais lutar, torna-se difícil sua alimentação e passa a definhar, afasta-se do grupo ou vai viver solitário e o agressor passa a governar o grupo.

Seguindo na historicidade, o “enterro em vida” praticado pelos Dinka (cerca de novecentos mil indivíduos, habitantes do sul do Sudão), certos anciãos, cujos papéis são tão importantes, considerados fazedores de chuva, senhores da lança e da pesca, ao revelarem sinais de fraqueza, são enterrados vivos. Acreditavam que a vida da comunidade dependeria de conservar o último alento no interior do corpo. As festas fúnebres como um rejuvenescimento do princípio vital.

Simone de Beauvoir elucida que apoiou suas buscas em trabalhos de etnólogos e que as informações, às vezes, são antigas e incompletas e que ao descreverem uma comunidade a julgam através de sua própria civilização e assim afastam-se de suas normas e costumes. Depreende-se, como a mesma elucida, que os dados sobre as condições dos velhos foram relacionados com a condição geral da comunidade. Ocorre, muitas vezes, grande distância entre os mitos engendrados por uma coletividade e seus costumes reais.

Há lendas e fábulas dos povos, mas a prática não foi influenciada. Entre os Yacute que viviam no nordeste siberiano, seminômades, onde sobreviver era um constante desafio, os velhos eram expulsos de casa e reduzidos à mendicância; ou escravizados e condenados a duros trabalhos. Situação semelhante encontrava-se os Ainos do Japão, quando os pais envelheciam eram deixados de lado, situação que também as mães repetiam com seus filhos, pois os abandonavam após a puberdade. Outras tribos como os bosquimonos da África do Sul, os esquimós de Angsalik na Groelândia levam os idosos para uma cabana, longe da aldeia, abandonando-os à morte.

Consoante Beauvoir (1970), a maior parte das sociedades primitivas não costumava deixar os idosos morrerem como animais e em algumas delas os mesmos gozavam de boa posição entre os seus. Os mongóis davam importância à sabedoria dos idosos. Foi relatado que nos Koriaks os laços de família são fortes; o enfraquecimento senil não acarreta quebra de prestígio social, tendo inclusive o ancião papel importante em relação aos bens, administrar,

decidir migrações. Também os incas, chukchees, dentre outras, foram povos que souberam prestigiar seus idosos.

Os Yahgan, já desaparecidos, viviam no litoral da Terra do Fogo, das tribos mais primitivas que se conhecem: não possuíam machado, anzóis, utensílios de cozinha, nem cerâmica e sua sobrevivência era cuidada dia-a-dia, visto que não mantinham provisões. O alimento é compartilhado entre toda a comunidade, mas os velhos são os primeiros a serem servidos e os melhores lugares nas choças são para eles. Nunca são deixados sozinhos, recebem cuidados dos filhos.

Nas sociedades humanas como em outras espécies, a idade, a experiência constitui um bem de valor, mas no plano econômico, muitas vezes o velho já não pode trabalhar, muito embora seja comum no nosso meio, o idoso aposentado ser a única fonte de renda nos lares brasileiros. A idade significa acúmulo de experiência, mas também representa uma boca a mais para alimentar e que já não pode render os frutos que rendia, pois as próprias aposentadorias são baixas, na sua grande maioria.

A leitura que a sociedade faz de que a velhice é sinônimo de inutilidade é uma visão distorcida e, por vezes, cruel. De acordo com Mosquera (1976 apud MOSQUERA, 1982, p. 131): “Na nossa cultura ser jovem é ter as possibilidades de fazer as coisas; é o novo mito [...]”.

2.4 UM OLHAR SOBRE A VELHICE NAS SOCIEDADES OCIDENTAIS

Beauvoir (1970) mais uma vez tece uma trajetória elucidativa acerca do tema, com foco nas sociedades ocidentais, trazendo como exceção a China que na sua sociedade reservou uma posição de destaque ao velho a tal ponto que alguns desejavam ser mais velhos para ter o direito às atenções privilegiadas que o idoso nessa cultura recebia. A experiência dos idosos era venerada e era o mais importante nessa cultura em relação à força. A autoridade dos anciãos estava presente nos lares.

Na doutrina taoísta a longevidade era uma virtude. A mesma situa aos 60 anos, momento em que o homem é capaz de libertar-se de seu corpo através do êxtase e de se tornar um santo. O fim supremo do homem era a longevidade. A velhice significava a vida sob sua forma suprema. Na literatura chinesa a velhice jamais era apresentada como um aviltamento,

como um flagelo, porém no meio ocidental o primeiro texto a respeito da velhice relata que o fim de um ancião é penoso e a velhice a pior desgraça de que um homem pode ser acometido.

Exposto isso, talvez daí venha a concepção cultural de que nos orientais a velhice é fonte de sabedoria e para os ocidentais o término de tudo.

Para os egípcios restava sempre alguma esperança de vencê-la, apontavam, inclusive fórmulas de como transformar um homem velho em jovem. Provavelmente, isso tenha inspirado a busca da humanidade pela eterna juventude. Lembremos o lendário personagem de Cleópatra que fazia seus banhos em leite de cabra para manter fresca e bela sua pele.

Para o povo judaico a velhice sempre foi acolhida com muito respeito. Na Bíblia há narrativas, contudo é difícil saber o que é mito e o que é realidade. A idade tardia em Levítico (19:32): “Levantar-te-ás diante dos cabelos brancos e honrarás a pessoa do velho”. Beauvoir (1970, p. 106) aponta para uma atitude de respeito e obediência, contudo há passagens em que a velhice é vista como algo negativo, como em Eclesiastes:

Lembra-te de teu criador durante os dias de tua juventude, antes que cheguem os maus dias e que se aproximem os anos em que dirás: Não encontro aí nenhum prazer. Antes que se obscureçam o sol e a luz, a lua e as estrelas, e que retornem as nuvens após a chuva (redução da acuidade visual, extinção das forças intelectuais), tempo em que os guardiões da casa (os braços) se põem a tremer, em que os homens fortes (as pernas) se curvam, em que aqueles que moem (os dentes) se detêm por estarem diminuídos [...].

As informações a respeito da velhice na Antiguidade são escassas e a mitologia está muito presente. Consoante Beauvoir, tanto na história como na mitologia grega, o conflito entre as gerações era latente, havia deuses que ao envelhecerem tornavam-se cruéis. Há narrativas míticas a respeito da velhice.

A lenda de Filomon e de Baucis, um casal idoso, fiéis um ao outro e, portanto, lhes valeu como recompensa a longevidade, representando uma vitória sobre a morte. As lendas mais significativas são as de Titon e de Eson. A de Titon revela que a velhice e decrepitude representavam um flagelo ante os gregos e a de Eson que rejuvenescido às portas da morte, por artes mágicas, demonstram o velho sonho da eterna juventude.

Na Grécia antiga a idade avançada estava ligada à honra. Homero associava a velhice à sabedoria, mas em tempos de guerra o vigor físico dos jovens era importante e, em períodos assim os velhos eram relegados. Se atentarmos para os poetas da época, há os que decantavam a velhice, Píndaro afirmava que esta lhe dera riqueza e glória já Anacreonte cantava que envelhecer era perder toda a doçura da vida. Sólon (poeta e legislador ateniense em 594 a.C.)

deixava claro que era desejável viver até os 80 anos, pois ao avançar na idade nunca deixava de aprender: “Ao avançar em anos, nunca deixo de aprender”.

Nos filósofos gregos em Platão e Aristóteles encontram-se conclusões opostas. Para Platão que tinha suas idéias ligadas à política, referia-se que o homem só estava apto a governar após uma educação que iniciava na adolescência e atingia a plenitude por volta dos 50 anos. Esse reinado seria uma gerontocracia. Admitiu que o corpo não passa de uma aparência e que a verdade do homem está em sua alma.

A degradação provocada pela idade não a atinge. Sócrates acrescenta que o contato com os velhos é instrutivo. Assim mencionava Platão: “Aos mais velhos cabe comandar; aos jovens, obedecer”. Aos 80 anos de idade Platão volta a tratar demoradamente do assunto nas Leis, referindo a obrigação dos filhos para com os velhos pais, devendo os filhos dispor para os mesmos sua casa e riquezas.

Na filosofia de Aristóteles, o homem existe em função tanto da alma como do corpo. Os males que afligem o corpo terminam por afligir também a alma. Para a velhice ser ditosa necessita um corpo livre de enfermidades. Aristóteles proclama a juventude como a fonte de tudo o que é belo e a velhice, ao contrário, queixosa e inferior, são indivíduos diminuídos. Aristóteles afasta o velho do poder.

Com o advento da Idade Média, período de grande destruição, o trabalho no campo era árduo e o homem de idade não podia dele participar. A literatura da Alta Idade Média não se interessa pelos velhos. Nos séculos XII ao XV a velhice continua sendo mostrada como algo negativo. Beauvoir traz um conto dos irmãos Grimm, onde Deus concedeu 30 anos de vida ao homem e aos animais. O cão, o macaco e o asno lograram uma redução, pois lhes parecia penoso viver 30 anos, passando a 12, 10 e 18, respectivamente.

O homem queria viver mais e pediu os 18 anos do asno, os 12 do cão e os 10 do macaco, ficando com 70 anos. Os 30 que já eram seus passaram rápido, os 18 que tomou do asno lhe trouxe a conseqüência de penosas cargas para carregar, os 12 do cão penúria por não ter dentes para comer, após, restava-lhe os 10 anos do macaco que lhe serviria de troças, caretas para provocar gargalhada.

A velhice é algo triste e penoso e a responsabilidade é do homem que pretendeu viver mais que os animais. Nesses contos a mulher é tida como um ser maléfico, travestido de feiticeira e bruxa e quando faz o bem está disfarçada de fada. Cabe lembrar que nessa época da Idade Média era raras pessoas de idade avançada, na plebe, quase não existiam. Dada algumas condições de vida, dificilmente passavam dos 30 anos, mas já havia o sonho de

sobrepujar a velhice. No clássico sumério “Gilgamesh”², de 311 milênio a.C., a mais antiga obra literária conhecida, o herói de mesmo nome procura uma fonte milagrosa que cura e torna imortal.

Continua-se com algumas incursões teóricas e evidentemente que o tema não será esgotado, permitindo ser ponto de partida para aprofundamento. Em termos de planejamento no campo pedagógico, indicam-se alguns exemplos de abordagem de conteúdos para algumas disciplinas: na de História explorar como era vista a velhice em determinadas sociedades, na Língua Portuguesa textos que permitam aos alunos reflexões e discussões, elaborações escritas, nas Ciências desde a Biologia com o processo de envelhecimento, enfim as variadas disciplinas podem focar os conteúdos pertinentes, utilizando-se da transversalidade bem aplicada e bem conduzida.

É, ainda, interessante apontar que quanto aos povos bárbaros há um fato que demonstra a desvalorização sofrida pelo indivíduo com o passar dos anos. A invasão desses povos e o triunfo do cristianismo determinam o fim da Idade Antiga. Pouco se sabe sobre a velhice e o tratamento dado a ela entre os bárbaros, mas a mitologia aponta que na batalha de gerações o resultado era favorável aos jovens.

O cristianismo difundido entre os bárbaros passou a ser a ideologia do ocidente. Via a velhice como sombria. Os idosos através da Igreja, principalmente católica podem ter sido beneficiados por caridades, mas não tinham dela o reconhecimento e valor que mereciam, fato que hoje mudou. É interessante reportar-se ao ano de 2003 quando o tema da Campanha da Fraternidade foi sobre os Idosos.

Inúmeras escolas, públicas e privadas, principalmente as católicas, trabalharam o tema, mas urge trabalhá-lo sempre de forma contínua e perene, pois essa realidade acontece cotidianamente.

² O personagem **Gilgamesh** (ou **Gilgamexe**) foi um dos reis sumérios que governaram após o dilúvio. Segundo o mito, era 2/3 deus e 1/3 humano, e foi autor de grandes feitos sobre-humanos, sendo que se livrou de algumas armadilhas colocadas por eventos fantásticos e divinos. Seu personagem lembra muito o mitológico Jesus Cristo, herói greco-romano (na Grécia era chamado de Herácles), sendo extremamente forte, o mais poderoso da Terra. O mito também possuiu um paralelo bíblico conhecido como Nimrod (ou Ninrode). Um pedaço de sua vida é descrito em um épico sumério que é considerado a mais antiga narrativa escrita pela humanidade, a Epopéia de Gilgamesh. Após a morte de seu melhor amigo e parceiro de aventura, Enkidu, o que moveu Gilgamesh pelo resto de sua vida foi a busca da imortalidade. O mito de Gilgamesh relaciona-se à busca desesperada por algo (a vida eterna) que lhe foi negado em seu nascimento. Em sua procura, vai atrás do único sobrevivente do dilúvio e a receber a imortalidade, o qual seria Utnapishtim, que tem uma história parecida com a do Noé bíblico, quem - disseram-lhe - poderia ter o segredo da vida eterna, por motivos óbvios. Assim, ele abandona sua vida para buscar, sem sucesso, a vida eterna. (Informação extraída da *wikipédia*, em 03 jan. 2010).

A Campanha da Fraternidade de 2003 expressava:



Figura 1: Logo da Campanha da Fraternidade de 2003
Fonte: Campanha da Fraternidade, 2003.

No final do ano de 1999, João Paulo II escreveu uma “Carta aos Anciãos”:

Meu pensamento dirige-se com afeto a vós, caríssimos anciãos de qualquer língua e cultura. Escrevo-vos esta carta no ano em que a Organização das Nações Unidas quis oportunamente dedicar aos anciãos, para chamar atenção da sociedade inteira para a situação daquele que, pelo peso da idade, deve com frequência enfrentar problemas numerosos e difíceis (CAMPANHA da Fraternidade, 2003).

A população brasileira, segundo dados da *wikipedia* (acessado em 03/12/2009) é majoritariamente cristã (89%), sendo sua maior parte católica. Herança da colonização portuguesa o catolicismo foi a religião oficial do Estado até a Constituição Republicana de 1891 que instituiu o Estado laico. Assim foi dignificante enaltecer o tema na Campanha da

Fraternidade de 2003, trazendo dentre seus principais objetivos: **Educar as pessoas para o envelhecimento**. “A Campanha da Fraternidade 2003 quer resgatar a importância das pessoas idosas para a sociedade, a fim de que a velhice, que é a etapa mais longa da vida humana, seja marcada pela vida, pela dignidade e pela esperança”. (CAMPANHA da Fraternidade, 2003).

A literatura referente à velhice não foi tão intensa como sua iconografia. O tema das fases da vida surgiu num afresco árabe do séc. XVIII. Ao findar a Idade Média a longevidade ainda era rara. Carlos V morreu com 42 anos e deixava a reputação de velho sábio. Começa a vislumbrar-se uma sociedade já pautada por contratos e não a obtenção de propriedades pela força bruta. Surgem conselhos sobre a velhice, como elaborar testamentos como se preparar para a morte.

Mesmo na Renascença, século XVI, a velhice continua sendo retratada praticamente da mesma forma. A velhice é algo feio, pois o renascimento exalta a beleza do corpo. Erasmo em seus temas louva o homem que não se deixa abater pela velhice e continua a render louvores à vida, mas apunhala a mulher idosa de forma impiedosa. Havia um excesso de moralismo em seus textos.

É de destacar que raramente em alguma peça ou textos o idoso aparece, porém convém trazer Shakespeare em o Rei Lear, onde um velho encarna o homem e seu destino, mas um destino de declínio e de amargura.

No século XVIII a população aumentou e rejuvenesceu na Europa e sem dúvida a higiene teve papel importante, mas os velhos das classes mais pobres viviam menos, pelo excesso de trabalho, má alimentação, acabando na velhice como mendigos. No século XIX as mudanças geradas exercem uma influência sobre a condição dos velhos. Os mitos da velhice cedem lugar ao conhecimento que aliado à medicina atende melhor os idosos, mas a evolução econômica foi cruel com os velhos, surgindo o proletariado com a revolução industrial e quem não pudesse aportar trabalho era esquecido e no meio rural também não tinham forças para as causticantes atividades.

Ainda nessa época, aparece muito timidamente uma legislação para defender o velho das agruras dos filhos. O pai que se despojava em vida de seus bens ficava o filho encarregado de prover-lhe uma pensão vitalícia, daí talvez o motivo para fazer desaparecer os mesmos, quem sabe por inanição ou até assassinato, todavia não tardaram as denúncias sobre os perigos os quais estavam submetidos os velhos.

Então, no século XX com o considerável envelhecimento da população começa a surgir uma política da velhice e o assunto começa a ganhar espaço em alguns ambientes

acadêmicos, legislativos e jurídicos. Pretende-se com esta Dissertação abordar alguns temas concernentes em ditas esferas, sem olvidar determinados aspectos de saúde, afetivos, educacionais, dentre outros que compõem o tema do envelhecimento.

2.5 DE TEMPOS EM TEMPOS OS TEMPOS REVELAM-SE

A longevidade é uma árdua conquista do século XX que, com a queda da natalidade e o avanço da Medicina está ocasionando um drástico envelhecimento da população mundial, tornando-se assim um fenômeno. O tema vem sendo abordado em países desenvolvidos e em países do terceiro mundo, citando Zimerman (2000, p. 14):

Na fase pré-industrial, a maioria dos países do mundo vivia um momento em que tanto a natalidade quanto a mortalidade eram altas. A partir do advento da Revolução Industrial, no século XIX, começou a haver redução tanto da natalidade como da mortalidade e, na etapa pós-industrial, acelerou-se o controle de doenças infecciosas, com maior atenção à saúde em geral e, em particular, às doenças degenerativas e crônicas, típicas dos velhos.

Na ótica da autora, após a Segunda Guerra Mundial, foi visível o fenômeno denominado *baby-boom*, referindo-se ao elevado crescimento na taxa de natalidade, especialmente nos países da Europa e nos Estados Unidos. Entre os países da América Latina, o Brasil é o país que vem apresentando maior aumento na população de idosos.

Estima-se que até 2025 seremos o sexto país do mundo com o maior número de pessoas idosas, fenômeno visível também nos Estados Unidos e Europa. Como sinaliza a autora ocorrerá o “velho-boom”, as pessoas que nasceram no pós-guerra estarão na faixa que vai dos 65 aos 80 anos, o que, ainda diz a autora, sem dúvida terá uma repercussão social. Que providências a sociedade como um todo está tomando frente a essa realidade já presente? No contexto brasileiro, em especial, é grande a desinformação sobre o idoso e as particularidades do envelhecimento humano.

Com o advento do Estatuto do Idoso, Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003, trazendo em seu bojo uma gama de direitos aos destinatários em sua fase idosa, dá-se um pontapé inicial para a definição da Política Nacional do Idoso. Pontualmente, urge fazer cumprir este célebre código que veio inaugurar em nosso país novos rumos, permitindo reflexões e indagações. Muito sabiamente quis o legislador criar um mecanismo legal para

que a educação brasileira também disponha desta útil e preciosa ferramenta: O Estatuto do Idoso. Nas considerações finais presentes no instrumento acima citado, trazidas pelo Senador Paulo Paim (2008, p. 28), consta:

[...] Sabemos que o maior legado que podemos deixar para as gerações que estão se constituindo é a **educação** voltada para o respeito aos direitos humanos. Só é possível uma harmonia que escapa da violência, dos maus-tratos na infância e na velhice, dos salários indignos, das piores condições de sobrevivência, do sofrimento e do abandono social quando existir o respeito e a valorização do outro, da natureza e da humanidade. [grifo meu]

Desta forma, assim prevê a respectiva lei, *in verbis*:

Art. 25- Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal devem ser inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, com o objetivo de eliminar preconceitos e disseminar esses conhecimentos.

Sendo os valores elementos constitutivos da educação, necessita-se construí-los, aclará-los, desvendar o que se almeja, portanto a prática educacional deve espelhar os valores que se quer implementar em nosso meio social.

Com o aumento da expectativa de vida e conseqüente modificação na pirâmide etária do país, cada vez mais se percebe a importância de conhecer o desenvolvimento do adulto, com ênfase ao idoso ou adulto tardio, como costuma referir-se o Dr. Mosquera. Desencadeia, assim, a necessidade dos profissionais da educação de conhecer assuntos que norteiam o desenvolvimento do adulto, pois junto a ele está a criança, a próxima geração escolar a conviver na comunidade, pois, hoje é comum presenciar avós que acompanham à escola os netos na idade primária e, em muitos lares, com suas aposentadorias representam o sustentáculo da família. Muitas vezes, entender esse vovô que se aproxima do meio escolar, esse vovô que aporta ganho financeiro, dentre outros, pode ser a fórmula para impulsionar uma convivência afetuosa e respeitosa no meio social. Como a educação pode contribuir com esse segmento populacional? Essa é a tônica principal desse trabalho de pesquisa.

Evidente que é difícil assimilar o que não se conhece. Há um vazio cultural sobre as alterações morfológicas e psicossociais que acompanham o processo de envelhecimento. Através de alguns suportes teóricos aqui oferecidos, pode-se propiciar reflexões e apontar indicadores para uma possível implementação de conteúdos sobre aqueles “cabelos brancos” que trazem um histórico e dificuldades acarretadas pelos anos que já não lhes permite as facilidades dos jovens. A idade lhes dá uma gama de sabedoria, mas lhes rouba, lhes deteriora estruturas físicas, psíquicas, dentre outras.

Com o presente trabalho pretende-se suscitar reflexões acerca do tema nos gestores políticos (Secretaria Estadual da Educação, Conselho Estadual da Educação e Conselho Estadual do Idoso, data), Equipe Diretiva da escola e Professores do Ensino Básico, com ênfase ao Ensino Fundamental.

Obviamente que tal tema deve ser trabalhado levando em conta a maturidade do educando. Trazer à escola o fenômeno do desenvolvimento do adulto com ênfase ao idoso, permeando alguns temas psicológicos, biológicos e aspectos sociais relevantes que acompanham este processo, permite compreender as mudanças que ocorrem no ser humano com a idade, ademais de contribuir para uma maior manifestação de respeito e afeto pelo idoso. Tal temática, muitas vezes, esquecida no cotidiano escolar, pede a uma educação do terceiro milênio emergir e fincar raízes na educação formal.

Espera-se que neste início de século inicie um novo desenho social, onde as distâncias serão encurtadas, os preconceitos enterrados e o amor praticado. Para tanto à escola está reservado um papel de destaque, contribuindo fundamentalmente para estabelecer laços coesos entre jovens e idosos: aquele que outrora embalou seu berço com braços rijos e mãos firmes, hoje, lhe estende seus braços frágeis, esperando encontrar o que nunca lhe negou: um abraço significativo. Também não se pode olvidar da importância da relação entre os próprios idosos, somando-se uns aos outros na busca de melhores dias nos mais variados aspectos.

Seria muita pretensão imaginar esgotar nesta Dissertação todas as implicações que o tema acarreta, mas se deseja que desperte nos trabalhadores da educação um novo horizonte que traga ao cenário educacional mais conhecimentos a respeito da temática, validando a velhice como fonte de imersão no cotidiano brasileiro, visto que dados apontam como já se referiu anteriormente, um significativo aumento dessa população.

É necessário estimular uma educação intergeracional, rechaçar preconceitos tão arraigados que não agregam harmonia, paz, elementos tão necessários na sociedade vigente, como preceitua Néri (2006, p. 14):

Pode-se dizer que atitudes negativas, crenças incorretas, preconceitos e estereótipos em relação à velhice são tão velhos quanto à rejeição do ser humano à dependência, ao sofrimento, à doença e à morte, que se tornam cada vez mais prováveis com o envelhecimento.

Tais assertivas em relação à velhice podem ser mudadas, mas onde iniciar esse processo? Na família e nos bancos escolares. É aí que se pode trabalhar, discutir, refletir e

quebrar as barreiras culturais e afetivas que norteiam a sociedade e faz com que direitos dos idosos sejam desrespeitados.

É educando que se resgatam valores, empreendem-se novos cidadãos e dissemina-se o bom, o belo e a sociedade de cultura de paz que todos almejam. Dar as costas aos idosos é dar as costas ao futuro de todos, pois sabidamente, por ordem natural este é o caminho, esta é a etapa pela qual se passará e não se pode negar seu espaço.

Aquilo que se planta é o que certamente se colherá. Boas sementes geram bons frutos, preparar o solo, fertilizar as escolas com cândidos olhares para com o idoso e conclamar a sociedade para participar, vestir a todos com os escudos do amor e da solidariedade é traçar um caminho salutar. Nobreza é dividir afeto, deixar nossos precedentes fartos de amor e compaixão, cercar-lhes de carinho e de respeito.

Os “velhos” e aqui colocado de forma carinhosa e respeitosa, são a memória, a história e um vínculo indissociável com a realidade, advindos que se é de um encontro também genético, porque não se nasce de uma geração espontânea, se é a soma dos que precederam e isso é fato é ciência e não se pode negar, sob o risco de ser sepultado o que se é. A herança dos antepassados é inegável.

Desta forma, abre-se a possibilidades de criar na sociedade outro cenário, quebrando tabus e resistências, apontando possíveis caminhos, ratificando o convite para o desafio de implementar assunto tão relevante para que esteja presente nos currículos escolares, em especial, no Ensino Fundamental.

2.6 OUTROS TEMPOS

Há jovens cansados e velhos de espírito e há idosos ousados e jovens de espírito. O mito de que fazer é exclusividade do jovem já não merece acolhida. A escola buscando trabalhar as relações humanas e interpessoais, levando em consideração as temáticas e vieses abordados anteriormente, gerará pessoas mais sadias, com condições de fazer e receber críticas. A vida é formada de ciclos. Ser idoso é fazer parte de um dos ciclos da vida onde também é permitido recomeçar.

O porquê de nossa existência é a pergunta que nunca quer calar. A presente indagação faz parte das fases da vida, porém na fase tardia, talvez ela seja mais latente e, cabe

à sociedade responder que a capacidade humana vai além da capacidade física, alimentando a seiva do arranjo existencial que é a vida, pode-se experimentar o doce prazer de reinventar a própria existência a cada dia.

É no ambiente escolar com todos os atores e direção que se pode fazer a melhor performance: valorizar a dinâmica da vida. Ressaltando: a possibilidade do tema do idoso e sua valorização fazer parte dos currículos escolares pode significar um desafio, um pensar ousado para estabelecer uma ética solidária além dos muros escolares.

Nesse diapasão, vê-se que na sociedade atual onde é tão importante a imagem, onde o consumismo é desenfreado e que é incessante a busca da eterna juventude, ser velho parece ser degradante. Por um lado temos os fatores biológicos, inerentes ao ciclo da vida, mas a cultura de que o vigor, a chama da vida esteja somente no jovem é um equívoco. O envelhecimento é algo temido, até mesmo por falta de conhecimento.

A própria literatura, muitas vezes, nos dizeres de Mucida (2006) utiliza o termo envelhecimento no sentido negativo. Associa-se muitas vezes a velhice com doença e decrepitude, como se nada mais restasse nessa etapa da vida. Nesta direção, Mosquera e Stobäus (2006, p. 129) salientam “que a conexão entre os sentimentos e o processo cognitivo propicia à pessoa uma vida de grande sensibilidade, que pode ser cada vez mais apreciada, na medida em que cada um desenvolve a sua capacidade afetiva e suas potencialidades diferenciais”.

Disso resulta a importância das práticas escolares saírem do papel, buscando estimular ideal humanista. A educação não pode ser mais espaço somente para discursos políticos e maniqueístas. Os princípios mais solidários e fraternos fazem parte do ideário pedagógico e a própria lei traz no seu bojo valores desta natureza, mas se não forem praticados não frutificarão.

Despertar a afetividade, entender as emoções, não somente privilegiar o cognitivo pode ser o começo para uma nova ordem social. Lembrando a sábia colocação: “as emoções nunca têm sido muito populares em nossa civilização, especialmente nos últimos séculos, por isto o controle e a ausência de emoções foi considerada uma conquista preciosa do ser humano, em certos segmentos sociais” (MOSQUERA; STOBÄUS, 2008, p. 110).

As emoções e a afetividade são indispensáveis para o entendimento da pessoa como um ser completo. Somos um intercâmbio de relações, um somatório do corpo e alma. Por certo, a autonomia é importante, mas um fazer pedagógico equilibrado pode estabelecer novos rumos para o ser humano.

Citando Mahoney (2000, p. 85):

[...] toda prática verdadeiramente pedagógica tem por finalidade o desenvolvimento da pessoa e o fortalecimento do eu. Sua intenção, portanto, tem de ser levar o aluno a fortalecer a auto-estima, ter confiança em si e nos outros, ter respeito próprio. E, assim fortalecido, pode ser solidário em suas relações.

Assim não basta estudar, Matemática, Português, História e, dentre outras, há que ir além. O currículo deve abarcar conteúdos que visem à inteireza do ser. Repisando: o trabalho da educação deve ser voltado para formar o cidadão integralmente, como afirma Morin (2005, p. 11): “Uma educação só pode ser viável se for uma educação integral do ser humano. Uma educação que se dirige à totalidade aberta do ser humano e não apenas a um de seus componentes”. Isso quer dizer que uma educação do futuro deverá abranger o ser humano em todas as suas fases orgânicas de vida: da infância à terceira idade, sendo o indivíduo educado desde pequeno à compreensão de que um dia também será idoso.

Como tão bem colocou Beauvoir (1970) a velhice é uma “realidade trans-histórica”. A sociedade numa época ou outra viu o velho com olhos diferentes. Nesta linha, Loureiro (1998, p. 25) afirma: “A aceitação ou a negação da velhice variam nas culturas e de uns para outros pensadores”.

A velhice é produto de uma cultura, cada grupo tece o seu modelo de velhice. Segue na mesma direção, Dr. Juan Mosquera (1978, p. 201), quando fala na Psicologia do desenvolvimento humano, onde os estágios da personalidade revelam o desenvolvimento histórico e padrões comportamentais da sociedade da época. Segundo ele: “O intercâmbio história-homem é, sem dúvida, qualitativo e não apenas quantitativo. A história também amadurece e os sintomas da história nos revelam os sintomas das pessoas”.

Conclui-se que o sentido de velhice decorre da visão que a sociedade imprime. Habilmente impõe-se: a escola pode fazer uma nova sociedade. Cada cultura traz a maneira de tratar seus antecessores. Numa época ou em outra, as sociedades encararam a velhice de forma variada, acompanhada de aspectos paradoxais.

De uma ótica pessimista chega-se a uma mais realista, porém neste terceiro milênio, sem dúvida, com essa população emergente, o tema requer mais conhecimentos técnicos e científicos para se saber que processo é esse que cerca a todos nós e espreita a vida a cada aniversário que se comemora? O que se sabe sobre o envelhecimento, o que se conhece sobre esse processo, desde sua historicidade até os dias atuais?

Ora a escola terá que preencher essa lacuna. Morin (2005) em seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro* trata da necessidade de promover o conhecimento capaz de apreender problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais. Não há mais dúvida e os dados apontam para um crescimento demográfico mundial da população de idosos, eis um problema global, mas muito perto de nós, brasileiros, cujos dados registram, repetindo: em 2025 seremos o 6º país do mundo em número de idosos e, no Rio Grande do Sul, tem-se a cidade de Veranópolis, a terra da longevidade, portanto, é crucial permear as atividades escolares, com a realidade da velhice tão próxima.

O autor também faz uma crítica ao conhecimento cada vez mais compartimentado, ‘fragmentado’ que impede de operar o vínculo entre as partes e o todo; devendo, conforme Morin (2005, p. 14):

[...] ser substituída por um conhecimento que envolva o contexto, a complexidade e o conjunto daquilo que foi aprendido. O ‘espírito humano’ possui uma capacidade natural em situar todas as informações apreendidas em um contexto e um conjunto; isso deve ser aproveitado e desenvolvido [...].

É preciso estimular o aluno a estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo. Assim, pode ser inserido também o tema do idoso em sala de aula, mostrando aos alunos que, como criança, eles têm o seu próprio universo, mas também faz parte de um universo maior. Neste universo maior existem outros indivíduos, pertencentes a outras fases da vida, as quais eles irão mais tarde participar. E ao participarem dessa outra fase (velhice), gostarão de ser respeitados assim como querem e devem ser respeitados como crianças que são.

Na perspectiva de Morin (2005) é discutida outra realidade ignorada pela educação: o destino planetário do gênero humano. Para o autor, o reconhecimento da identidade terrena se tornará cada vez mais indispensável a cada um e a todos devendo se converter em um dos principais objetos da educação. Além disso, deve-se também ensinar a história da era planetária e mostrar como todas as partes do mundo se tornaram solidárias, como o Morin (2005, p. 55) aponta: “[...] será preciso indicar o complexo de crise planetária que marca o século XX, mostrando que todos os seres humanos, confrontados de agora em diante aos mesmos problemas de vida e de morte, partilham um destino comum”.

Os seres humanos possuem os mesmos direitos. Essa é a obrigação que a educação deve desde já programar: “ensinar a igualdade entre os seres humanos”. A escola deve ensinar a “estar aqui” no planeta e aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a

comunicar, a comungar. A criança que aprende essas noções na escola respeitará o outro (seja ele quem for: jovem, adulto, idoso) e será um adulto respeitador dos direitos e condições humanas do seu próximo, pois a “sociedade como um todo está presente em cada indivíduo”. Mais uma vez, a importância de se colocar no currículo escolar conteúdos que ensinem todos a respeitar, a conviver e principalmente a compreender o idoso e essa fase da vida pela qual todos passarão. Com essa educação voltada à inclusão do idoso numa sociedade que o aceita, respeita e o compreende, ele se sentirá mais útil e mais feliz e mais consciente do seu próprio papel na sociedade, espelhando Morin (2005, p. 55): “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana”.

Cabe também apor os dizeres de Durand (1989, p. 296): “um humanismo planetário não se pode fundar sobre a exclusiva conquista da ciência”, há que se sedimentar sobre as bases da solidariedade. Também se pode falar em ética planetária (tema abordado no Fórum Mundial de Educação em Santa Maria em maio de 2008), ética essa baseada na defesa da vida e das relações solidárias entre as pessoas. O homem é o que faz a si e como já foi dito: em constante processo de atualização sócio-cultural. Costurando com as colocações de Morin (2005), extrai-se que a ética planetária abarca o destino planetário do homem.

A escola pode ser o espaço para tecer as particularidades culturais locais, inserindo-as no global, permitindo a construção da universalidade. Não se está isolado, os problemas repetem-se, há questões comuns às diferentes comunidades. A ética planetária é fundamentada na justiça social, sendo transcultural, transracial e supra-econômica.

2.7 O TEMPO EM CADA TEMPO DA VIDA

Sempre se ouve: tudo tem seu tempo. A própria natureza, quer nas suas estações, quer nas fases da lua, quer no movimento das marés está impregnada de ciclos. O homem também faz parte da natureza e passa por ciclos. Negar tal condição é negar que não se nasce, não se cresce e que não se morre. Cada fase vem permeada de suas peculiaridades.

O tempo é uma passagem, talvez somente percebida quando se depara com o espelho, onde a imagem é refletida. Enrugar pode ser um processo doloroso, dependerá da

visão de mundo que se tem, mas cada ruga é tão particular e única e vem eivada de acontecimentos alegres, tristes, enfim de experiências únicas, ímpares.

Nos dizeres de Néri (1991, p. 17-8): “O tempo é um ente natural que determina o destino dos homens, ao permitir a vida a cada dia, mas a leva consigo a medida do seu transcurso. Ele desgasta, amadurece ou devasta as pessoas. Apura suas qualidades, como o faz com os vinhos”.

Experimentam-se a cada dia, horas a menos, meses, anos... Não se pode esquecer que são artefatos como o relógio e o calendário que arbitram o tempo, mas e a experiência de vida, como mensurá-la? Nenhum objeto está á disposição para tanto. As atitudes, o comportamento, a forma como se responde diante de problemas que se apresentam no dia-a-dia dão pistas de como foi elaborada a vida em fases anteriores e as respostas que se dá ao mundo dão conta dos passos e caminhos escolhidos de como se vive a fase tardia.

Assim, seguem-se as diferentes possibilidades de entendimento quanto ao tempo. Ressalte-se que aqui, não se aprofunda a questão, mas se tece condições para os que desejam acrescentar diferentes estudos ao tema.

É pertinente trazer à tona a colaboração de Loureiro (1998, p. 57-65), baseada na obra *As culturas e o tempo* de Paul Ricoeur (1975), noções através de algumas culturas de como é visto o tempo. O autor traz Claude Larre sobre o tempo para os chineses: “tem todo um vocabulário de tempo e uma certa lógica na concepção e na organização do tempo, nas palavras e em toda vida”. Ainda traz a noção de tempo para os hindus em Raimundo Panikkar, que repousa, sobretudo, em um “cuidado espiritual da superação do tempo”. No seu livro sagrado: *Vedas* encontram-se expressões como tempo vital, duração da vida, tempo de sacrificio. Para esse povo, nos dizeres de Panikkar, o tempo é “um destino inelutável, que conduz à velhice e por fim à morte”.

Também na cultura bantu, trazida por Alex Kagame o que importa é o “tempo disso ou daquilo, o tempo propício para isso e aquilo”. Esse povo tem uma cultura sem escrita, então colocações são empíricas. “O tempo é uma entidade incolor, indiferente, enquanto um fato concreto não sobrevém para marcá-lo, selá-lo”. Ainda em Ricoeur, lembrando Lloyd: os gregos não tinham uma concepção única de tempo.

O mesmo autor refere-se às diferenças entre deuses e homens. Os primeiros são imortais; e os homens são expostos à velhice, assim há uma aceitação da irreversibilidade da velhice e sua aproximação com a morte.

O tempo cristão para Ricouer caracteriza-se “pelo ritmo de nossas semanas e anos, no qual o conjunto da comunidade cristã deixou sua marca temporal”. Como sublinha Altair Loureiro (1998) as concepções cristãs de tempo são variadas, pois várias são as formas confessionais de cristianismo. Ainda, aponta-se, vagamente, o tempo para os muçulmanos, que faz alusão há um tempo divino, conforme Gardet.

Ressalte-se que aqui, não se aprofunda a questão do tempo e suas possibilidades de entendimentos, apenas abre-se caminhos para melhor situar essa temática, ao apontar a diversidade de relações com a natureza. O tempo é o tempo que se vive. Sendo uma dimensão abstrata o sentimos quando o experimentamos a cada dia. Rotular o tempo nomeá-lo é preocupar-se com o invólucro e não com o conteúdo. O tempo, enquanto cronológico para o adulto tardio, serve muitas vezes para estereotipias vulgares e impiedosas.

As “idades do homem” são puras invenções sociais: o conceito de infância emergiu nos séculos XVIII e XIX, o de adolescência em fins do século XIX e o de juventude 20 ou 25 anos atrás. O conceito de meia-idade como etapa intermediária entre a idade adulta e a velhice data dos anos 60. Os anos 70 assistiram a promulgação do conceito de ‘velhice avançada’, sem dúvida um fato social e demográfico novo na história da humanidade” (ÁRIES e colaboradores apud NÉRI, 1991, p. 17-8).

A cultura vivenciada hoje é on-line, o tempo é dinheiro no mundo ocidental, principalmente na sociedade em que se vive. A rapidez com que tudo acontece, a inquietação que as mudanças provocam, aponta para a angústia do inesperado. Clama-se por soluções ecologicamente corretas, mas o homem não sabe viver sem poluir, grita por paz, porém arma-se para mantê-la, pede socorro a Deus, mas não cuida, muitas vezes, do lado espiritual. Não se quer violência, mas se fecha o nariz e se tapa os olhos, quando passa um mendigo malcheiroso. Precisa-se de leis para um afro-descendente ser respeitado pela cor que sua pele possui, lei para que o idoso seja respeitado, onde está o mais humano nos seres humanos?

Tem-se medo de arriscar, de romper paradigmas, mas o mundo atual exige uma nova forma de comportamento, uma nova educação. Hoje, em meio a tanta tecnologia e globalização, torna-se necessário e vital explorar, trabalhar as emoções. Os jovens, tão ávidos de luzes, sons e cores e tão imersos em incertezas necessitam encontrar na escola uma orientação para seus sentimentos.

Não há mais espaço para rechaçar a afetividade e a emoção, elementos que devem, no mínimo, serem considerados nos currículos escolares. A sociedade que se quer, depende muito da escola que se tem, da educação que se oferta. A mudança deve ser motivada, deve

ser significativa para toda a sociedade, a começar pela comunidade escolar, envolvendo a todos na busca de uma solidariedade planetária.

Quando não se cuida da alma e da sagrada morada que é o corpo e não se alicerça com solidariedade e com ética o cotidiano e não se costura com fios de esperança e afeto a sociedade, criva-se a existência de mal-estar. Então, o tempo é meu tempo de cada dia, pode-se fazê-lo aliado. A minha subjetividade permeia minha existência, esse é o meu tempo.

Nesta direção aponta Heidegger (1962), em *O ser e o tempo*, quando diz que o homem é um ser temporal e a temporalidade dá sentido à existência. O que reserva o futuro? Buscam-se muitas respostas, mas elaborá-las também é um caminho a ser percorrido. Não se pode olvidar que os sinais visíveis que a velhice traz não são meramente orquestrados por números.

Aferir a idade somente sob essa égide traz preconceito e discriminação. Afinal, que seria de cada um sem os avós, pais? Quantas vezes recorrem-se a eles para uma opinião, um acolhimento? A velhice depende, sobretudo, de ponto de vista de cada um. Restringir as etapas da vida a simples condicionantes: infância é tempo de brincar, a fase adulta de trabalhar, casar, ter filhos e a velhice de sossegar é limitar as possibilidades de desenvolvimento da pessoa humana em qualquer etapa de sua vida.

Será que alguém ousaria chamar de decrépito ou senil a John Glenn? Nascido em 1921 e que aos 77 anos em 29/10/1998, torna-se a pessoa mais velha a tocar o espaço sideral. Glenn foi submetido a testes físicos extremamente exigentes logrou êxito submeteu-se a mais de 500 horas de treinamento. Glenn já havia estado no espaço sideral em 1962, aos 40 anos. Sem dúvida, sua audácia quebrou estereótipos sobre o envelhecimento. É um ser humano com grandes potencialidades, como o poderia ser um jovem. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A complexidade do ser humano é curiosa: é criança se comparada a um adolescente ou adulto, jovem se comparado ao idoso. Demonstra assim que depende de qual ângulo observa-se para delimitar um ou outro. Assim, parece justo e fiel classificar não pela idade cronológica, mas por idade funcional (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006), ou seja, o quão bem uma pessoa funciona em um ambiente físico e social em comparação com outras da mesma idade cronológica. Uma pessoa de 90 anos que ainda está com boa saúde pode ser funcionalmente mais jovem do que uma de 65 anos que não está com sua saúde satisfatória. Não se pode prescindir de explanar a temática nos meios escolares, objetivando o entendimento do idoso e a complexidade que o cerca.

Coelho (1989, p. 35) enfatiza a relevância do preparo do jovem na problemática que envolve o idoso:

Portanto, devo frisar que, a integração do idoso na família, não deve prescindir de um preparo do jovem, de uma conscientização dos problemas do idoso, suas dificuldades de relacionamento, de adaptação, para que o jovem possa aceitá-lo, bem como sua família, facilitando assim a integração.

A sociedade não pode abrir mão da experiência do idoso. O corpo, a estrutura orgânica do mesmo pode determinar-lhe algumas dificuldades, mas o desejo de fazer pode continuar e a sede de novas descobertas também, vejam: “Acontece uma coisa interessante com o ser humano: a ideologia, o espírito progride mais rapidamente do que a estrutura. Descobrimos coisas novas, muito mais rapidamente do que a estrutura [...]” (COELHO, 1989, p. 34).

Conforme ilustração do quadro a seguir, atualmente, o ser humano vive quatro vezes mais do que no período paleolítico:

Ano	Período	Estágio sociocultural	Vida média do homem
250 mil a.C. 100 mil a.C.	Paleolítico	<ul style="list-style-type: none"> • Economia predatória (caça, pesca, coleta) • Nomadismo 	19 anos
10 mil a.C. 4 mil a.C.	Neolítico	<ul style="list-style-type: none"> • Revolução agrícola (economia produtora) • Técnica: lavoura, pastoreio, tecelagem, cerâmica) 	22 anos
4 mil a.C.	Civilização	<ul style="list-style-type: none"> • Revolução urbana (sociedade de classes, surgimento do Estado) • Técnica: arados, veículo com roda, escrita, início da metalurgia, silos, veleiros. 	25 anos
1400-1700	Civilização	<ul style="list-style-type: none"> • Revolução mercantil • Técnica: veleiros oceânicos, imprensa, armas de fogo, bússolas, mapas mundiais, relógios, ferro fundido. 	30 anos
1750-1950	Civilização	<ul style="list-style-type: none"> • Revolução industrial • Técnica: motores a carvão, hidrelétricas e combustão interna, ação, borracha, avião, televisão, automóveis, indústria química. 	55 anos
1050-1993	Civilização	<ul style="list-style-type: none"> • Revolução termonuclear • Técnica: transistores, reator nuclear, bomba atômica, computadores, automação, produtos sintéticos, engenharia genética. 	80 anos
Século XXI	Civilização		115 anos (projeção)

Quadro 1: De Tempos em Tempos

Fonte: COTRIM (1996, p. 25-6)

O quadro referido presume-se que por equívoco, o autor cometeu erros de grafia e provavelmente onde assinala o período de 1050-1993, quisesse dizer “1950-1993”, porém por fidelidade ao mesmo, manteve-se a escrita e disposição original.

2.8 TEMPO DE PLANTAR...

A velhice pode ser uma fase muito especial como qualquer outra, pode ser o momento em que a própria vida pode ser revisada e ampliada através das experiências acumuladas, permitindo buscar novas possibilidades.

Lopes (2007, p. 142) em seu texto “Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências”, afirma que:

Construímo-nos e reafirmamo-nos como sujeitos ao longo da vida, em uma sociedade, em uma cultura. Isso inclui relações de aliança e de conflito, solidariedade e dominação, inclusão e exclusão, e também pertinência e marginalidade. Vale a pena examinar como a cultura se torna co-responsável por boa parte dos sofrimentos dos mais idosos [...].

Conforme já comentado anteriormente em outra passagem sobre o reflexo da cultura na sociedade é com a educação que se pode ajudar a construir novos pensamentos, novas atitudes e daí a possibilidade de alianças positivas acontecerem anunciando tempos de afeto e respeito para todos.

A autora Siqueira (2007, p. 221) em seu texto “Velhice e políticas públicas” salienta que um dos princípios orientadores para a efetiva execução de políticas setoriais e integradas para a população idosa é: “Propor que as políticas de educação contemplem as necessidades educativas e culturais dos idosos na perspectiva da educação ao longo da vida, privilegiando a escola como espaço para troca de conhecimentos entre gerações”.

O Brasil tem paulatinamente através de algumas políticas públicas e leis tentado amenizar alguns aspectos dos idosos, pois há direitos especiais que precisam ser garantidos quando no dia-a-dia da população isso não acontece. No entanto, não sendo esse o objeto de estudo desta Dissertação. Não se pretende exaurir os temas legais vigentes, assim, as referências legais, abaixo destacadas constituem simplesmente subsídio e pequeno referencial

para melhor adjetivar as questões advindas, portanto apontamentos legais referidos são de cunho informativo e as interpretações meramente pontos de vista da autora.

Entre as Leis existentes no País, citam-se as específicas que foram criadas Leis específicas para o idoso:

- Lei nº. 8.842 de 04/01/1994. Política Nacional do Idoso;
- Portaria GM7MS 1.395 de 10/12/1999. Política Nacional de Saúde do Idoso;
- Lei nº. 11.436 de 07/06/2000. Política Estadual do Idoso.
- Lei nº. 10.741 de 01/10/2003. Estatuto do Idoso.

A Carta Magna de 1988 foi o ápice das conquistas de direitos. A participação popular foi criada como um mecanismo de participação como forma de balizar as relações sociais, conferindo representatividade a variadas tipologias societárias, oportunizando espaços para debates argumentativos.

Note-se que o caminho percorrido desde o marco legal da Política Nacional do Idoso até chegar-se ao Estatuto do Idoso levou nove anos, ou seja, praticamente uma década para disponibilizar à sociedade um instrumento mais completo com meios legais concernentes aos idosos.

Que tais leis saiam do papel e sejam definitivamente aplicadas e não letras mortas acostadas no papel. Arrolam-se alguns exemplos de cunho legislativo com o intuito de demonstrar que algumas iniciativas acontecem nesse campo. De acordo com Godoy (2006), enumera-se como, talvez, fonte de consulta para alguns que desejam adentrar na busca de um espaço melhor para o idoso.

Complementando este último pensamento de Godoy sobre a criação de Leis em proteção ao idoso, pode-se exemplificar com:

- **Estado de Santa Catarina**

(Fonte: <http://www.pbh.gov.br/leideidosos/santa_catarina/florianopolis>. Acesso em: 10 out. 2009)

Município de Florianópolis, Lei N. 5.371/98. Dispõe sobre a Política Municipal do Idoso, Cria o Conselho Municipal do Idoso e dá outras providências.

Existe um Banco de Leis de Idosos em Florianópolis com 05 Leis e 01 Decreto.

- **Estado do Rio Grande do Sul**

(Fonte: <http://www.pbh.gov.br/leideidosos/rio_grande_do_sul/porto_alegre>. Acesso em: 10 out. 2009)

Município de Porto Alegre LEI COMPLEMENTAR N° 444/00. Autoriza o Poder Executivo do Município de Porto Alegre a criar o Conselho Municipal do Idoso e dá outras providências.

Existe um Banco de Leis de Idosos em Porto Alegre que conta entre Leis e Decretos com mais de 20.

- **Idosos cobram conteúdo sobre envelhecimento no currículo escolar**

(Fonte: Assembléia Legislativa do Estado de Goiás - 04 de março de 2009)

Resumidamente: Foi reivindicado do Estado o cumprimento da resolução 171/2005 do Conselho Estadual de Educação, que obriga as escolas a incluírem, em seus currículos, conteúdos relacionados ao envelhecimento. Segundo o terceiro artigo da resolução, aprovada em 2005, as unidades escolares do Sistema de Ensino de Goiás, públicas e particulares, que ministram a Educação Básica e a Educação Superior e se acham sob a jurisdição do Conselho Estadual de Educação, ficam obrigadas a incluir, em seus currículos, conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso.

- **Futuridade**



Figura 2: Fazendo a Diferença

(Fonte: <<http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br>>. Acesso em: 10 out. 2009)

É um Plano do Governo do Estado de São Paulo para a Pessoa Idosa, coordenado pela Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social – SEADS que tem por objetivo a promoção do bem-estar e da qualidade de vida da população idosa paulista.

Nasceu para fazer frente aos desafios do crescente envelhecimento da população paulista. Os números são bastante expressivos e as projeções indicam que o número de idosos será cada vez maior, como se observa a seguir, segundo a Fundação SEADE:

Número de idosos no Estado de SP: 4,3 milhões, deste total, 1,9 milhão é composto por pessoas com 70 anos e mais de idade. Em 2020, teremos 7,1 milhões de idosos no Estado de SP, deste total, 2,9 milhões constituído por pessoas com 70 anos e mais de idade.

Se por um lado, viver mais é uma das maiores conquistas da humanidade, por outro, o desafio do crescente envelhecimento em todo mundo é assegurar melhores condições de vida à população idosa.

3 DADOS DA INVESTIGAÇÃO

Ressalta-se que ao adentrar-se nos aspectos da metodologia elegida, foi acolhido como melhor caminho o paradigma qualitativo, neste repousa o trabalho em tela. A escolha deve-se ao fato que tal abordagem dá um espectro melhor do objeto trabalhado.

Outrossim, informa-se que o cerne da questão repousa nos dados e posicionamentos fornecidos através das entrevistas, servindo as mesmas, sobretudo, como suporte textual.

3.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Em virtude de todo o contexto sócio-cultural onde o idoso está inserido e após a contextualização, abrangendo a situação do Idoso nesta sociedade, alguns marcos legais, representações de tempo na vida humana, aponta-se o seguinte problema de pesquisa, bem como os objetivos geral e específicos, traçados para responder esse questionamento.

Como o entendimento sobre o desenvolvimento da temática do idoso e sua valorização está presente nas práticas pedagógicas do Ensino Fundamental?

3.2 OBJETIVOS

- Verificar como o entendimento sobre o desenvolvimento da temática do idoso e sua valorização está presente nos currículos mínimos do Ensino Fundamental;
- Analisar relatos de gestores políticos (Secretaria Estadual de Educação/RS, Conselho Estadual de Educação/RS, Conselho Estadual do Idoso/RS); membro de Organização Civil de Idosos, Equipe Diretiva e Professores sobre a presença da temática do idoso no Ensino Fundamental.

3.3 METODOLOGIA

A presente pesquisa apoiada em documentos, principalmente em entrevistas, situa-se no paradigma qualitativo de cunho descritivo-interpretativo. O paradigma qualitativo se deve ao fato de haver contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo.

A abordagem qualitativa busca a análise de conteúdos subjacentes ao discurso dos entrevistados com o propósito de elucidar sua opinião a respeito do assunto em questão.

Também nos dizeres de Maanen (1979, p. 520):

Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significado. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teorias e dados, entre contexto e ação.

Primeiramente, através de leituras prévias sobre o tema, passou-se a delinear pontos, questões norteadoras que deviam ser consideradas e alguns conceitos fundamentais e atuais para este campo. Ademais das leituras técnicas legais, fez-se necessário ler autores que guardavam consonância com o tema para corroborar pontos de vista surgidos nas entrevistas ou contrapô-los, acrescentando ao trabalho um cabedal acadêmico como fontes teóricas relevantes.

Logo, partiu-se para o estabelecimento de um diálogo mais próximo com alguns setores envolvidos com a questão do idoso. Este é um passo natural da pesquisa que opta pela via qualitativa, objetivando interpretar as respostas obtidas com as entrevistas, buscando compreender o que trazem as palavras, o que há por “detrás” dos dizeres, buscando além do conteúdo das mensagens.

Ainda sobre este enfoque metodológico, segundo Bauer e Gaskell (2002), se comparado ao quantitativo, o método qualitativo é intrinsecamente mais crítico e emancipatório, já que defende a necessidade de compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo.

Após os passos referidos e alguns levantamentos de dados obtidos com as leituras e tendo em vista que o universo escolar, não é tão-somente a escola, mas também gestores políticos que traçam ou executam as diretrizes curriculares, e como a temática envolve o idoso, foi condição inequívoca ouvir lideranças de organizações de idosos que trabalham em prol dos mesmos, bem como equipe diretiva e professores. A esta altura, restava a dúvida

sobre quantas entrevistas realizar. Por fim, acorda-se segundo os objetivos e restrições da pesquisa, que a análise de conteúdo seria realizada com oito entrevistas.

3.4 PARTICIPANTES

Entrou-se, primeiramente, em contato via e-mail ou telefone e todos fizeram questão de colaborar. Os mesmos são da cidade de Porto Alegre e atuam profissionalmente nesta cidade, com exceção de um que é do interior do Estado, assim a entrevista foi realizada em sua cidade. Propositadamente elegeram-se lideranças de grupos de idosos os quais nos foram indicados por pessoas das áreas afins. A equipe diretiva e professores de escolas públicas e privadas escolheu-se aleatoriamente. Os gestores políticos, os mesmos são ocupantes dos cargos ora representantes.

- Um gestor da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul;
- Um membro do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul;
- Um membro do Conselho Estadual do Idoso do Rio Grande do Sul;
- Um membro de uma Organização Civil de Idosos do Rio Grande do Sul;
- Dois membros da Equipe Diretiva de escola de Ensino Fundamental (diretor e supervisor escolar ou afins); * Observação: Membros de escolas distintas, sendo um da capital e outro do interior do Estado;
- Dois professores do Ensino Fundamental da capital.

Salienta-se, mais uma vez, que a escolha assim se justifica, porque se acredita que a inserção de novos conteúdos curriculares, geralmente, passa por caminhos hierarquizados, portanto, ouvir um gestor da Secretaria de Educação é básico, bem como um membro do Conselho Estadual de Educação e do Conselho Estadual do Idoso, este pela própria temática. Denomina-se de gestores políticos os supracitados, pois, através das posições que ocupam, podem sugerir e implementar políticas que visam a abrangência de tal conteúdo junto às escolas. Ouvir, também, uma liderança de uma Organização Social civil de Idosos é fundamental, pois o tema versa sobre o idoso e, indubitavelmente, recai igualmente a escolha

na Equipe Diretiva da escola e Professores, porque serão os fiéis condutores do processo pedagógico.

3.5 QUESTÕES DA ENTREVISTA

Para o desenvolvimento do trabalho, ademais da análise documental, realizamos entrevistas semi-estruturadas com um único respondente – cada um dos participantes selecionados – chamadas por Gaskell (2003) de entrevista em profundidade.

As questões formuladas nas entrevistas encontram-se no apêndice B.

3.6 PROCEDIMENTOS

Selecionou-se (oito) pessoas, sendo 4 (quatro) mulheres e 4 (quatro) homens. Dentre os quais professores, tanto de escolas públicas como de privadas, equipe diretiva, representantes de segmentos de entidades de idosos e gestores políticos, com o intuito de investigar o que sabiam acerca do desenvolvimento do tema, sobre os projetos pedagógicos de suas escolas, se os mesmos abarcam tema de tal natureza e como desenvolvem tal conteúdo. Para tanto foi utilizada entrevistas semi-estruturadas, conforme já esclarecido anteriormente.

Aos entrevistados chamou-se de **(participantes)**, fez-se uma breve introdução à pesquisa, solicitando o consentimento, por escrito, mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, acostado no apêndice C. Marcaram-se as entrevistas, que se realizaram em ambientes escolhidos pelos próprios participantes, em horário previamente combinado.

Para a pesquisa utilizou-se um roteiro estruturado, porém flexível, pois uma pergunta poderia gerar variadas colocações e desembocar novas perguntas, permitindo adentrar no mundo dos entrevistados e ver além das respostas.

Segundo Bauer e Gaskell (2002), o emprego da entrevista qualitativa permite delinear e interpretar, compreender o mundo da vida dos respondentes. Muitos autores referem-se à análise de conteúdo como sendo uma técnica que trabalha com a palavra, permitindo inferências do conteúdo da comunicação de um texto.

Com a escolha de entrevistas semi-estruturadas foi permitido um diálogo aberto e com respostas flexíveis, onde se pode, sempre que necessário, fazer intervenções. A ordem das perguntas, em dado momento, não foram seguidas à risca, tornando assim o diálogo mais dinâmico e fluido, entretanto, todas as questões das entrevistas, previamente preparadas para distintos respondentes, foram abordadas.

Dessa forma, embora possa parecer que oito entrevistas seja amostra pequena, foram sistematicamente selecionadas, sendo assim mais significativa para uma análise de conteúdo do que uma grande amostra escolhida ao acaso (BAUER; GASKELL, 2002).

Salienta-se que todas as entrevistas foram registradas através de gravação em áudio e, com autorização dos participantes, após assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Os textos passaram por pequenas correções lingüísticas, contudo não foi eliminado o caráter espontâneo das falas.

3.7 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Aqui, entra todo um trabalho de sensibilidade na seleção de dados, de escuta sensível dos aportes enunciados.

No que se refere à coleta de dados para a abordagem presente, cita-se Chizzotti (1997, p. 103), que relata que “as informações são documentadas, abrangendo a qualquer tipo de informação disponível, escrita, oral, gravada, filmada que se preste para fundamentar o relatório do caso [...]”.

Para levantar as informações desejadas na investigação, utilizou-se como já mencionado, entrevistas semi-estruturadas, o que fundamenta-se com Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998, p. 168), ao dizerem que “por sua natureza interativa, [...] permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade”.

Os procedimentos da análise dos conteúdos dos dados coletados visam a descrever e interpretar, sucintamente, os instrumentos legais e afins pertinentes, os registros de opiniões das entrevistas, buscando delimitar os aspectos significativos e procedendo a transcrição dos mesmos, objetivando a análise final e interpretação dos dados.

Conforme afirma Bardin (2007, p. 41), a leitura realizada pelo analista deve ser conduzida de modo a “realçar o sentido que se encontra em segundo plano” e, sobretudo, “atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros ‘significados’ de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc.

Os procedimentos de análise de conteúdo do presente trabalho baseiam-se nos princípios defendidos pelo mesmo Bardin (2007, p. 95), percorrendo as seguintes fases “A pré-análise; A exploração do material; O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”.

A análise das respostas das entrevistas utilizando a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2007), também será complementada por Moraes (1999), pela interpretação (impregnação e unitarização) e inferência, identificando possíveis conclusões que pudessem possam surgir à construção de novos paradigmas e para avanços na educação.

3.8 TRANSCRIÇÃO E EXPLORAÇÃO DOS DADOS

Buscou-se fidelidade às palavras mencionadas no contexto da fala. A análise de conteúdo não é a última palavra em nenhum texto, mas um encontro objetivado através da sistematicidade e referenciação para além de si, em direção a outros textos e atividades de pesquisa (BAUER; GASKELL, 2002).

É um momento rico da dissertação, explorar os dados e elaborá-los, dando-lhes suporte teórico, abarcando conteúdos acadêmicos que servem para corroborá-los ou até mesmo para confrontar posições e discursos encontrados na transcrição dos dados obtidos. No enlace das reflexões feitas sobre as entrevistas e leituras prévias formou-se o corpo do trabalho.

De acordo com Bardin (2007), a técnica baseia-se em desmembramentos do texto em unidades, desvendar os diferentes núcleos de sentido da comunicação e, em seguida realizar o seu agrupamento em classes ou categorias.

Decidiu-se nominar cada uma das oito entrevistas com letras maiúsculas: **A, B, C, D, E, F, G e H**. A cada uma das questões com números ordinais: **1, 2, 3, 4 e 5**. Como se resolveu denominar os entrevistados de **participantes**, sempre à frente das letras maiúsculas aparece a letra **P**, significando **PARTICIPANTE**.

Como unidade de registro destacou-se um segmento do corpus de análise em forma de frase ou parágrafo que, dentro da unidade de contexto, contivesse uma declaração de interesse para os objetivos da pesquisa. Desta forma a frase seria interpretada no contexto do parágrafo e o parágrafo no contexto do segmento do corpus principal de análise.

3.8.1 Breve Perfil Profissional dos Participantes

Observação: Há casos em que os participantes são professores e também fazem parte da equipe diretiva na mesma escola ou em uma e outra exercem funções distintas. Em ambos os casos, a pesquisa enriqueceu-se com a contribuição das posições variadas dos participantes.

- **PARTICIPANTE A (PA)**

Sexo masculino, aproximadamente setenta anos, aposentado há dezessete anos como representante comercial, líder de uma Organização Civil de Idosos. Sempre envolvido em movimentos sociais e conselhos comunitários. Foi Presidente de variados conselhos, bastante ativo: “[...] não posso dizer que não sou ativo, sem o que eu não estaria agora na sua presença, já teria perecido há muito tempo. A minha atividade, a faço com muito prazer, não sei ficar parado”.

Denota-se que tem prazer em lutar pelos idosos, principalmente pela luta política dos aposentados. Demonstra muito conhecimento sobre a temática dos aposentados. É um entusiasta dessa causa. Casado com uma professora, aposentada, o que lhe deu familiaridade com o tema da educação.

- **PARTICIPANTE B (PB)**

Sexo masculino, aproximadamente quarenta e cinco anos, professor da área de exatas em escola seminarista e vice-diretor da EJA de uma escola estadual. Trabalhou com o Ensino Fundamental. É professor há vinte e dois anos.

- **PARTICIPANTE C (PC)**

Sexo masculino, com cinquenta e oito anos de idade, diretor pela sexta gestão de escola estadual no fundamental e EJA, no interior do Estado. Há trinta e três anos trabalha no magistério.

- **PARTICIPANTE D (PD)**

Sexo feminino, assistente social com mestrado em movimentos sociais, membro do Conselho Estadual do Idoso. Orienta alunos em estudos que envolvem o tema do idoso.

- **PARTICIPANTE E (PE)**

Sexo feminino, com cinquenta e sete anos, leciona Ciências de 1^a a 4^a séries há muitos anos, na escola estadual pela manhã, e a tarde é Orientadora Educacional do Ensino Fundamental na mesma escola. Relata que o seu papel de Orientadora na sua ótica deveria ser mais abrangente: “[...] às vezes o meu trabalho de orientadora eu não consigo fazer, porque às vezes é mais um trabalho de repreensão, de estar em cima, e não está direcionado para isso. Mais para dirimir o conflito do que para prevenir o conflito”. Demonstra em suas palavras que gostaria de fazer mais e de ter mais espaço na escola para verdadeiramente fazer um trabalho de orientação educacional em todos os sentidos, além dos muros de sua escola. Sua escola a noite tem a EJA.

- **PARTICIPANTE F (PF)**

Sexo feminino, adulta média, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, licenciada em Língua Portuguesa, disciplina que lecionou no Ensino Médio em escola privada por aproximadamente trinta anos. Atualmente é professora universitária em universidade privada, líder em sindicatos de professores e membro do Conselho Estadual da Educação, portanto dentro do parâmetro de gestora política, como se classificou e justificou-se.

- **PARTICIPANTE G (PG)**

Sexo feminino, adulta média, gestora política, trabalha na secretaria Estadual da Educação, na gestão atual. Exerceu o magistério como professora de Biologia. Fez parte de Conselhos Municipais de Saúde, trabalhando com o tema do idoso.

- **PARTICIPANTE H (PH)**

Sexo masculino, com quarenta e nove anos, sociólogo e também com formação em Inglês, disciplina esta que, atualmente, leciona em curso particular que atua tanto com alunos advindos da rede pública estadual do Ensino Fundamental, como privada e também ministra aulas para idosos.

Em resumo:

PARTICIPANTE/IDADE/SEXO	ÁREA DE ATUAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
PA: mais de 70 anos Sexo masculino	Organização Civil de Idosos	MEMBRO DE ORGANIZAÇÃO CIVIL DE IDOSOS
PB: aproximadamente 45 anos Sexo masculino	Vice-Diretor	EQUIPE DIRETIVA
PC: 58 anos Sexo masculino	Diretor	EQUIPE DIRETIVA
PD: adulta médio Sexo feminino	Assistente social	MEMBRO DO CONSELHO ESTADUAL DO IDOSO
PE: 57 anos Sexo feminino	Professora	PROFESSORA NO ENSINO FUNDAMENTAL
PF: adulta média Sexo feminino	Membro do Conselho Estadual de Educação do RS	GESTORA POLÍTICA
PG: adulta média Sexo feminino	Membro da Secretaria Estadual de Educação do RS	GESTORA POLÍTICA
PH: 49 ANOS Sexo masculino	Professor	PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL

Quadro 2: Síntese Participantes
Fonte: A autora, 2009.

3.8.2 Sistema de categorias de análise

Todo o processo de análise de conteúdo desenvolvido buscou coerência com o objetivo principal desta dissertação, que é conhecer como vem sendo desenvolvida na escola a temática do idoso, se o tema é trabalhado e como o idoso é percebido na sociedade.

Segundo Bardin (2007), na análise de conteúdo as categorias podem ser definidas *a priori* ou *a posteriori*. A categorização que serviu como suporte da análise de conteúdo dos depoimentos, *a priori*, esboçava como categorias de análise, palavras-chave contidas na própria pergunta. Num segundo momento, após escutar e ler sistematicamente as entrevistas e impregnar-se das colocações feitas, identificou-se novas categorias de interesse para a pesquisa. Desse modo, o sistema de categorias foi então definido, para facilitar a interpretação do corpus de pesquisa.

<p>CATEGORIA A PRIORI</p> <p><i>1. Concepção de ser humano sob a ótica de velhice/ envelhecimento.</i></p>
<p>CATEGORIAS A POSTERIORI</p> <p><i>2. Trocas intergeracionais.</i></p>
<p><i>3. Fatores Sociais:</i></p> <p>Subcategorias:</p> <p><i>3.1. Estereótipos em relação à velhice;</i></p> <p><i>3.2. Qualidade de vida.</i></p>
<p><i>4. Posicionamento frente à implementação da temática nas escolas e sua importância:</i></p> <p>Subcategorias:</p> <p><i>4.1. Interdisciplinaridade;</i></p> <p><i>4.2. O processo de envelhecimento e valorização do idoso como tema transversal, sobretudo no Ensino Fundamental.</i></p>
<p><i>5. Justificativa para a Educação</i></p>

Quadro 3: Síntese Categorias

Fonte: A autora, 2009.

Utilizou-se a seguinte codificação, atentando-se a trechos das próprias falas, mantendo-me o mais fielmente possível às palavras e frases expressadas. Os grifos utilizados em algumas falas servem como destaque. A abreviação “**PA1**” **significa participante A, primeira questão e assim respectivamente**”.

A primeira questão se refere à pergunta: “**Como percebe a questão do idoso na sociedade?**”

A pergunta em tela gerou respostas que não estão contidas exclusivamente nessa pergunta, mas possibilitou ser evocada como categoria *à priori*: **Concepção de ser humano sob a ótica da velhice/envelhecimento.**

PA1: [...] essa juventude amanhã serão envelhecidos, que tenham esse conhecimento [...] esclarecer ao jovem no aprendizado que amanhã será ele o idoso de hoje [...].

PB1: [...] essa questão da própria evolução da vida que todos os seres passam, na verdade não é uma capacidade, é um roteiro natural: nascer, crescer, envelhecer e morrer e ter a consciência que todos passam por essa fase.

PC1: [...] essa história somente é resgatada através do idoso, da pessoa que vai nos dar as informações. Acho que além de uma coisa sagrada que nós temos, essa cultura que nós temos em cima dos nossos noninhos.

PD1: Velhice é uma etapa da vida como qualquer outra: como infância, juventude, como adulto, mais uma etapa e tem que ser preparada, passar por essa etapa, porque sem sombra de dúvida, grande parte deles, se Deus quiser, chegarão lá, né?

PE1: Eu acho que o principal de tudo é o respeito como ser humano, como cidadão, porque ele também foi uma criança, ele também foi um adolescente, ele também foi um adulto com idade de quarenta e poucos anos, e hoje ele está cumprindo o ciclo de vida dele. Todo mundo tem um passado.

PF1: [...] vejam o idoso não aquele que já não serve pra mais nada, mas como uma pessoa que já viveu a vida inteira, que já dedicou a sua vida para diferentes atividades e que pode colaborar ainda. Então, acho que tem que haver aí uma série de ações que visam a valorização do idoso, porque todos chegaremos lá.

PG1: Acho que essa questão, tanto idosos quanto outros grupos, é uma questão da evolução de uma população, não é? Todos seremos um dia!

PH1: A velhice é uma fase e como tal tem que ser encarada.

Depreendeu-se das falas acima, independentemente do gênero ou função que exercem que os participantes foram unânimes em afirmar com umas ou outras palavras que, indubitavelmente a velhice, o estar idoso é uma fase natural da vida e que assim deve ser encarada. A concepção de ser humano é de um ser em evolução, onde a idade tardia, a adultez velha faz parte da evolução da existência do homem, sendo uma de suas três fases nas palavras tão sábias de meu querido professor Mosquera (1982) que se refere às três fases da

vida adulta: *adulter jovem, adulter média e adulter velha*. Essa denominação, por vezes aparece no corrente trabalho, muito embora também outros sinônimos sejam utilizados.

Para a Organização Mundial da Saúde, idosas são as pessoas com mais de 65 anos. Segundo Zimerman (2000), tal referencial é válido para os países desenvolvidos, já para países em desenvolvimento como o Brasil, a terceira idade começa aos 60 anos. Nosso Estatuto do Idoso contempla a idade cronológica de 60 anos para referir-se ao idoso.

Sendo a velhice no prisma dos participantes um ciclo da vida, pode-se dizer que a vida não envelhece. Assim menciona Mucida (2006, p. 35): “O envelhecimento, em termos gerais, é definido como um processo que acompanha o organismo do nascimento à morte”. Passar pela vida é permitir-se passar pela velhice, completando a existência finita num mar de possibilidades infinitas. Por certo, a vida não se encerra na velhice, ali ela encontra morada para outros sonhos e possibilidades para quem ousa desafiar o tempo.

Herfray (1988 apud MUCIDA, 2006, p. 35) define o envelhecimento como um processo inerente à existência e a velhice como um momento específico do tempo existencial. Ainda, esta autora, nos brinda com Freud que traz a idéia de que o sujeito não envelhece. Sua menção ao tempo diz que há um tempo que passa, mas que passando pode retificar um tempo já transcorrido, atualizando-o no presente. Tempo que pode trazer a idéia de eternidade.

Observa-se que um dos participantes que, cronologicamente tem mais de setenta anos, utilizou em dado momento a seguinte frase: PA: “[...] no meu tempo o professor entrava em sala de aula e o aluno levantava, era sempre assim [...]”. Destaca-se a expressão **no meu tempo**, nisso depreende-se o que Freud assinala como sendo o passado reatualizado, apontado em Mucida (2006). Nessa fase da vida, muitos dos traços “adormecidos” podem advir. Nesta categoria a *priori*, pode-se dizer que abarca visões, pontos de vista convergentes entre os participantes.

PA1.[...] Mas entre grupo de terceira idade e o de aposentados tem uma diferença muito grande. Os de terceira idade, o que eles querem ter é principalmente sua diversão, se a gente fala em política do aposentado, política do idoso eles não aceitam, eles querem é diversão, querem baile, até alguns querem algum aprendizado, outra ocupação, aprender alguma coisa na terceira idade. [...] porque eu considero todo aposentado como idoso, é como eu vejo. [...] é que o nosso aposentado hoje está muito sacrificado, pois com a aposentadoria ele não consegue sobreviver. Então nessa idade eles têm que buscar alguma coisa para suplementar sua aposentadoria, pois o que recebe não é suficiente. [...] às vezes é o único que ganha na família. Nós temos isso estatisticamente em todas as cidades. Porto Alegre não foge à regra. Existe comprovadamente que de cada 35% dos lares a principal renda da família é dos aposentados.

Nas colocações acima, o participante relaciona o idoso com aposentadoria. Elucida que o aposentado é, sobretudo, um sobrevivente, pois as políticas públicas, principalmente no que tange às aposentadorias não trazem satisfação. Aqui a concepção de envelhecimento vem em simbiose com trabalho, pois ao aposentar-se, presume-se o encerramento da atividade laboral. O aposentado é visto como o provedor nas famílias de baixa renda. É imperioso afirmar que o participante em questão é membro de uma organização que envolve aposentados, o que torna claro a sua posição em relação ao tema. Ao mencionar que há idosos que somente querem diversão, quando muito poderiam fazer pela classe e pela sociedade, sugere que também há um comodismo alienante entre os mesmos.

É salutar lembrar Beauvoir (1970 apud MOSQUERA, 1978) quando diz que a velhice não é um acidente é um destino que se apodera da pessoa. Assim, mais uma vez, presente na assertiva a vida como um ciclo, assim como a aposentadoria também faz parte do ciclo, independentemente se havida através do trabalho, benefício assistencial, pensão ou outro. Por outro lado, quando o participante refere que o idoso muitas vezes quer somente lazer e não quer lutar por direitos: PA1: “[...] Os de terceira idade, o que eles querem ter é principalmente sua diversão, se a gente fala em política do aposentado, política do idoso eles não aceitam [...]”. Demonstra nas palavras e na sua experiência que o idoso muitas vezes aliena-se e torna-se queixoso, mas não luta para mudar a sua realidade. Mais uma vez recorre-se a Beauvoir (1970 apud MOSQUERA, 1978, p. 199): “Até que ponto a realidade incômoda da velhice não é provocada por uma sociedade altamente objetalizada que não consegue condições humanitárias e suficientemente equilibradas para atender um desenvolvimento da personalidade que seja sadio e adequado”.

A participante D, abaixo, traz a visão de que há organizações de idosos, porém mais de aposentados, quando as organizações da Terceira Idade abrangeriam mais a questão do idoso, não somente no aspecto de aposentadoria, mas além, buscando políticas públicas como um todo e não somente a busca por política para aposentados:

PD1: [...] nós não temos aqui no Rio Grande do Sul, com exceção, vamos dizer: nós não temos como queríamos ter, eu diria que nós temos duas organizações de idosos: uma é de aposentados, federação de aposentados, associações de aposentados, estas tradicionalmente existem há muito tempo. Agora, recentemente, foi criada na região de São Paulo das Missões uma federação dos Clubes da Terceira Idade, porque na região da Missões eles usam muito a expressão: Clube da Terceira Idade, então há mais essa Federação dos Clubes, o que que é? Ela congrega esses grupos de Terceira Idade, grupos de idosos do Estado, ela começou numa região, mas a intenção é ser uma federação, para o Estado eu diria que é a primeira, eu não tenho conhecimento de outra, é a primeira organização efetivamente de idosos, porque quem está no clube de terceira idade? São os idosos, então eles estão organizando-se.

O PB4 afirma: “Fazendo com que o mais jovem respeite a experiência do idoso e escute a sua história de vida e sirva como referência. [...] o adulto tem o seu limite já na parte física e o idoso na parte do reflexo [...]”.

O participante acima percebe o processo de envelhecimento como um desgaste biológico que limita o adulto e evolui na fase tardia para a diminuição dos reflexos, entretanto observa o mesmo como um processo natural. Envelhecer pressupõe alterações de muitas ordens, podendo as mesmas ser mais avançadas ou não. Evidente que a genética exerce também seu papel, sobretudo o modo de vida de cada um pode determinar a velhice que almeja.

Fatores biopsicossociais são referências importantes que não podem ser desprezadas. Não há dúvida de que a expectativa de vida aumentou. Segundo Papalia, Olds e Feldman (2006), pessoas com mais de 85 anos são a faixa etária que mais cresce. Há várias teorias para a causa do envelhecimento. A senescência começa em idades variadas para diferentes pessoas, também teorias apontam para os efeitos dos radicais livres e da auto-imunidade.

A indústria cosmética promete milagres, desde simples cremes até procedimentos mais invasivos, combater os radicais livres é a tônica da hora. A mídia é ocupada com propagandas de toda ordem, porém sempre o foco é a imagem. Claro o invólucro é importante, mas ninguém mostra como prolongar a vida de dentro para fora.

Como lembra Durand (1989 apud LOUREIRO, 1998, p. 41): “A verdadeira mudança dá-se a perceber no interior, no concreto, no cotidiano, no miúdo; abalos exteriores não modificam o essencial”. Por que não dizer que a velhice é natural, por que os espaços publicitários também não dão ingredientes para a alma, apontando substitutivos possíveis de oferecerem alternativas para um corpo fragilizado, mas uma alma pronta para desencadear novas perspectivas?

As mudanças físicas variam entre os indivíduos. Papalia, Olds e Feldman (2006) trazem um elenco de mudanças que ocorrem no corpo do adulto tardio, desde mudanças físicas comuns como a coloração do cabelo, tendência a dormir menos, problemas visuais e auditivos, frequência e intensidade sexual até transtornos mentais e comportamentais, mudanças neurológicas, mas também existem medidas que auxiliam em tais perdas.

O desenvolvimento cognitivo pode através de medidas adequadas ser melhorado. O treinamento de memória pode beneficiar os mais velhos, contudo é importante não deixar de lado a bagagem de sabedoria e experiência que a idade pode trazer, adultos mais velhos mostram tanto ou mais sabedoria que os adultos mais jovens.

Como coloca o PC: “[...] respeitar a experiência de vida do idoso, escutar sua história de vida [...]”. Nesse sentido coloca Mosquera (1978, p. 194):

Cada geração deve encontrar a sabedoria das gerações na forma de sua própria sabedoria. Por conseguinte, nos velhos, a fortaleza toma a forma da sabedoria em todas as suas conotações desde o engenho amadurecido até o conhecimento acumulado e o critério equilibrado. Pode-se dizer que estamos ante a essência do conhecimento liberado da relatividade temporal.

Conforme declarações:

PC1: **Na nossa cidade, os idosos, são** em torno de 25%. Bastante idosos. Nós temos pessoas que estão adentrando os 90 anos, um monte de gente. E com saúde, lúcidos. Eu, particularmente, tenho a minha mãe, dona (X), com 88 anos. Ela diz que cursou até o terceiro livro, é assim que eles falam. Eu, com os estudos que tenho, Deus me deu essa oportunidade, às vezes eu passo vergonha com ela, o conhecimento que ela tem, a luz que ela transmite, e claro a experiência de vida. PC3: [...] Explicar para eles (alunos) porque que o cabelo embranquece, porquê o cavanhaque do diretor é branquinho, e muitas pessoas, porquê ficam calvos antes, e outras depois. Por que essas mudanças nos seres humanos?

Nítida está a concepção de velhice como etapa da vida onde todas as experiências anteriores estão acumuladas e que não podem ser desprezadas pela sociedade. O participante em questão vive em uma cidade do interior, onde os idosos têm uma boa expectativa de vida e, ademais saudável. Trata-se de uma comunidade de imigrantes italianos.

Evidenciada também está a concepção de que a velhice acarreta mudanças físicas, muitas vezes óbvias. Claro que o envelhecimento humano afeta o funcionamento físico e conseqüentemente a saúde, porém ditas transformações são gerais, podendo ser em idade mais precoce ou mais avançada e em graus diferenciados, dependendo da genética e o modo de vida de cada um (ZIMERMAN, 2000).

Os aspectos físicos mais marcantes do envelhecimento, segundo Papalia, Olds e Feldman (2006, p. 674):

A pele mais velha tende a ficar mais pálida e manchada e menos flexível; como algumas gorduras e músculos desaparecem, a pele pode enrugar. Veias varicosas nas pernas tornam-se mais comuns. Os cabelos ficam grisalhos e mais finos, e os pelos corporais tornam-se mais escassos.

Não se pode refutar que há mudanças internas relevantes, porém de mais difícil percepção por não serem tão palpáveis e visíveis, como mudanças que afetam os órgãos

internos, cérebro, os sentidos, a parte motora e sexual. Ademais, há os aspectos sociais e psicológicos, que ao correr do trabalho serão mais explorados.

PD1: Acredito que hoje já estamos trabalhando um novo paradigma de envelhecimento. Já não se fala mais em velhice em cadeira de balanço, já não se convive mais com essa realidade. Já não é essa a imagem atual da velhice, **hoje é envelhecimento com atividade**. Eu vejo os velhos na rua, eu vejo os velhos participando, certamente, não é a totalidade. **Velhice não é doença**.

Todos envelhecem, mas se pode envelhecer ativamente. Tanto nos países europeus como em todo o mundo experimenta-se uma maior expectativa de vida que é devida à Medicina, mas também a escolha do estilo de viver. Como menciona Ursula Lehr no prólogo da obra de Rocio Fernández-Ballesteros (2009, p. 44): “Não é importante somente somar anos à vida, porém somar vida aos anos” [tradução minha].

A velhice e a longevidade, longe de serem problemas, devem ser encaradas como desafio para a sociedade contemporânea. Ballesteros (2009) enaltece a figura do envelhecimento ativo, contribuindo com reflexões ousadas e que merecem acolhimento daqueles que desejam aprofundar o trabalho com essa faixa etária da população. Indica que nos últimos vinte anos as pesquisas sobre o envelhecimento positivo nos permitem conhecer quais caminhos devemos buscar para um envelhecimento saudável.

Desde o ponto de vista da autora a gerontologia dedica-se mais ao estudo de fatores negativos associados à velhice, quando também poderia apontar perspectivas possíveis de ensinar um envelhecimento ativo e positivo. Não resta dúvida de que a expectativa de vida aumentou em todo o mundo, devido a avanços biomédicos, e tecnológicos nos diversos setores da sociedade.

Por fim, a gerontologia conta com um novo paradigma que se pode chamar de envelhecimento ativo, entretanto não se pode refutar a idéia de que os organismos envelhecem em ritmos distintos pela própria singularidade do ser humano. As adversidades são percebidas de formas diferentes para cada um, mas este novo paradigma reconhece que muitos dos fenômenos do envelhecimento podem ser atribuídos às enfermidades e variantes sócio-ambientais e não somente à idade.

Nesse sentido, há variantes que podem ser suprimidas pelo próprio indivíduo com atitudes e ações positivas frente à vida, formando um capital rentável, um saldo positivo para enfrentar a adultez tardia como uma etapa natural da existência.

De acordo com os depoimentos do PE:

PE1: Eu acho que, fazendo uma retrospectiva, comparando eu já com 57 anos em relação a minha mãe, quando ela tinha a minha idade, ela era uma pessoa extremamente acabada, derrotada, achava que era só esperar neto pra criar, fazendo comida pro filho, fazendo sempre aquela coisa de mãe em casa, não tentava se produzir um pouquinho a não ser no domingo quando saía. Hoje em dia não, a nossa idade cronológica é uma, mas a nossa ânsia de viver, nosso desejo de ir além do que a vida nos propõe e as oportunidades que são dadas para os idosos, acho que estamos começando a nos inserir num mundo maravilhoso.

PE2: Como nós aqui na escola também temos o EJA, nós temos pessoas, assim, de 73 anos, de 80 anos, e elas estão ali sendo alfabetizadas, participando daquilo como crianças, assim, elas estão..., se respeitando os limites delas, dentro das limitações delas, mas participam ativamente. O prazer delas de virem até a sala de aula, então eles participam e não são isolados da escola, participam ativamente, e servem de modelo para os outros, isso que é importante. A escola pra eles seria um clube, além deles virem aprender, eles vêm pro social deles, principalmente as senhoras, elas vêm “arrumadinhas” porque elas já fizeram o que tinham que fazer da vida, elas já tiveram filhos, cuidam dos netos, agora elas já estão mais libertas pra elas, então elas aproveitam assim, se cuidam mais, coisa que não faziam anteriormente.

As colocações acima trazem à tona as mudanças culturais na sociedade. Nos dizeres de Loureiro (1998, p. 66): “Na consciência social, as representações do tempo são essenciais. A estrutura do tempo reflete os ritmos e as cadências que determinam a evolução da sociedade e da cultura. O tempo tem um papel primordial na visão de mundo de cada cultura – na cosmovisão [...]”.

Quando a participante menciona que sua mãe aos 57 anos era considerada velha e que se dedicava exclusivamente à casa, reporta-se à sociedade da época que, principalmente em relação ao gênero feminino infligia a realidade dos limites domésticos. É indubitável que a mulher alcançou e vem demarcando seu espaço e que os chamados velhos de outrora deram lugar a vovôs e vovós ansiosos não por uma marcha lenta em suas vidas, mas por ritmos frenéticos e audazes, cheios de luzes e cores.

Também chama atenção a fala da PD1: “[...] a nossa idade cronológica é uma, mas a nossa ânsia de viver, nosso desejo de ir além do que a vida nos propõe [...]”.

Outro participante também se posiciona da mesma forma: PH1: “[...] Nós já não somos a idade que temos. A idade cronológica não é a mais... Tão importante. Temos a idade que queremos ter. Enquanto houver desejo de fazer, claro que surgem limitações, mas há opções. A velhice é uma fase e como tal tem que ser encarada”.

Há um posicionamento que remete à concepção de que a idade não é só um número ou uma única referência para delimitar onde um ciclo da vida começa e onde termina. Para elucidar, utiliza-se as palavras de Mosquera, Stobäus e Abrahão (2008, p. 13):

[...] Existe uma idade social, que está determinada pelo julgamento da sua posição no curso da vida, em contraste com as médias da idade em que se alcançam diferentes posições sociais, ou ainda podemos apontar a idade psicológica, o funcionamento de si própria em resposta das solicitações. Fala-se hoje **em idade funcional**, união entre todas elas. [grifo meu].

E a declaração:

PF1: A gente vê ainda muita gente mais velha colaborando em ONGs, ainda trabalhando... Esses dias peguei um táxi e o motorista do táxi tinha setenta anos, jovem ainda, com disposição, porque apesar dos sessenta, dos setenta, dos oitenta anos o que interessa é o prazer de viver, é a alegria de viver, é se sentir útil; e isso é tão importante quanto descobrir novos remédios para conservar o corpo e que a sociedade possa oferecer para as pessoas mais velhas justamente alguns remédios para a alma, para o espírito, para o bem viver.

O que importa é a postura que se assume frente à existência. Essa etapa da vida pode ser um recomeço. Reinventar-se a cada dia pode ser a garantia de viver a vida e não somente passar por ela, tudo depende com que olhos se quer ver o mundo. Assim preconiza Zimmerman (2000, p. 30): “Na verdade, viver é ter projetos e desejar algo, é buscar realizações. Ao abrir mão disso, o próprio velho está fazendo uma opção autodestrutiva”.

Para PG4: “[...] a riqueza de conhecimentos, as capacidades que essas pessoas têm... As experiências que elas podem transmitir [...]”.

Mais uma vez depara-se que a idade significa experiência, claro que nem sempre a idade cronológica avançada significa sinônimo de maturidade. Vejam-se as palavras abaixo:

Como acharás na velhice aquilo que não tiveres acumulado na juventude?
Quão belo é para velhice o saber julgar, e para os anciãos o saber aconselhar!
Quão bela é a sabedoria nas pessoas de idade avançada, e a inteligência com a prudência nas pessoas honradas! (ECLLO 25, 5-7).

- **Categorias *a posteriori***

As categorias que surgiram *a posteriori* foram dimensionadas através das respostas dos participantes às demais questões formuladas.

Chama-se atenção para o fato de que algumas colocações por se repetirem, fizeram-se ao final de todas elas um comentário geral. A questão seguinte indagava sobre o projeto

pedagógico da escola onde o participante atua ou tem indiretamente participação (gestores políticos), mais precisamente se o mesmo prevê algum conteúdo sobre o idoso e sua valorização ou se conhece alguma escola que apresente no seu projeto o tema do idoso. Portanto, as declarações abrangem alguns descritivos gerais, mas poucos demonstraram familiaridade com o projeto pedagógico da escola, sabem que deve por lei existir, mas praticamente não o conhecem, bem como a filosofia pedagógica que norteia a mesma.

A segunda questão se refere à pergunta: **O Projeto Pedagógico dessa escola prevê algum conteúdo sobre o idoso e sua valorização? Conhece alguma escola que trabalhe?**

Apenas a um dos participantes (PA) não lhe foi feita a questão, pois o mesmo não exerce atividade de magistério e não tem contato profissional com escolas, visto que sua participação deve-se ao fato de pertencer a uma Organização Civil de Idosos.

A referida questão trouxe variadas unidades de registro, que permitem denominar esta **Primeira categoria** como **trocas intergeracionais**. Seguem trechos das entrevistas, onde alguns são destacados:

PB2: **O projeto pedagógico não contempla.** Nós temos a maneira do **trato social** com eles. Na **EJA**, desde o seu acolhimento na escola, em que receber hoje uma pessoa com mais de sessenta anos como temos na escola, na Secretaria pedindo vaga para estudar e priorizar a eles esse atendimento, não é comum. Nós temos um caso específico de um Sr. que ingressou no meio do ano passado: um Sr., pai de família, bem empregado, embora idoso; mas sem formação, sem histórico escolar, só com a vivência de vida. Ele ingressou na alfabetização, embora sabendo ler e escrever e fazer alguns cálculos simples, ele não tinha toda a estruturação necessária. A pessoa que se achasse na sua situação de vida, de expectativa com escola, poderia dizer que não tem o que fazer, mas tem! E eu tenho alguns trabalhos que ele faz guardados comigo, inclusive o primeiro que ele fez foi um agradecimento à escola. Nós trabalhamos nas questões de relações, porque em cada turma tem um grupo de idosos, Então, se trabalha muito com **grupos mesclados**, em que procurasse balancear as duas faixas etárias, chegando-se a um consenso, a um meio termo. [...] Olha, as escolas municipais pelas quais eu passei, na minha modesta trajetória de 22 anos no ensino, das cinco eu vivenciei a situação em três, que apresentam no currículo a temática do idoso, não formalmente.

Destaca-se que o participante enfatiza a sua experiência na EJA. Pontua que nesta modalidade convivem jovens e pessoas idosas. Que há entre ambos uma troca intergeracional e que o idoso com sua história de vida pode ser um referencial para o jovem.

PB2: [...] é um a turma bem heterogênea, nós temos alunos de 15 a 64 anos. A interação entre eles muito positiva! Porque na verdade, os professores eles tem a visão de aproveitar a experiência para alavancar a maturidade nos mais jovens e a rapidez de raciocínio dos mais jovens para acelerar a aprendizagem dos mais velhos. [...] Fazendo com que o mais jovem respeite a experiência do idoso e escute a sua história de vida e sirva como referência pra eles.

Convêm trazer à baila alguns dados que demonstram que o aumento da esperança de vida resulta em famílias intergeracionais. A Síntese de Indicadores Sociais (IBGE, 2008) investigou o fenômeno das famílias intergeracionais, decorrente do aumento da esperança de vida, que possibilita a convivência de até três gerações em um mesmo domicílio, excluindo-se os domicílios de um só morador e aqueles de casal sem filhos, chega-se a cerca de 9,7 milhões e 38 milhões de moradores. Destes moradores, aproximadamente 30,2% eram crianças, adolescentes e jovens (0 a 24 anos); 36,2% tinham entre 25 a 59 anos; 29,1% tinham entre 60 a 79 anos; e 4,6% tinham 80 anos ou mais de idade. Regionalmente, o Norte e Nordeste, locais onde o número médio de filhos é maior, as proporções de crianças e jovens de 0 a 24 anos são superiores, 41% e 36%, revelando que o fenômeno da convivência intergeracional é ainda mais flagrante. O Diretor da Escola Fundamental e EJA, no interior do Estado, diz:

PC2: Sim. A EJA, Educação de Jovens e Adultos, ela atende pessoas de todas as idades. Então nós temos alunos nossos aqui à noite com 50 anos, 60 anos de idade, **misturados** com gurizada. Eu estou colocando uma idade, com a experiência que a gente tem, porque é um aluno diferente, ele **traz uma bagagem de vida** muito interessante. Então nós temos que ter **conteúdos diferentes** para eles. Não dá pra dar o mesmo currículo de um curso regular fundamental. Os professores, nós trabalhamos na segunda, na terça, na quarta e na quinta-feira, e na sexta-feira à noite a gente dá aula à distância para eles, as nossas atividades, e os professores se reúnem, todas as sextas-feiras, para **organizar os conteúdos, para trocar idéias**, como está indo, o que falta, o que não falta, uma **avaliação**. Na EJA e no ensino regular e no jardim de infância. Esse ano tem os cartazes com a borboleta e o casulo, que mostram a **transformação: transformar para que todos tenham vida, uma vida bonita, e bastante vida**. Dentro do **nosso planejamento** nós temos o dia 26 de julho que é o Dia do nono, da nona, do idoso, a gente faz uma festa. A gente sempre traz os noninhos aqui pra escola, os alunos fazem questionamento com eles, a gente trabalha, faz um docinho pra eles, um bolinho de milho, uma coisa bem típica daquele tempo deles, faz um chazinho de marcela, que é um remédio fundamental dos nossos antigos, qualquer coisa, tomava um. Um pouco psicológico também, mas funcionava. Então a gente **resgata um pouco daquele tempo** eles ficam contentes, exibidos. A gente faz uma tomada fotográfica também, faz uma exposição dos trabalhos, das entrevistas, coloca no jornal, alguma coisa sai nas rádios também, e eles ficam felizes. Então **não é só uma coisa casual** do Dia do Nono, **procuramos trabalhar também no dia-a-dia da escola**: todas as datas, não só essa. Por causa da longevidade, todas as datas são trabalhadas dentro da escola, e a **gente dá ênfase para as que marcam mais as nossas raízes**. : tem, tem. Aqui na nossa Escola X nós temos seis analfabetos. Quando eles começam a desenhar as primeiras letras, os primeiros números, a professora chora com eles, isso porque dá vontade de ir em frente, de continuar, de começar tudo de novo, de voltar atrás e recuperar todo aquele espaço perdido da educação deles. Isso não acontece com os nossos noninhos, querer voltar atrás para recuperar, aí é tarde, porque aquele noninho que me passa maravilhas, ele se foi, aí fica na história. “Faleceu noninho. Uma boa pessoa”. Mas e a história dele?

Note-se que há um planejamento pedagógico acerca do tema. Também relata sua experiência na EJA como outros também apontam a EJA. A sua própria fala informa, elucidada, restando pouco ou quase nada para acrescentar-se.

A participante abaixo faz parte do Conselho Estadual do Idoso. Trouxe uma experiência bastante criativa e simples e que revela momentos de afeto, generosidade e de muita lição.

PD2: Não. Eu tenho muita curiosidade, não vejo isso aqui em Porto Alegre, gostaria de saber. Vejo experiências pontuais, como contadores de histórias, coisas assim, mas **currículo não, não conheço**. No interior em alguns municípios eles dizem que trabalham, mas uma coisa é tu dizeres e outra é tu veres o que fazem. Não. **Não conheço projeto pedagógico**. Eu conheço relatos de experiências que podem ser ocasionais, Para mim, experiências assim: uma vez levaram um idoso na escola, uma vez colocaram em uma sala de aula, numa aula um conteúdo. Isso não é currículo, então, sobre currículo eu desconheço, mas ando a procura, com certeza.

PD3: Eu vou fazer um relato de uma experiência que nós iniciamos aqui, nestas dependências (ESEF) no ano passado e vamos dar continuidade, porque foi uma coisa bastante positiva e isso pode ser uma das formas que, então eu esteja sugerindo. Resolvi trabalhar com idosos e no protagonismo deles na gestão do núcleo (núcleo que existe na ESEF). Eles sugerem e eles criam as atividades que serão desenvolvidas, desde o planejamento até a avaliação. Uma das atividades que nós fizemos foi uma **atividade intergeracional**, como nós consideramos: DE SUCATA A BRINQUEDO, APROXIMANDO GERAÇÕES!

No planejamento eu trabalhei com idosos, brinquedos que eles brincavam na sua época, construídos por eles mesmos e que hoje, eles já não vêem. Não podia entrar garrafa pet, não era da infância deles. Ao fazer essa atividade: ensinar às crianças a fazer os brinquedos... Nós temos aqui na faculdade, um outro projeto de extensão o nosso é para idoso e o outro com crianças da escola pública. Então, as crianças têm duas vezes por semana à tarde atividades de lazer com os alunos aqui da faculdade sendo professores deles. Então nós fizemos atividades para essas crianças: Eles (os idosos) ensinaram as crianças a fazerem os seus brinquedos, então eles tinham que receber aquelas crianças, eles na condição de professor, porque eles iriam ensinar a fazer o brinquedo. Eles tinham que mostrar à criança, cativá-la, convidando-a para fazer o brinquedo, respeitando o seu interesse, por qual tu te interessas e depois instruí-la com todos os cuidados por causa do material que poderia ser perigoso e tal, acompanhar a confecção do brinquedo. Foi um sucesso de ambas as partes. **Com isso eles transmitiram uma cultura, porque a criança, hoje, tem o brinquedo pronto, ela compra o brinquedo. Então é uma transmissão de cultura: nem todos nasceram com o brinquedo pronto, os que queriam brincar, tinham que construir e aí envolveram-se tanto, parece que o interesse ficou maior: eu fiz e depois foram brincar, aí eram os idosos e as crianças brincando com o que foi feito:** tradicionalmente entrou cinco marias, aprenderam a jogar as cinco marias, fizeram pé de lata que caminhavam em cima, e o idoso mostrando como é que se caminhava, mostrando equilíbrio e que eles eram capazes.

Trouxe uma experiência bastante criativa e simples e que revela momentos de afeto, generosidade e de muita lição.

A próxima participante é professora de 1ª a 4ª séries e orientadora educacional da escola.

Também cabe destacar seu contato com a EJA, visto que na mesma escola há essa modalidade de ensino. Refere que o adulto idoso serve de espelho e que participam ativamente das atividades extra-escolares oferecidas pela escola.

PE2: No momento não posso dizer que conheço. Como nós aqui na escola também temos a EJA, nós temos pessoas, assim, de 73 anos, de 80 anos, e elas estão ali sendo alfabetizadas, participando daquilo como crianças, assim, elas estão..., se respeitando os limites delas, dentro das limitações delas, mas participam ativamente. O prazer delas de virem até a sala de aula. são bem recebidas pelo professor, são bem mais carinhosas que os jovens, pois os jovens dão bem mais trabalho, bastante dificuldade, até pela nossa zona aqui, pela periferia, pela situação onde está localizada. Porque esses idosos que vem estudar a noite encontram aqui a atenção que gostariam de encontrar em casa com o neto. O tema do idoso exatamente, que não seja só nas escolas onde funciona a EJA. Acho que no contexto de todas as escolas, porque assim a criança vai aprendendo o valor do idoso, toda a contribuição que ele teve, história de vida. Porque todo mundo tem um passado que não se pode ignorar, que tem suas partes negativas, mas tem suas partes positivas também, que muito contribuem, a parte negativa pra se melhorar, e a parte positiva pra dar continuidade e ser o espelho.

A participante F faz parte do Conselho Estadual de Educação (gestora política) e traz a experiência da realidade que a cerca.

PF2: A Educação Básica trabalha com o idoso, mas trabalha **muito pontualmente**. Então, eu conheço, por exemplo, muitos projetos de escolas de Educação Básica que visitam asilos, que fazem contação de histórias, que vão levar música, que vão levar poemas...Várias escolas fazem esse trabalho. **Mas, muito timidamente ainda. São as escolas privadas!** Tem uma leitura assim que, normalmente, as confessionais, porque aí junta essa parte de ensino religioso com um projeto de algum outro acompanhante curricular, às vezes Filosofia, Sociologia, Literatura. Eu me lembro que uma época mesmo em que eu trabalhava com o 3º ano do Ensino Médio no Colégio B. C. , nós fazíamos a leitura de poemas em asilos. Eu sei também que o Colégio X (rede privada) faz trabalho comunitário, ainda esses dias eu vi o Colégio Y (rede privada) que faz um trabalho com o idoso. Estadual? Existem **alguns projetos** que a gente fica sabendo, **mas eu não saberia te indicar algum em especial, mas chega aqui no Conselho a notícia de alguns projetos que são feitos nesse sentido. Olha, o projeto pedagógico dessas escolas em que eu trabalhei, constava no programa de trabalho do professor.**

A participante G faz parte da Secretaria Estadual de Educação (gestora política) e colabora com suas colocações no sentido de esclarecer o que vê a respeito do tema.

PG2: Objetivamente eu não saberia te dizer. Esse trabalho com o idoso **não é muito visível** nos nossos planos pedagógicos. Ele não é muito visível. Eu acho que merece uma atenção especial, claro, temos conhecimento do Estatuto do Idoso e provavelmente do seu conteúdo, muitos professores devem abordar, mas não é um tema visível, ele tem que ser mais visível, mais explorado [...]

Segue o depoimento da participante:

PG2: [...] Eu trabalhei na saúde e essa questão com o tratamento do idoso, quando a gente está lidando com a área da saúde é muito mais presente, é muito mais próximo e lá na área da saúde a gente se preocupa, por exemplo, em manter o idoso em atividade, então uma das atividades que eu lembro assim numa cidade do interior onde se instalou um laboratório de informática na cidade. A gente foi ver quais eram os horários que eles tinham disponíveis, que não estavam utilizando e nesse horário a gente agendou para que fosse freqüentado pelos idosos pelo pessoal da terceira idade. Que para eles foi um achado. Eles entaram pela primeira vez muito deles diante de um computador, quer dizer, essa convivência com a modernidade até com essa escola atual, complexa, cheia de problemas eles tem mais capacidade, provavelmente, de conversar sobre isso do que muitos dos professores que enfrentam diariamente aquelas crianças.

O participante a seguir muito claramente coloca sua percepção:

PH2: Não vejo projeto pedagógico incluindo essa temática. Também acho que poucos professores acessam o projeto pedagógico ou sabem a filosofia de sua escola. O assunto do idoso toca-se no assunto, às vezes, em alguma coisa de Sociologia, Filosofia, mas creio que todas as matérias têm condições de abordar o tema, adaptando a disciplina em questão. A educação não pode alienar-se, deve espelhar as realidades que circundam o mundo. Muitos poderão pensar que tal tema é para trabalhar na EJA, mas creio firmemente que a sociedade para receber o número crescente de idosos deve preparar-se, então todos os projetos pedagógicos deveriam incluir o assunto para todo o ensino básico. Não conheço nenhuma escola da rede estadual que trabalhe formalmente o conteúdo do idoso, talvez ocasionalmente, numa ou outra data, mas dizer que há planejamento para isso, desconheço. Mas urge colocar as questões dos idosos, afinal o Estatuto pede, como a Sra. Colocou, então o MEC deve estruturar e dar as bases em que deverá ser trabalhada.

Através das falas, formal e explicitamente, verifica-se que a temática do idoso não consta nos projetos pedagógicos, com exceção da escola no interior do Estado (relato do **participante C**). É louvável que a escola onde o participante C exerce suas atividades, tenha a visão de que é importante trabalhar todas as etapas do desenvolvimento humano diz: **PC2**: “[...] Na EJA e no ensino regular e no jardim de infância. Esse ano, tem os cartazes com a borboleta e o casulo, que mostram a **transformação: transformar para que todos tenham vida, uma vida bonita, e bastante vida [...]**”.

Assim fica demonstrado que a analogia entre borboleta e a vida humana é a própria metamorfose de nossa existência. É a dinâmica da vida. São as transformações referenciadas de “transformar para que todos tenham vida”, conforme as palavras do participante. É a própria inclusão sendo possibilitada através de conteúdos previstos no planejamento pedagógico. Os demais, os que trabalham algo semelhante o fazem informalmente e até mesmo sem planejamento retórico, em atividades isoladas.

A temática tanto na Secretaria Estadual de Educação, no Conselho Estadual de Educação e no do Idoso, não é de conhecimento que a mesma exista como projeto pedagógico e a mesma legalmente não está previsto como conteúdo no âmbito do Rio Grande do Sul. O PB1 aponta: “Olha, as escolas municipais pelas quais eu passei, na minha modesta trajetória de 22 anos no ensino, das cinco eu vivenciei a situação em três, que apresentam no currículo a temática do idoso, não formalmente”.

A participante do Conselho Estadual do Idoso faz parte do mesmo há dez anos, desconhece projetos pedagógicos que contemplem o tema: PD1: [...] vejo experiências pontuais, como contadores de histórias, coisas assim, mas **currículo não, não conheço projeto pedagógico.**

Por sua vez o membro do Conselho Estadual da Educação exerce o magistério há mais de trinta anos e está no Conselho há mais de oito anos, também relata que em sua trajetória profissional não lembra de projeto pedagógico que trate do assunto, De acordo com PF2: “[...] a Educação Básica trabalha com o idoso, mas trabalha **muito pontualmente Mas, muito timidamente ainda Olha, o projeto pedagógico dessas escolas em que eu trabalhei, constava no programa de trabalho do professor**”.

A participante G, membro da Secretaria Estadual de Educação aponta que dito tema não está previsto nos projetos pedagógicos por implementação legal no Estado do Rio Grande do Sul. PG2 diz: “[...] Esse trabalho com o idoso não é muito visível nos nossos planos pedagógicos”.

Segundo o participante H:

PH2: Não vejo projeto pedagógico incluindo essa temática Acho que a educação pode dar à sociedade a chance de ver o idoso como uma pessoa que tem oportunidades, que tem experiência e sabedoria para dividir, e que até o último suspiro pode produzir.

Além disso, é evidente que “a educação terá um papel determinante na criação da sensibilidade social necessária pra reorientar a humanidade” (ASSMANN, 1998, p. 26). Esse é o papel central da educação, ou seja, ajudar a formar pessoas capazes de interagirem com ética e solidariedade com o meio, capaz de transformá-lo para melhor. Ainda em Assmann (1998, p. 27) “Será que não está na hora de conjugar, de forma inovadora, experiências efetivas de aprendizagem com criação de sensibilidade solidária?”.

Por isso a necessidade de trabalhar a questão do idoso na escola. Somente através da educação das crianças se pode mudar a visão de preconceito e exclusão que se tem hoje em

dia, principalmente no Brasil, com aqueles que já fizeram muito pelo nosso país, para se ter no futuro um país evoluído onde existirão muito mais idosos que atualmente, mas que serão amados, respeitados e inseridos numa sociedade com toda uma infra-estrutura cultural e social voltada para eles.

Essa sensibilidade social e solidária, que em outras palavras poderia se traduzir pelo respeito ao próximo, indiscriminadamente (seja ele idoso, negro, deficiente visual e outros), caberá à escola trabalhar, já que em casa muitas vezes esse conceito não é passado pelos pais aos seus filhos.

É especialmente importante considerar-se que cada vez mais se torna necessária a preocupação com a formação integral da pessoa, através da realização das potencialidades do ser humano e de sua preparação para a cidadania e o trabalho. Cabe ressaltar o artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases (SILVEIRA e colaboradores, 2003, p. 63): “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na convivência humana, na vida familiar, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Assim, a legislação contempla a aproximação do aluno com o cotidiano da vida. É sumamente louvável que a escola dê espaço para o aluno refletir, proporcionando-lhe conteúdos que passem no seu dia-a-dia, dando-lhe pistas para melhor entender a fase que, sucessivamente, um dia fará parte de seu caminho humano: A Fase Adulta Tardia. Assim poder disponibilizar, quem sabe, melhor entendimento entre, pais, filhos, avós, despertando valores afetivos e solidários em relação aos idosos.

No texto “A Educação no Terceiro Milênio” (2003, p. 55), o professor Dr. José Mouriño Mosquera realiza uma reflexão sobre as propostas existentes para a *educação no Século XXI*. Baseado em autores como FILMUS e CARNEIRO, apontam os saberes necessários para vivenciar os valores preconizados sobre essa educação que acabam por ganhar maior visibilidade nos *Quatro Pilares para a Educação do Século XXI* propostos pela UNESCO, através do “Relatório Delors”. Segundo esse relatório, a educação deve proporcionar aos indivíduos quatro aprendizagens básicas: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a viver juntos.

Ante a psicologia histórico-cultural, o homem é produto de processos internos e externos. Os processos internos referem-se à sua história ímpar, única e subjetiva, já os processos externos referem-se às situações sociais que o sujeito vivencia, experimenta em sua trajetória de vida.

Assim, o homem, desde o nascimento, aprende com o seu meio a melhor maneira de agir e também de sentir. O terceiro milênio já em curso trouxe para a educação, uma proposta “que conduza um desenvolvimento humano, mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras [...]” (DELORS, 1999, p. 11).

Notadamente é importante a criança, o jovem conviver com adultos tardios, pois a interação certamente quebra tabus e resistências. Muitas vezes problemas semelhantes ocorrem em todas as fases da vida, assim em Helen Bee (1997, p. 580):

Apesar das mudanças físicas do envelhecimento e da próxima inaudibilidade do relógio social, muitos dos mesmos processos psicológicos básicos que encontramos nos adolescentes, jovens adultos e adultos na meia-idade ainda estão em ação na velhice. Por exemplo, a satisfação com a vida é prevista, basicamente, pelos mesmos fatores em cada idade: apoio social adequado, um senso de controle, baixa incidência de mudanças de vida inesperadas ou não-planejadas e condições financeiras adequadas. Entre adultos mais jovens, a satisfação profissional é um ingrediente dos mais importantes na equação, e, entre adultos mais velhos, a saúde chega quase ao topo da lista. No entanto, são notáveis os ingredientes comuns.

Indubitavelmente, a legislação brasileira sobre a educação, cerca-se de princípios éticos, políticos e estéticos. Princípios como sensibilidade, igualdade e identidade devem nortear o caminho do saber para a criatividade, para o espírito inventivo, para promover a crítica e, sobretudo a afetividade.

O artigo 10, parágrafo 2º do Estatuto do Idoso (2008, p. 25), assim preceitua: “O respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, dos espaços e dos objetos pessoais”.

Infere-se que o respeito ao idoso pode advir com a educação no seu processo de promover a afetividade. Os participantes apontam que a vida tem um ciclo e que segue um roteiro natural, assim em consonância encontra-se em Mosquera (1978, p. 199): “A vida do ser humano se abre com o nascimento e se fecha com a morte”.

Ao pronunciarem que a vida tem fases, permitem evocar a visão de que o ciclo da vida humana não pode ser limitado e nem reduzido como ilustra o Dr. Mosquera (1978): “O ser humano é uma fonte de inesgotáveis possibilidades”.

Também Helen Bee (1997, p. 577): “O fato de o relógio biológico não bater igualmente alto para todos os adultos idosos não consegue mascarar ou disfarçar o fato de que

a perda ou mudança biológica torna-se cada vez mais uma questão que é parte da vida de todos nesses anos de velhice”.

Não pode a sociedade ficar alheia ao que é humano. Esse roteiro da vida do nascer ao morrer traz a tônica da complexidade humana. Se as escolas não aliarem o conhecimento aos valores necessários para uma sociedade mais humana, fica fadada ao monólogo. Também as emoções, sentimentos, quando bem conduzidos podem gerar bons frutos. Os sentimentos e as emoções dão conta do que se tem de mais humano: a capacidade de sentir e elaborar os sentimentos que nos circundam o dia-a-dia.

Não será esse desprezo pelas emoções o causador de tanto mal-estar na sociedade atual? A humanidade tanto tem privilegiado a razão em detrimento das emoções, porém, aumentou a fome, novas epidemias têm surgido, guerras avançam, a violência nas escolas aumenta e o descaso das autoridades mata.

A mudança na sociedade, necessariamente deve vir acompanhada de uma mudança cultural e qual o melhor lugar para formar novos saberes, conhecimentos partilhados e enriquecidos de bons sentimentos que promovam uma cultura de paz e bem-estar geral? Na escola.

Há que se despertar os sentidos, talvez adormecidos, pela conjuntura política, ávida por um olhar sério e contundente sobre a EDUCAÇÃO e, até mesmo pelo comodismo o qual muitas vezes persiste em deteriorar a todos, enquanto professores e profissionais da educação em geral.

A resposta também está em saber interagir com os colegas, em buscar soluções conjuntas, em trabalhar como parceiros na fiel condução de uma educação harmoniosa, que leve em conta a individualidade, mas que finca raízes no coletivo: “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana” (MORIN, 2005, p. 55).

Há que se restabelecer parceria e cumplicidade: escola/família/comunidade. Assim, à medida que se indaga, vai-se desvendando esta ciência e fenômeno que é a vida e, descobrindo, ademais a importância da educação para apontar novos rumos à sociedade vigente e carente de compromisso moral e ético.

Acredita-se que há preocupação com tais temas, mas entre o planejamento e a ação há um caminho a percorrer. Assim, a legislação que não sai do papel, torna-se inócua. Não há lugar para a inércia, deve-se, enquanto educadores, estar preparados para programar e

implementar novos conteúdos desafios que acenam para possibilidades de espargir harmonia e fraternidade.

Continuando com a análise, surge uma **Segunda categoria: Fatores Sociais**. Nesta categoria, surgem duas subcategorias: **estereótipos em relação à velhice e qualidade de vida**.

Vale ainda recordar que as categorias encontradas não necessariamente estão na ordem das questões, pois como já se disse muitas vezes, as respostas estão imbricadas e repicam nos variados questionamentos. Também cabe assinalar que há trechos longos nas falas, que por fidelidade às informações não foi possível suprimi-los, até mesmo para não comprometer o princípio de interpretabilidade.

PA1: [...] é que o nosso aposentado hoje está muito sacrificado, pois com a aposentadoria ele não consegue sobreviver. Então nessa idade eles têm que buscar alguma coisa para suplementar sua aposentadoria, pois o que recebe não é suficiente. [...] isso aí é familiar, questão de educação familiar, mau atendimento, maus tratos, é passível de punição, quem é que dá bola?

É difícil falar em idoso sem tocar no assunto aposentadoria, embora se conviva com aposentados que não são idosos tardios, mas não paira dúvida de que hoje ao aposentar-se, ainda restam muitos anos de vida às pessoas, veja-se a seguinte colocação do PF2: “[...] Quando as pessoas se aposentam, às vezes com 50 ou 60 anos, e duram até os 80, algumas chegam até os 90 anos [...]”.

Isso lhes exige um preparo, sobretudo psicológico para adaptarem-se às transformações que ocorrem a passos largos na sociedade do tempo real. Olds, Papalia e Feldman (2006) remetem que quando alguém resolve aposentar-se, está entre as decisões de estilo de vida mais difíceis que fazem as pessoas ao aproximarem-se da terceira idade. Não resta dúvida que decisões assim afetam o lado financeiro e emocional, pois doravante, como depender seu tempo e sobreviver com os poucos ganhos é um desafio.

Quando se vê alguém aposentado aos 60/65 anos e que ainda lhe resta muitos anos há que lhe despertar para uma fase com possibilidades, contudo possibilidades comedidas, executáveis, acendendo-lhe a chama da esperança de ser útil, mantendo o atilamento presente.

Na fala do participante A é claro que as aposentadorias, pelo menos a maioria delas no país são poucas. As políticas públicas não alcançam cumprir o que deveriam, ou seja, prestar aos aposentados bons serviços compensá-lo dignamente pelo que produziu para a nação. É cristalino que os ganhos muitas vezes não lhes reservam moradia adequada e nem

lhes cobrem os custos de medicamentos e a assistência médica é uma realidade precária. São em extensas filas que buscam uma consulta médica, nas madrugadas íngremes e penosas.

A realidade é que o tratamento dispensado ao aposentado brasileiro, que muitas vezes é representado por idosos, é indecente. Após ter dado sua mocidade, ainda resta-lhe ser o amparo financeiro de muitas famílias, como aponta o participante.

PA1: [...] Porto Alegre não foge à regra. Existe comprovadamente que de cada 35% dos lares a principal renda da família é dos aposentados [...] Exatamente, dado a carência de emprego, de trabalho. É aposentado sustentando nora, neto, filho desempregado. Ele tem que suprir a sua família senão ele está fadado ao desespero mesmo [...] O aposentado só poderá fazer greve de fome, mas essa greve de fome é exatamente o que os governos querem, porque aí termina, morre muito mais aposentado e alivia o governo. [...] que até então o aumento do aposentado era vinculado ao salário mínimo, então o primeiro desvínculo foi a partir da base da data da concessão. [...] 8 milhões que somos nós, aposentados do salário-mínimo. Nós temos famílias aí que é uma vergonha, tirando aquele salário que é do aposentado [...].

Com o grau de miséria que assola muitas famílias brasileiras, a aposentadoria dos idosos é a renda única que mensalmente podem contar. “[...] os idosos tendem a ser menos pobres que a população em geral, mesmo recebendo tal quantia irrisória. [...] o idoso aposentado ganha *status* na família por uma via tão perversa quanto aquela que lhe rouba o *status*, qual seja, a saída do sistema produtivo. [...]” (LOPES, 2006, p. 130-40).

Os problemas e fatores sociais vão desde as políticas públicas como já se apontou, à violência, abandono familiar, aos estereótipos e a ausência muitas vezes de qualidade de vida. Como indica Helen Bee (1997, p. 575): “[...] uma aposentadoria no momento certo é afetada por responsabilidades familiares, adequação dos rendimentos antecipados e satisfação com o trabalho”. Há que planejar a aposentadoria em todos os sentidos, desde o econômico ao afetivo.

Com o aumento da expectativa de vida, após a aposentadoria, para muitos ainda há muitos anos por viver, restando força e capacidade para mais, assim privar o idoso daquilo que ainda pode produzir é uma lacuna para a sociedade que muitas vezes abandona uma mão de obra eficiente e experiente.

Como apregoa Lidz (1973 apud MOSQUERA, 1978, p. 177): “[...] o homem que se aposenta pode ser perfeitamente capaz de continuar trabalhando durante vários anos”.

De acordo com as declarações:

PB1: Em alguns locais, o idoso é muito bem tratado, muito bem recebido; e em outros, ele é deixado à margem, e em outros momentos ele seria até de certa forma utilizado, explorado, na sua condição de idoso. Nós vemos, por exemplo, em filas de bancos, idosos que deveriam estar em seu momento de lazer, aproveitando a sua vida depois de tantos anos de trabalho com uma aposentadoria digna, mas estão lá fazendo o trabalho de “idosos-boy”, em filas preferenciais, com pilhas de pagamentos de empresas. Porque eles levam menos tempo pra se desvencilhar do banco e se fosse um office-boy entraria numa fila geral, então a empresa ganha e ao mesmo tempo custo social, pois o idoso trabalha sem carteira assinada, não tem fundo de garantia, não tem INSS a recolher por parte das empresas, então pra mim, essa é a parte da exploração do idoso.

Da colocação acima se extrai, que também é um fator social a questão da exploração do idoso pelas razões expostas. Manter-se em atividade e ser útil é benéfico ao idoso, em contrapartida há que ser uma atividade compatível, não essa dura realidade apresentada, além de oferecer riscos não passíveis de serem calculados, o coloca como simplesmente mão-de-obra barata, se é que assim é possível expressar.

Logo abaixo o participante aponta a postura da sociedade que, em especial, nessa cidade (interior do Estado) parece assim “disputar” um lugar em funerais. Sabem que quem se despediu cumpriu uma trajetória, muitas vezes longa, pois a expectativa de vida aí resulta extensa. É curioso o ponto de vista e simultaneamente correto: triste seria enterrar alguém jovem e que nada cumpriu. Nessa sociedade, especificamente, o idoso tem lugar de destaque e convive no espaço escolar e comunitário ativamente, como bem assinala o participante.

PC1: É interessante uma coisa que acontece aqui em (cidade X), quando alguém falece as nossas rádios aqui, com pouca potência [...] então quando vão dar uma nota fúnebre todo mundo escuta, se preocupa em saber quem faleceu, e a gente fica triste quando uma pessoa que aqui falece tem pouca idade, Quando falecem os “noninhos” eles têm o costume de dar a idade. Não vou dizer que é uma festa, mas é um encontro diferente porque a gente sabe que mais um batalhador, mais uma pessoa que viveu, que cumpre uma coisa, assim, normal, os filhos enterrarem os pais. Onde que a gente percebe em alguns locais, hoje, em função de tudo que está acontecendo, os pais terem que enterrar os filhos. Isso é muito triste.[...] essa questão do idoso faz parte do dia-a-dia aqui na comunidade.

PC2: [...] vamos convidar o grupo da longevidade. Aqueles noninhos se sentem felizes de se apresentar, valorizados, isso que é importante. Eles têm seu encontro todas as terças-feiras, ficam a tarde toda, tem educação física, tem jogos, tem dança, tem comes e bebes, uma festa.

Abaixo é dito que as políticas públicas não são satisfatórias e na sociedade vigente aquele que não gera lucro está fadado à miséria e ao esquecimento, porém, como opina a participante também há uma nova realidade descortinando-se e apontando novos dias. A

própria oportunidade do idoso de retornar ao convívio escolar devolve-lhe a auto-estima e a confiança de que pode ousar mais e que portas podem ser abertas e que adentrar em uma nova dimensão social é algo bilateral. A porta pode estar ali fechada, mas posso abri-la e desvendar novas possibilidades...

Lembrando Mosquera (1978, p. 191): “A capacidade de olhar para o futuro, desenvolvida adequadamente, contribui para diminuir a apatia e manter a inteligência acordada”.

PE1:[...] e as oportunidades que são dadas para os idosos, acho que estamos começando a nos inserir num mundo maravilhoso PE2:[...] mesmo quando entrar no ônibus, quando o ônibus está cheio, se um deles está sentado, que ele sempre dê o lugar para uma pessoa de idade, que ele seja tranquilo quando for atravessar uma rua e vir uma pessoa com dificuldade, que ele a auxilie. Tentando sempre fazer com que esses valores tão importantes e às vezes coisas tão pequenas para serem feitas, coisas pequenas que fazem diferença...

PE3: A escola pra eles seria um clube, além deles virem aprender, eles vêm pro social deles, principalmente as senhoras, elas vêm “arrumadinhas” porque elas já fizeram o que tinham que fazer da vida, elas já tiveram filhos, cuidam dos netos, agora elas já estão mais libertas pra elas, então elas aproveitam assim, se cuidam mais, coisa que não faziam anteriormente. [...].

PE5: apesar de que nossos idosos já estão muito inseridos na sociedade, em várias... na política pública já estão acontecendo, um ponto de vista bem comum, que é na parte da saúde, o idoso na saúde não é bem tratado, a maioria deles, me referindo à nossa realidade, eles dependem de hospital, eles ficam atirados no corredor, se precisam de uma ficha vão de madrugada, ficam esperando até falecer, se precisam de um ônibus as pessoas não respeitam o lugar deles, então eu acho que o idoso ainda é maltratado, não é malvisto. As autoridades falam muito nos velhinhos, nos idosos, mas assim como uma coisa para se acharem os bonzinhos, mas na realidade, na prática mesmo, não tem ainda uma linha que dê um seguimento para que o idoso venha colher frutos [...].

Nas declarações a seguir destacam-se fatores sociais como ambiente adequado aos idosos, que ofereçam segurança, que permitam preservar sua integridade física. Como diz Zimmerman (2000): “Muitas vezes, pequenas adaptações são suficientes para garantir conforto e bem-estar ao idoso”. Também é necessário ver que o idoso faz parte do nosso cotidiano, não há como negar, quando os números indicam que a presença de idosos será cada vez maior no nosso meio.

Segundo dados do IBGE (2008, extraídos do jornal Zero Hora, 2009, p. 31) os idosos com 60 anos ou mais já representam 11% dos brasileiros e em 1998 eram 8,8 % e o Estado do Rio Grande do Sul é um dos mais envelhecidos. Em 1998, no Rio Grande do Sul, os idosos representavam 10,1 % da população e em 2008 alcançou 13,5 %.

Também se deve referir que os gaúchos em uma década lograram 4 anos a mais de vida. A esperança de vida em anos, ao nascer, no Brasil em 1998 era de 68,1 passando em 2008 para 73 e, no Rio Grande do Sul, passou-se de 71,2 para 75,3. São dados que tendem a aumentar e a exigir da sociedade novos posicionamentos à questão. Assim, uma grande e sublime tarefa está reservada para a educação brasileira.

PG3: É conseguir reconhecer os diferentes grupos étnicos, os diferentes grupos sociais existentes que compõem uma sociedade e reconhecê-los, trabalhar juntos, democraticamente, garantindo boas condições para todos. Então essa, o que ao trabalhar, ao conversar sobre as condições de vida de uma sociedade, tenho que lembrar do idoso, suas especificidades, suas necessidades, garantias de qualidade de vida, etc. Tem como ver o envelhecimento da pessoa, tem como trabalhar os ambientes para as pessoas de mais idade, as atividades para essas pessoas.

PG4: [...] para a riqueza de conhecimentos, as capacidades que essas pessoas têm. A sociedade atual sofre de crises imensas, de crises de responsabilidades, de crises de valores, de ética, exatamente. Talvez seja uma crise também, a gente não olhar para quem está ao nosso redor. Precisa olhar para todos os seres, não é?

Mais uma vez na fala seguinte as políticas públicas são apontadas como deterioradas e ausentes. O lazer é permitido a pequenos grupos, quando deveria ser estendido a todos. Há algumas medidas que favorecem os idosos, disposições legais que lhes garante entradas, bilheterias com descontos e etc., mesmo assim, dada a dura realidade do salário mínimo que muitas vezes, como já se disse é o que percebe o aposentado, não lhe faculta participar de espetáculos e afins, nem sequer alcança suas necessidades básicas e garante sua sobrevivência.

PD1: Nós temos problemas na saúde, na educação, ainda hoje temos analfabetos, saúde nem se fala..., bastante filas, o acesso à marcação de exames, aquela coisa toda... Velhice não é doença, mas é um desgaste físico que precisa ser atendido. E ainda o turismo, eu diria, não é 100%, porque é para quem tem dinheiro. Nós teríamos que ter direito do idoso acessar a todos os serviços, essa realidade não existe, então nós convivemos com duas situações.

Recentemente, ouviu-se a respeito de um projeto de lei que visa criar o vale-cultura e que esse também será estendido aos aposentados. Não seria mais digna uma aposentadoria que atendesse às necessidades básicas, inclusive lazer?

Os idosos valem mais do que um simples vale. Dêem-lhes condições financeiras, não esmolas. PF1 diz: “[...] e eu vejo que hoje em dia existe um leque de lugares e de lazer para as pessoas idosas o que é muito importante. É claro que, em termos do reconhecimento dessas pessoas, acho que nós temos muito ainda que trilhar [...]”.

Assim como a outra participante **E** que relata que hoje há mais oportunidades para os idosos, porém há que reconhecê-los mais, estender-lhes direitos satisfatórios, facultando-lhes projetos de vida e ainda há muito para conhecer do processo de envelhecimento e igualmente que fatores influenciam o mesmo. PH diz: “As políticas públicas ainda são escassas e as que existem não saem do papel. Eu vejo o idoso com uma gama de oportunidades”.

Esse olhar reporta-se mais uma vez à questão das políticas públicas deficitárias para os idosos, mas reconhece que a sociedade está mais favorável a essa parcela da população.

Néri (2007, p. 48) diz “Ao mesmo tempo, as sociedades humanas ainda não criaram uma forma de assegurar aos idosos o mesmo conjunto de direitos e de oportunidades oferecidos para as coortes em idade produtiva, o que faz da velhice um período de relativo afastamento social e de carências”.

Quanto às subcategorias, **estereótipos em relação à velhice e qualidade de vida**, assim encontram-se:

Observação: O número indica onde aparece a assertiva, ou seja, em qual questão aparece. Como há respostas imbricadas em variadas perguntas, pode aparecer determinado registro em variadas formulações. Para PA3: “[...] porque o que nós vemos hoje é não só no público em geral, na juventude e tal, a discriminação do idoso. Qualquer coisa “é velho, é quadrado”. Ele é visto como um traste inútil”.

As palavras acima são originárias de um senhor de mais de 70 anos. Todos somos seres dotados de raciocínio e inteligência, portanto traste é no mínimo deferência que poderá ser feita a objetos, não a seres humanos, e muito menos atributo para um adulto tardio, por ser demasiadamente cruel.

A existência por si só já é um sinal de que se está presente e que para algo se é útil, algum papel está reservado. A sociedade ocidental, lembrando mais uma vez de Beauvoir (1970) trata mal seus velhos e falar sobre o tema já é um tabu. A autora traz a visão de que em um mundo materializado, voltado para a produção, para o lucro desperta desrespeito e indiferença para com a velhice.

A tradição e a história encontram-se nos velhos. Não se pode estigmatizá-los e massificá-los. Segundo Mosquera (1978) o homem vive na era do absurdo, sob o ‘signo da massa’, massas amedrontadas, solitárias e vazias, massa muitas vezes diminuídas pela mídia. Esta concepção não é diferente da que apresenta Zimmerman (2000, p. 41) ao dizer: “A massificação transforma o velho em um todo, e quem é um todo não é nada”.

Para enriquecer e corroborar as percepções do participante A acrescenta-se a visão de alguns autores no livro *Idosos no Brasil – Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*, uma coletânea de textos produzidos por profissionais de diversas formações (Doutores em Psicologia, Mestres em Gerontologia, Cientistas Sociais, Professores em diversas áreas, Assistentes Sociais, Pedagogos, Teólogos, Filósofos, Economistas, entre outros), comprometidos com a compreensão dos fenômenos da velhice e do envelhecimento e com a atenção aos idosos nos domínios do bem-estar psicológico, social e da saúde.

Os Autores trabalharam sobre os dados da pesquisa de mesmo título, produzida por iniciativa conjunta do SESC Nacional e SESC São Paulo e da Fundação Perseu Abramo (Núcleo de Opinião Pública).

Para atingir os objetivos propostos, a amostra total foi composta de 3.744 entrevistas, estratificadas em dois subuniversos. Foram entrevistados 2.136 indivíduos do segmento da terceira idade (pessoas com 60 anos e mais) e 1.608 indivíduos da população jovem e adulta (16 a 59 anos), em 204 municípios brasileiros. (dados coletados da p. 16 e 225).

A explanação sobre a pesquisa fez-se necessária para que possibilite uma visão mais clara dentro do universo das respostas. Um dos textos *A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado*, por VENTURI e BOKANY (2007, p. 25-7), mostra dados significativos sobre a percepção da chegada da velhice como associada a aspectos negativos, tanto entre os idosos (88%) como entre os não idosos (90%). Entre a população adulta não idosa prevalece a percepção de que há mais coisas ruins do que coisas boas em ser idoso (44%, chegando a 49% entre os jovens de 26 e 17 anos)

Para a maioria dos não idosos (85%) e dos idosos (80%) existe preconceito contra a velhice no Brasil, seja muito (opinião respectivamente de 52% e 43%), seja pouco (39% e 32%) A maior parte da população (75% entre não idosos e 76% entre idosos) sabe citar traços negativos da imagem que os mais jovens têm dos idosos, enquanto apenas um quinto (21% dos não idosos e 19% dos idosos) menciona algum traço positivo como componente dessa imagem.

Os dados demonstram que essa realidade precisa ser mudada, se desde pequenos trabalharem-se hábitos e atitudes não mais se passará por esse duro caminho. PB2 diz: “[...] Fazendo com que o mais jovem respeite a experiência do idoso e escute a sua história de vida e sirva como referência”.

Novamente é trazida a idéia de que o jovem e a sociedade como um todo deve respeito ao idoso pela experiência que o mesmo traz. Muito se vê que o idoso até mesmo nos

seus direitos fundamentais é desrespeitado. Erikson (apud MOSQUERA; STOBÄUS; ABRAHÃO, 2008, p. 23) foi um dos primeiros investigadores a conceber a sabedoria como um lugar privilegiado no ciclo da vida. Os autores baseados em Maslow apontam para a possibilidade de uma adultez tardia sadia fundamentada na análise da hierarquia das necessidades básicas: “[...] especialmente em uma sociedade que acreditasse que a pessoa de mais idade é importante e significativa e que pode ter uma grande influência sobre os acontecimentos sociais e a construção do futuro”. PC4 diz: “[...] eles vêem o idoso como um cidadão incapaz”.

O tratamento ao idoso requer primeiramente a quebra de tabus. Essa etapa da vida é uma fase que evidentemente vem acompanhada de declínio de funções, como manifesta Beauvoir (1970), o envelhecimento biológico faz parte do ciclo da vida, mas tornar-se incapaz é um atributo por demais penoso, pois a incapacidade pode inclusive independe da idade.

O que é salutar é adequar novas funções de acordo com as possibilidades de responder às mesmas com razoáveis condições. Como aponta Mosquera (1978, p. 172), as pessoas respondem no seu processo de envelhecimento individualmente, então não cabe generalizar. Como ilustra: “[...] em casos particulares se encontram velhos de um assombroso vigor físico e espiritual que são capazes de obras geniais [...]”.

Convive-se nos dias de hoje com a indiferença quanto ao idoso tardio. Talvez o meio tão impregnado pelo poder e dominado pelo lucro, somente consiga ver no idoso o encerramento da cadeia produtiva material, não podendo mais gerar riquezas. Desvalorizar a sabedoria dos idosos é enterrar a própria história de cada um de nós e o que é o homem sem registros?

Tanto progresso científico, tanto avanço na Medicina, nas promessas de rejuvenescimento e a humanidade no que melhorou? A sensibilidade social é parca, pois as guerras continuam, a violência põe a todos nas grades. As epidemias assombram e a fome mata. Lembrando Freud (1930, [1929]) “tanto progresso e a humanidade continua a experimentar no seu interior um latente e constante mal-estar”. PD3 diz: “[...] Sim existe preconceito. Existe preconceito da criança, mas existe preconceito do próprio velho, então para quebrar preconceitos de ambos...”.

Entre o velho e o jovem há que restabelecer um diálogo. Nas famílias atuais ocorre muitas vezes um encontro de gerações. A figura de bisavós é bastante frequente, o que até pouco tempo não se via.

Indubitavelmente, ao idoso também cabe o papel de fazer notar-se, nada da ideologia que já viveu o que tinha para viver. Para ser aceito há que se aceitar, evidente que com suas limitações, mas com a firme convicção de vencê-las e adaptá-las.

Como traz Zimerman (2000, p. 73): “Parece ser condição indispensável para um bom diálogo entre as gerações o respeito, a comunicação e o afeto. Colocar-se no lugar do outro, viver o outro, é nutrir amor”.

Os jargões utilizados para referir-se ao idoso acabam ditando a idéia do que é ser idoso e leva os próprios a se aceitarem como seres acabados, obsoletos.

[...] Por vezes, não é a falta de capacidade do velho que existe, mas, sim, a carência de oportunidade e ausência de paciência dos mais jovens, em sua velocidade juvenil e adulta, para considerar as potências plenas de experiência, técnica e afeto dos idosos. Se os velhos calarem, ou continuarem sendo calados, não se terá mais em pouco tempo, o registro do passado, as marcas vivas, relatadas, da identidade cultural que caracteriza um povo. (CHAUÍ apud LOUREIRO, 1998, p. 35).

PE2 diz: “[...] e não como um idosinho, pobrezinho, que não seja apontado como pobre velhinho”.

Idéias pré-concebidas acerca do idoso querendo generalizá-lo é querer atribuir-lhe uma depreciação. Zimerman (2000) diz que em uma sociedade consumista como a nossa, o velho tornou-se um ser descartável. Esta imagem negativa é produto de uma cultura mercantilista, agarrada à imagem ao invólucro.

O envelhecimento tardio é uma conquista dos tempos atuais, entretanto é visto como um fardo econômico pesado para os cofres públicos e para a sociedade em geral.

Como menciona a mesma autora (2000, p. 41):

Velho só é o contrário de novo no dicionário. Em termos biopsicossociais, essa crença está completamente errada. [...] a velhice é uma fase da vida e não se opõe à juventude. Aqueles que ainda têm a idéia de que o Brasil é um país jovem precisam se dar conta de que nossa população está envelhecendo e que as estimativas mostram que em 2025 [...] seremos a sexta nação do mundo em número de velhos.

PF4: dissolver esse preconceito: todas as pessoas são iguais, têm que ter os mesmos direitos, as mesmas educações. Me parece que a questão do respeito ao idoso já melhorou bastante. Antigamente você ouvia muito a frase: “Ah, o velhinho, a velhinha”. Só que agora o idoso não é mais o velhinho e a velhinha.

A realidade é que cada vez vive-se mais e o *velhinho* e a *velhinha* estão cedendo lugar a uma velhice mais corajosa, mais ousada. Tentam organizar-se e buscar espaço, melhores dias e respostas mais satisfatórias da sociedade para suas insatisfações. Tem-se que

honrar verdadeiramente e colocar-se em prática o lema: Igualdade, Fraternidade e Liberdade, ideais que foram forjados na luta e na conquista, desde há muito, objetivando uma sociedade de paz e de comunhão e que não podem ser esquecidos e enterrados, sob pena de todos tornarem-se seres egoístas e vazios. PG4 diz: “[...] É conseguir reconhecer os diferentes grupos étnicos, os diferentes grupos sociais existentes que compõem uma sociedade e reconhecê-los [...]”.

Nessa fala (PG4), está presente a questão de que romper com preconceitos e tabus é estar preparado para reconhecer a existência de diferentes grupos e que através do diálogo e do reconhecimento pode-se mudar a realidade social que muitas vezes insiste em denegrir os diferentes. “Entende-se que se trata de reabilitar o valor do homem velho, perdido nas artimanhas de uma sociedade racionalizada, por meio de uma educação ‘fática’, com uma pedagogia da ‘escuta’ que remeta ao humanismo” (CARVALHO apud LOUREIRO, 1998, p. 36).

PH5: “São alarmantes as estatísticas sobre mal-tratos de idosos em todos os sentidos, será que nada podemos fazer?!”.

PA3: Se for ler o Estatuto, as punições que têm, política de atendimento do idoso, disposições gerais, os estabelecimentos que atendem idosos e assim por diante. Das entidades de atendimento ao idoso, o que tem de punição aqui (apontando para o Estatuto), mas ninguém dá atenção, ninguém cumpre. Só no transporte é mais ou menos atendido, do artigo 39 ao 42 até é cumprido, daí em diante ninguém cumpre.

Note-se que ambos os participantes PH E PA trazem a questão da violência e medidas de proteção ao idoso, que se feridas são passíveis de sanção, porém o PA coloca que não são aplicadas como previstas.

Este é um ponto cruel e que nas estatísticas aparece como avassalador. No programa diário da rede Record de televisão, intitulado Rio Grande no Ar, em uma manhã de setembro de 2009 foi noticiado que na capital dos gaúchos a cada semana são registrados nas delegacias para idosos, de 5 a 10 casos de violência e muitas vezes as mesmas ocorrem no seio da família. Já não basta segregar e desamparar o velho há que ainda agredir-lhe com palavras ou fisicamente? As medidas de proteção terão que sair do papel, pois amanhã seremos os idosos. O envelhecimento da população é uma tendência presente não somente no Brasil, mas no mundo e esse segmento social não pode ser desprezado. Urge que às portas do terceiro milênio que problemas dessa natureza obtenham da sociedade e dos organismos públicos um efetivo compromisso social. A experiência do idoso pode torná-lo apto a vivências de novas

situações e nesse sentido, mais que tudo, a experiência pode ser uma aliada na busca de soluções para variados problemas que atingem o mundo em que habitamos.

- **Subcategoria Qualidade de Vida**

A década de 1940 foi o início do despertar para os estudos científicos na área do envelhecimento saudável, destacadamente pela Escola de Chicago. Seus pesquisadores aludem como características para envelhecer bem a satisfação com a condição de vida e ter projetos para o futuro. Outros teóricos e pesquisadores trouxeram suas contribuições ao tema, porém a intenção aqui é apenas introduzir o tema, sem aprofundá-lo, deixando, talvez para outra oportunidade ou aos que desejam buscar maior embasamento.

Há uma pesquisa que pode ilustrar o assunto, trazida por Xavier e colaboradores (2003), apud Chachamovic, Trentini e Fleck (2007, p. 62-81). Entrevistaram em Veranópolis-RS 67 idosos arrolados por amostragem aleatória, representando um total de 219 octagenários da comunidade. Como instrumento utilizaram as cinco questões de Farquhar³ (1995) para determinar que fatores influenciavam no entendimento de qualidade de vida dos entrevistados. Do total, 57% classificaram sua qualidade de vida como positiva e 18% como negativa. Os que a apontaram como positiva, a sintomatologia de depressão é menos intensa, os que a julgaram negativa, envolve problemas de saúde e condições de vida inferiores.

Trouxeram como fatores de uma boa qualidade de vida: saúde - 43%; bom relacionamento familiar - 32 % e segurança financeira - 28 %. De outra banda, os fatores de uma qualidade de vida negativa: problemas de saúde - 96 %; trabalho - 17 % e insatisfação com a família e amigos - 13 %. É possível inferir que a saúde é o eixo central. Há uma maior preocupação com o tema, como trazem os autores: “[...] qualidade de vida negativa pode estar relacionada à perda de saúde, enquanto que qualidade de vida positiva parece ser associada a uma variação maior de categorias”. Cumpre destacar que o bom relacionamento familiar é fator preponderante e essencial para todos, entretanto para os idosos pode significar mais. O amor, o carinho e o afeto dos entes queridos podem compensar-lhe a fragilidade da saúde e proporciona-lhe prazer de viver.

³ a. Como o (a) senhor (a) descreve a sua qualidade de vida? Baseado em que fatores o senhor (a) pensa isso?
b. Que fatores acrescentam qualidade a sua vida?
c. Que fatores retiram qualidade de sua vida?
d. Que fatores fazem a sua qualidade de vida melhorar?
e. Que fatores fazem a sua qualidade de vida pior?

Néri (2007, p. 14) quando aborda qualidade de vida, fala da importância desse conceito e que o Brasil está despertando para uma “nova sensibilidade social para a velhice”. As mudanças sociais, dentre outros fatores, apontam que os idosos brasileiros vivem mais e produzem mais do que os do passado. [...]. “A população está tendo mais acesso à realidade de países desenvolvidos e isso gera “anseios por qualidade de vida”. Pode-se dizer que qualidade de vida, todos buscam, mas na velhice é primordial. É questão de sobrevivência, de ajustamento psicológico em consonância com recursos sociais. Deve-se ao idoso o melhor. Encontrar espaço para o mesmo é fundamental.

PA1: [...] isso aí é familiar, questão de educação familiar. Porque é como eu vejo hoje, porque que está havendo isso aí, porque não existe mais aquela convivência familiar.

PA3: Perdão agora de a mulher se equivaler ao homem, que é um direito que ela tem, a questão disso é que ela deixou de ser mãe, o filho vai pra creche, e isso em todas as classes, a gente acompanha todas as classes, em que a mãe está trabalhando, ela não pode ser uma verdadeira mãe porque o filho passa o dia inteiro na creche; que educação o filho está pegando na creche? Que amor materno o filho está tendo lá? Nas festas, sociedade, os filhos ficam com as baby-sitters, o casal vai para a festa; que amor vai ter o filho? Se vê nessa sociedade aí os alunos surrindo os professores, onde é que já se viu isto? No meu tempo o professor entrava em sala de aula e o aluno levantava: “bom dia professor”, era sempre assim. [...] É dar um lugar para um idoso, um idoso dar um lugar para uma senhora. Ainda, apesar dos direitos serem iguais, eu vejo uma mulher com preferência em qualquer situação. [...]

PB2: [...] poderia até utilizar seu tempo na transmissão de conhecimento, daquilo que vivenciou para os mais jovens [...] porque em cada turma tem um grupo de idosos, é um a turma bem heterogênea, nós temos alunos de 15 a 64 anos. **A interação entre eles muito positiva!**

PC2: [...] Então nós temos alunos nossos aqui à noite com 50 anos, 60 anos de idade, **misturados com a gurizada.**

PD1: [...] E essas imagens positivas podem ser repassadas mediante o convívio com os idosos e às vezes em casa a nossa experiência não era tão positiva, né? Problemas de relacionamento com o avô, porque personalidades influenciam no relacionamento, né? Então esse convívio não [...].

PE2: [...] quando tem oficinas, quando tem jogos, se faz brincadeiras com elas, chás, se escolhe até a rainha das vovós, porque a maioria dos alunos, principalmente os pequenos, vem acompanhados das avós e não pelas mães, porque a mãe ou o pai trabalha, geralmente naquele horário quem fica com ele são as avós.

PF2: [...] Então, eu conheço, por exemplo, muitos projetos de escolas de Educação Básica que visitam asilos, que fazem contação de histórias, que vão levar música, que vão levar poemas...várias escolas fazem esse trabalho.

PF3: [...] e o reconhecimento é uma questão de colaboração da família,

PG1: [...] promover essa convivência entre essas diferentes gerações, porque a gente sabe que os avós até hoje na sociedade que a gente vive eles tem um papel muito importante na educação das crianças, né?

PH1: É de suma importância a convivência entre as gerações [...].

Depreende-se das falas que tudo converge para o contexto de qualidade de vida. Registram-se ainda dentro dessa subcategoria, outros trechos das entrevistas que permitem invocá-la.

Primeiramente a convivência é trazida como base para estabelecer os laços afetivos. O contato com o outro, estabelece o conhecimento do que permeia a realidade de cada um, sendo animais sociais não se pode viver isolado. “Finalmente somos dependentes uns dos outros para poder estruturar uma vida humana” (MOSQUERA, 1978).

Desde o nosso nascimento percorrem-se caminhos da família, da igreja, da escola e da sociedade como um todo. “Conviver é viver com alguém, com alguma coisa, com alguma idéia” (ZIMERMAN, 2000). É troca de afeto, de sentimentos, é partilhar. Conviver é sentir que se faz parte de algo, que não se está só. Através do contato humano harmonioso o idoso ganha auto-estima e confiança, elementos tão necessários para o seu bem-estar.

Ter a oportunidade de dialogar, discutir, aprender, permutar experiência, compartilhar saberes diversos dão segurança ao idoso para melhor enfrentar suas adversidades Como brinda Slater (1977 apud MOSQUERA, 1978): “[...] Somos criados para sentir felicidade e calor quando acariciados, raiva quando frustrados, medo quando ameaçados, dor quando rejeitados, mágoa quando insultados, tristeza quando abandonados[...]”.

A convivência é uma necessidade vital, principalmente para o adulto tardio. Ademais é importante também frisar que as relações familiares nos dias atuais encontram-se à beira de um colapso, fatalmente pela falta de diálogo, pois nem sequer as refeições são feitas em família. Obviamente, a vida atribulada e apressada não permite encontros tão necessários. Tantas coisas eram repartidas e confidenciais e planejadas à mesa do jantar. Esse privilégio é raro nos dias atuais e quando tais encontros acontecem, a televisão faz parte da conversa. É comum as refeições fora da mesa, cada um com seu prato dividindo algo na “telinha”. Momentos ricos, desperdiçados...

Martín Buber (1982) apregoava que o diálogo era a única saída que existia para o mundo em que vivia, onde a intolerância e a violência eram a tônica. Também hoje, se é refém de um ruído surdo. Na polifonia das vozes não se distingue o timbre tão único de cada um. Perdidos na sociedade das massas, banaliza-se as relações, não se quer escutar. Buber impinge a visão de que o processo educativo deve privilegiar a conversa, a escuta e a cooperação entre as crianças. A educação deve privilegiar não só o intelecto, mas o todo e levar em consideração que a subjetividade não pode ser relegada. Se desde cedo se aprender a dialogar por certo essa prática acompanhará o dia-a-dia.

Ainda em Buber (1993) a linguagem perceptível na soma do Eu e Tu, das palavras não ditas, mas que vão além da boca, do cérebro, residem na morada da alma, dos gestos, dos olhares. Tanto já se ouviu que há inscrições corporais que dizem mais que palavras. Esta intersecção do Eu e Tu gera a energia do espírito, da congregação de sentimentos. Se é espelho um do outro, assim minha dignidade pode estar em fazer a tua dignidade. Esse intercâmbio á a marca da existência, vive-se a troca da soma que somos.

Também chama atenção a colocação

PE2: “[...] porque a maioria dos alunos, principalmente os pequenos, vêm acompanhados das avós e não pelas mães, porque a mãe ou o pai trabalha, geralmente naquele horário quem fica com ele são as avós”.

PG1 [...] Muita mães, especialmente dos alunos das escolas públicas, elas trabalham, seus filhos ficam com os avós, acho que muitos deles não têm sequer assim uma diferenciação na educação entre... isso foi minha mãe que disse, minha vó que disse, porque na verdade eles trabalham uma coisa só, então o papel da pessoa de idade é importante no desenvolvimento educacional das novas gerações.

“A família na terceira idade tem características especiais” (BRUBAKER, 1983, 1990; JOHNSON, 1995 apud OLDS; PAPAPALIA; FELDAMN, 2008). As famílias hoje podem alcançar quatro ou cinco gerações, sendo possível um avô ser também neto. Nas falas acima, detecta-se que seja por razões profissionais ou quaisquer outra, hoje é bastante comum os avós participarem da vida escolar dos netos. PG1 é gestora política a nível estadual, portanto tem convívio com o que descreve e não hesita ao dizer que os avós têm um papel importante na educação das crianças e que não raras vezes as crianças não distinguem a autoridade dos avós e a dos pais.

Rosa Maria Coutrim, professora de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), coloca em matéria na revista Nova Escola (setembro de 2009, p. 103) que o desempenho escolar de alunos criados pelos avós não sofre prejuízo. “Os avós que assumem os cuidados costumam comparecer mais à escola e incentivam os estudos dos netos, mesmo quando têm pouca escolaridade”.

Também convém trazer a fala de PA1, lembrando que o mesmo tem mais de 70 anos.

PA1: [...] Perdão agora de a mulher se equivaler ao homem, que é um direito que ela tem, a questão disso é ela deixou de ser mãe, o filho vai pra creche, e isso em todas as classes, a gente acompanha todas as classes, em que a mãe está trabalhando, ela não pode ser uma verdadeira mãe porque o filho passa o dia inteiro na creche; que educação o filho está pegando na creche? Que amor materno o filho está tendo lá? Nas festas, sociedade, os filhos ficam com as baby-sitters, o casal vai para a festa; que amor vai ter o filho?

A Revolução Industrial pode-se dizer que trouxe um papel interessante à mulher que, historicamente era a responsável pelo cuidado doméstico e com os velhos. Merece respeito a posição do participante, muito embora sobrecarregue a figura feminina. Toda estrutura familiar que sofre mudanças, fatalmente as mesmas repercutem na família e especialmente nos filhos, mas muitas vezes há crianças que recebem melhor educação na creche do que no ambiente familiar.

Na atual conjuntura em que os custos de vida são bastante altos, a mulher busca trabalhar fora do lar muitas vezes por necessidade, para garantir também a sobrevivência da família. Os dados do IBGE de 2008 (Zero Hora de 10/10/2009, p. 30) retratam uma realidade incontestável: no Brasil, as mulheres responsáveis pela casa, ou seja, chefes de família, em 1998 de 25,9 % passaram em uma década para 34,9 % e no Rio Grande do Sul de 24,8 % para 35,4 %. Várias podem ser as causas, no entanto, alguns indícios já foram citados. A intenção é que se reflita sobre os dados mencionados.

Também é interessante trazer mais uma matéria publicada na revista Nova Escola, que já se mencionou cujo subtítulo é: **Famílias desestruturadas são um problema para a escola** (p. 103), traz exemplos de novas composições ou arranjos familiares os quais estão presentes na comunidade escolar: “André é filho de Marta e Geraldo, que se separaram e casaram com novos parceiros. Marta se uniu a um homem com duas filhas (que moram com a mãe delas). E Geraldo, com uma mulher que tem um filho do casamento anterior, que passa a viver com o novo casal [...]”.

Continua a matéria apontando que a dinâmica familiar mudou muito é o que constata a antropóloga, Clarice Peixoto: “O amor é o regulador das uniões, que podem ter diversas denominações: união livre, união homossexual, família monoparental (mãe e filhos, pai e filhos e, recentemente, avós e netos). Isso no Brasil desde a colonização, não é novidade, há filhos fora do casamento, uniões esporádicas e concubinatos. A diferença é que hoje tais relações estão legitimadas social e juridicamente “.

Em realidade não se pode atribuir exclusivamente aos dinâmicos arranjos a desestruturação familiar, pois não há comprovação disso. Claro que a separação dos pais pode afetar a criança, mas nem sempre ocorre. Tudo é uma questão de amor. A ausência da mãe pode ser tão prejudicial quanto à ausência do pai ou outro membro familiar. Há famílias que passam horas reunidas, mas não há qualidade no relacionamento. É difícil dosar ditas realidades. Zelar pelo bem-estar da família é o melhor caminho e esse é um papel de todos os membros que a compõe. PA5 diz: “[...] fico até lisonjeado com esse teu desejo, porque

enquanto eu puder estar trabalhando, prestando serviço, eu estarei vivo; e estando vivo eu estarei trabalhando”.

A postura desse participante, repetindo: com mais de 70 anos de idade cronológica, demonstra que para ter qualidade de vida, para estar vivo, necessita trabalhar, ter uma atividade, do contrário se sentiria inútil, morto. Estar em atividade para o idoso, lembra estimulação. Parado, inerte, estacionado como um banco velho num canto, sem se dedicar a uma atividade, definha. Há famílias que por zelo e proteção acha que o idoso deve ficar quieto para nada lhe passar, não sofrer acidentes, mas não se pode negar a ele a chance de ainda ser útil, afinal os acidentes podem ocorrer com qualquer um. O que se torna necessário é buscar melhoria nos ambientes, adequá-los, pois como tão bem diz o velho ditado: prevenir ainda é o melhor remédio, mas não a ponto de restringir prazeres.

Zimmerman (2000) menciona que a estimulação é a melhor forma de dar qualidade de vida ao idoso. É criar maneiras de manter a mente, as emoções, as comunicações e os relacionamentos em atividade. Estando estimulado algumas dificuldades naturais advindas com o envelhecimento são amenizadas e o leva a viver melhor.

PG5: [...] Na área da saúde a gente se preocupa, por exemplo, em **manter o idoso em atividade**, então uma das atividades que eu lembro assim numa cidade do interior onde se instalou um laboratório de informática na cidade. A gente foi ver quais eram os horários que eles tinham disponíveis, que não estavam utilizando e nesse horário a gente agendou para que fosse freqüentado pelos idosos pelo pessoal da terceira idade. Que para eles foi um achado.

O idoso tem que criar mecanismos para fugir das pressões sociais de que ele tem que frear. Está provado que pessoas que na idade tardia desenvolvem alguma atividade vivem melhor, mais felizes. Zimmerman (2000, p. 135):

Freqüentemente ouvimos pessoas comentarem coisas como: ‘Minha mãe é muito boazinha, fica na cadeira de balanço vendo televisão o dia todo. É quietinha, não incomoda ninguém’. Pobre mãe! Esse tipo de mentalidade, que ainda existe na maioria das pessoas, é o principal responsável pela infelicidade de muitos velhos.

Os idosos quando estimulados ganham confiança em si, ficam mais participativos, aumentam sua auto-estima, adquirem autoconfiança e, sobretudo tornam-se mais felizes. O que ocorre é que o velho ativo pode ser incômodo, pois sabe como reivindicar e reclamar tem consciência do seu entorno. Pode haver limites de atividades para o idoso, mas pode haver também para a criança e para um adulto, tudo depende das condições de cada um.

A inclusão do idoso em atividades não é uma abordagem material por aquilo que ele possa produzir, mas pelo que pode aportar-lhe de bem-estar mental, físico e espiritual. Mãos a obra! PB2 diz: “[...] e ao mesmo tempo que o idoso aproveite o pique de raciocínio dos jovens, a capacidade de trabalhar com tecnologias...”.

É uma simbiose invejável o idoso com sua experiência poder transmitir conhecimento ao mais jovem. Neste sentido a fala de

PD3: [...] **atividade intergeracional**, como nós consideramos: DE SUCATA A BRINQUEDO, APROXIMANDO GERAÇÕES!

Nesta proposta os idosos montavam brinquedos junto com as crianças, evidente que com as medidas de segurança cabíveis para ambos os participantes, porém as crianças somente poderiam usar os materiais disponíveis na época em que foram crianças os idosos. Então nós fizemos atividades para essas crianças: Eles (os idosos) ensinaram as crianças a fazerem os seus brinquedos, então eles tinham que receber aquelas crianças, eles na condição de professor, porque eles iriam ensinar a fazer o brinquedo. Eles tinham que mostrar à criança, cativá-la, convidando-a para fazer o brinquedo, respeitando o seu interesse, por qual tu te interessas e depois instruí-la com todos os cuidados por causa do material que poderia ser perigoso e tal, acompanhar a confecção do brinquedo. Foi um sucesso de ambas as partes. **Com isso eles transmitiram uma cultura, porque a criança, hoje, tem o brinquedo pronto, ela compra o brinquedo. Então é uma transmissão de cultura.**

PD1: [...]outro aspecto também é porque experiências positivas contribuem para que a gente tenha uma imagem boa e não ruim sobre a velhice. E essas imagens positivas podem ser repassadas mediante o convívio.

Com isso o idoso teve sua auto-estima elevada, estabeleceu relacionamentos satisfatórios com as crianças, à medida que brincaram e trocaram conhecimentos.

Descortinam-se variadas possibilidades de encontros entre gerações, ademais de mostrar que o idoso pode ser ativo e contribuir para a educação e harmonia social. A partir das colocações feitas muito há que ponderar. Essa participante como gestora política acrescentou a essa pesquisa ricas passagens.

Ao mencionar que o projeto foi uma rica experiência, denota que o sentimento gerado por ambas as partes (crianças e idosos) foi de satisfação, sobretudo para os idosos, que no caso eram o alvo do projeto.

Néri (2007) aborda que as primeiras pesquisas sobre satisfação com a vida na velhice foram conduzidas por Neugarten, Havighurst e Tobin (1961). Quando foram realizadas ditas pesquisas a satisfação era tida como um fenômeno global, mas a partir dos anos 80 a satisfação também está entrelaçada com saúde e relações sociais. Os idosos ao contatarem com as crianças e ao produzirem juntos os brinquedos conviveram com um evento positivo.

Nos dizeres da autora (2007, p. 25, apud DIENER; LARSEN, 1996):

[...] Provavelmente os idosos que conviveram com mais eventos positivos do que com eventos negativos têm mais propensão a interpretar a vida de maneira positiva e a reagir mais intensamente e de forma mais prolongada a eventos positivos. [...] Recordar um evento positivo estimula a memória de outros eventos positivos.

Assim, experiências oportunizadas entre gerações com momentos de emoção e grande satisfação proporcionam ao idoso felicidade. Pessoas mais velhas devem permanecer integradas à sociedade. A vida de muitos seres humanos é substancialmente enriquecida com a convivência entre amigos e, principalmente familiares que desempenham um papel importante na vida do idoso.

Mosquera (1978, p. 193) citando Lowe (1972): “[...] a pessoa idosa que teve o seu desenvolvimento marcado por experiências positivas e estimuladoras, provavelmente contribuirá com um tipo de sabedoria mais adequado para o desempenho da sua própria vida e espécie”.

Nas palavras de PD1: “[...] hoje é envelhecimento com atividade”.

Alguns pesquisadores apontam que o exercício de atividades remuneradas, ou não, podem ser um segredo para um bom envelhecimento. Pessoas mais velhas podem ser produtivas e às vezes tornarem-se ainda mais produtivas, outrossim, as atividades de lazer como a atividade descrita pela participante também pode ser altamente benéfica tanto quanto uma atividade produtiva.

O envelhecimento e como encará-lo abarca uma dose forte de subjetivismo. Cada um responde frente a sua vida com um somatório de vivências e conforme as leituras que fez de sua trajetória. Conforme demonstra Chachamovic, Trentini e Fleck (2007 apud OMS, 1948, TESTA e colaboradores) o conceito de saúde avoca o bem-estar como uma coluna que sustenta a sua definição. De acordo com a OMS (Organização Mundial de Saúde), saúde não é só ausência de enfermidade é um estado de bem-estar físico, mental e social. Dita organização representada pelo WHOQOL- Group (*The World Health Organization quality of life assessment*) apresenta o construto de qualidade de vida como sendo multidimensional, à medida que “qualidade de vida é um produto da interação de diversas áreas independentes da vida do indivíduo” (THE WHOQOL-Group, 1994, apud CHACHAMOVIC; TRENTINI; FLECK, 2007, p. 63).

Para a OMS qualidade de vida é “A percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus

objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (THE WHOQOL-Group, 1994, apud CHACHAMOVIC; TRENTINI; FLECK, 2007, p. 65).

Aqui se trouxe um dos conceitos de qualidade de vida que existe no meio teórico. Por certo, ao se analisar outros, se concluiria que é difícil haver um conceito único, porém parece haver consenso em relação a dois grupos de variáveis na determinação do que seja qualidade de vida. Um diz respeito a mecanismos internos psicológicos e fisiológicos, culminando com grau de satisfação e outro se refere aos fatores externos que podem desencadear os primeiros (ROGERSON, 1995 apud CHACHAMOVIC; TRENTINI; FLECK, 2007).

Pode-se dizer que variáveis objetivas como escolaridade, nível de renda, saúde, idade dentre outros fatores, para apontarem qualidade de vida devem vir acompanhados de dados e variáveis subjetivas. Ambas as variáveis juntas podem melhor elucidar o tema.

Sem se querer exaurir a temática, longe essa pretensão, apenas trazendo algumas luzes que poderão acender maiores estudos e investigações acerca do assunto.

Não se pode afirmar categoricamente que o ser humano o qual no seu cotidiano somente conviveu com precariedades de todas as ordens, vá ter uma velhice desgraçada subjetivamente, bem como aquele que teve a sorte de ter uma boa estrutura material vá ser um idoso de bem com a vida.

Há questões subjetivas que não podem ser desprezadas, como: resiliência psicológica, o bem-estar subjetivo e o senso de ajustamento psicológico. Fatores como esses explicam muitas vezes o sorriso em meio às adversidades sociais.

A presença de um deles desencadeia os demais. É difícil segmentá-los. O *self* e seus mecanismos de auto-regulação como traz Néri (2007, p. 30, baseada em BRANDSTÄDTER, 1994; HERZOG & MARKUS, 1999):

[...] esses três componentes são associados a de mecanismos de auto-regulação do *self*, termo criado por Brandura (1977, 1986) para designar estratégias e crenças aprendidas ao longo da vida, por meio dos quais as pessoas se adaptam às demandas ambientais e intrapsíquicas, quer atuando sobre elas, quer se modificando em busca de equilíbrio [...].

Assim a flexibilidade do *self* ao interpretar experiência e a capacidade de saber resistir às intempéries da existência sem deixar que se subjugue pelas mesmas e o maior conhecimento de si próprio, pode gerar respostas mais equilibradas e de bons níveis de razoabilidade, todavia o ciclo da existência humana é de constante preparação. Como

corroborar a fala do PC3 diz: “Nós, que nos consideramos adultos, estamos nos preparando para nossa velhice? A senhora sim, se ajeita, se pinta. Eu também. Me perguntam minha idade, se já passei dos 50. Estou com 58. E vou fazer muito antes de chegar aos 100”.

Ao elaborarem estratégias para enfrentar os problemas de forma adequada, melhor poderão manejar com a velhice. Quanto mais estruturado o sistema social do *self*, que engloba senso de aceitação, envolvimento e pertencimento, maior o bem-estar e a adaptação. (BRANDSÄDTER & GREVE, 1994; HERZOG & MARKUS, 1999 apud NÉRI, 2007).

A seguir mais falas que levam na mesma direção:

PE2: [...] pra quando **chegar a idade do idoso ela tenha a qualidade de vida e possa viver tranqüila, alegre** nós temos pessoas, assim, de 73 anos, de 80 anos, e elas estão ali sendo alfabetizadas, participando daquilo como crianças, assim, elas estão..., se respeitando os limites delas, dentro das limitações delas, mas participam ativamente

PF2: a sociedade cada vez fica mais velha, os casais cada vez têm um número menor de filhos e a Medicina, graças a Deus, tem tido bastantes avanços no sentido de que as pessoas possam viver mais e com qualidade de vida.

PH2: [...] Envelhecer e envelhecer bem, com capacidade para usufruir, com qualidade de vida.

É de bom alvitre trazer à tona a Teoria da Atividade, visto que nas falas é possível detectar que a mesma está presente. Evidente que há outras teorias circundando o envelhecimento, porém pelo que já se disse, esta é a que vai ao encontro das colocações.

Tal teoria proposta por Neugarten e outros, afirma que para envelhecer bem o ser humano deve permanecer tão ativo quanto possível (OLDS; PAPALIA; FELDMAN, 2006). É imperioso, ainda, abordar que envelhecimento saudável tem variadas conotações, pois não pode prescindir do subjetivo. Lembrando Mosquera (1987, p. 55):

[...] O ser humano é essencialmente subjetivo, a criação da sua vivência o leva a entender que cada um dos aspectos que ele elabora e cria tem muito mais um fundo que leva à procura de significado, muito embora não saiba o que a existência, como um todo, lhe reserva, promove e desafia.

Para alguns idosos manter-se em atividade é vital, para outros também estar na cadeira de balanço lendo um livro pode ser prazeroso e assim também se sentirem ativos. Desafios devem ser buscados, entretanto o ritmo de cada um deve ser respeitado. O importante é que o idoso permaneça integrado à sociedade e não à margem dela. Os seres

humanos mais velhos devem continuar buscando oportunidades para desenvolver seu potencial e isso não se lhes pode negar.

No que diz respeito ao potencial humano, a psicologia positiva centrada no potencial das forças humanas e não nas debilidades, retrata que têm-se a pré-disposição de formar laços com nossos iguais. Dentro das relações humanas é que se encontra significado e objetivos na vida.

Deve-se pensar em expectativa de vida saudável. Engler (2007, p. 85) considera como velhice bem-sucedida: “[...] o processo vital pessoal e social que transcorre com dignidade, com energia e saúde, com atividade física e mental, com participação e integração social, produtiva e política, com satisfação com a vida e com uma boa morte”.

A autora Ballesteros (2009, p. 46) traz a expectativa de vida **saudável**, ou seja, livre de doenças e com saúde e atividade. Exemplifica-se com dois países de continentes distintos e de uma realidade extrema a outra [tradução e grifo meus].

A expectativa de vida vai dos 84 anos no Japão aos 33 anos em Serra Leoa, na África. Quanto à expectativa de vida saudável nesses países vai de 73,5 anos a 25,8. A autora revela que essas variações se devem a fatores de diferenças e desigualdades nos campos socioeconômico, educativo, de saúde e social.

A terceira questão da entrevista se refere à pergunta: **É importante a escola trabalhar esse tema?**

A quarta questão se formula da seguinte maneira: **Que entraves são encontrados para que se insiram no currículo escolar conteúdos sobre o idoso e sua valorização?**

Vislumbra-se uma Terceira Categoria que enlaça ambas as perguntas: **Posicionamento frente à implementação da temática nas escolas e sua importância.**

Esta categoria tem a intenção de avaliar o que declaram os participantes a respeito da importância do desenvolvimento da temática nas escolas e a discutir como deve ser desenvolvido dito assunto. Pode-se argumentar que a tônica do trabalho está refletida fortemente nessas questões supracitadas. Igualmente, merecem destaque como subcategorias:

a) Interdisciplinaridade;

b) O processo de envelhecimento e valorização do idoso como tema transversal.

Cabe ressaltar que, ao participante A, por não exercer atividades em escolas, não lhe foi formulada a questão 4.

Para o PA:

PA3: Eu considero primordial nesse caso, da **matéria curricular sobre o idoso** no ensino, eu acho essencial. É essencial porque o que nós vemos hoje é não só no público em geral, na juventude e tal, a discriminação do idoso. Qualquer coisa “é velho, é quadrado”. Ele é visto como um traste inútil.[...] Então, sendo inserido isso no currículo escolar é lógico que se espera **que essa juventude amanhã serão envelhecidos** (sic), que tenham esse conhecimento. Pode-se aos poucos ir moldando o caráter do estudante. Na minha ótica, deveria **esclarecer ao aluno no aprendizado que amanhã será ele o idoso de hoje**, esse é o problema de entender melhor as dificuldades, compreender e ver que... Eu tenho certeza. Que aquele velho ditado: **“água mole em pedra dura tanto bate até que fura”**, acho que se esse **currículo for inserido e martelado diversos anos, a classe estudantil vai aprender**. Quero citar um exemplo: os ônibus têm assentos específicos para os idosos, o que é a passagem gratuita, ta marcado. Quantos idosos você vê no ônibus? Ou quantos assentos daqueles estão ocupados pelos jovens e quando entra um idoso eles fazem que estão dormindo, que não vêem nada, não se importam que aquele assento é reservado para o idoso, isso é **questão de educação**, é princípio educacional.

Na declaração acima se vê que os conteúdos sobre o idoso devem fazer parte da educação formal, sobretudo para que desde logo crianças e jovens construam um arcabouço educacional para enfrentarem a fase que, em condições naturais, fará parte de suas vidas. Como lembra Morin (2005, p. 16) quando endereça a idéia de que se aprende que a educação deveria também ensinar as incertezas que apareceram nas ciências físicas, nas ciências da evolução biológica e nas ciências históricas; e não só as certezas até então reveladas. Segundo ele: “seria preciso ensinar princípios de estratégia que permitiriam enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza e modificar seu desenvolvimento, em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo”. E completa com a seguinte frase poética: “É preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza”; ou seja, o que se sabe será sempre pouco em relação ao que se desconhece. Se aprender a lidar com os imprevistos desde pequenos saberá lidar melhor com eles quando ocorrerem.

Assim, o que é a próxima fase da vida senão uma época desconhecida, de incertezas? O que é a adolescência para um menino que está entrando nesta fase? E o que é a velhice para alguém que está para entrar nesta nova fase? Evidentemente não existe necessariamente uma divisa cronológica entre estas fases, somente alguns sinais que o corpo começa a mostrar, uns mais evidentes; outros mais sutis. Mas psicologicamente falando, se preparados para essas novas fases da vida previamente, certamente passarão por ela com menos sofrimentos e mais cientes do que está por vir e dando melhores respostas aos problemas que surgirem.

O participante quando usa o dito popular “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, referindo-se aos estudantes, indica a crença de que a educação pode fazer mais. Espelhando Assmann (1998, p. 22):

As biociências descobriram que a vida é, basicamente, uma persistência de processos de aprendizagem. Seres vivos são seres que conseguem manter de forma flexível e adaptativa, a dinâmica de continuar aprendendo. Afirma-se até que processos vitais e processos de conhecimento são no fundo a mesma coisa.

Porque, então, não aproveitar essa capacidade dos seres humanos de estarem sempre em processo de aprendizado e explorar esse tema que é a questão do idoso, através de conteúdos explicativos sobre o envelhecer e o respeito ao idoso?

PB3: Com certeza! É importante porque **eles também vão passar por isso**, é importante porque eles levam isso pra dentro de casa, até porque eles têm que saber como tratar um pai, um avô, saber que eles são diferentes e que nós temos que conviver bem com todos. É a velha frase de Einstein: “Educação é tudo aquilo que ficou após eu ter esquecido tudo aquilo que aprendi na escola”. Então, nós temos que ter bem ciente disso: nós temos que usar o conteúdo formal para desenvolvermos hábitos, atitudes e competências mentais.

Na mesma direção segue esse participante, ou seja, esse ciclo vital é inerente ao ser humano. A escola pode preparar para essa fase da vida e ajudar a compreender e a tratar os que nela estão. A educação tem que ir além das paredes da sala de aula. Como foi apontado, o conteúdo formal também deve buscar implementar atitudes.

A sociedade como um todo deve perseguir na busca de um melhor tratamento ao idoso. Laços afetivos podem ser despertados através de conteúdos que permitam aos alunos entender o processo do envelhecimento. A educação holística aponta que a pessoa não é apenas um corpo, mas também alma. O aluno aprende também através dos sentimentos. Assim não só o intelecto deve ser trabalhado, também o emocional, o social, o físico, o espírito criativo e estético. Yus (2002, p. 23), citando Miller, diz que:

[...] Apesar de a educação holística ter nascido como uma preocupação exclusiva pelo indivíduo, as tendências atuais, que convergem com a tradição mundialista da Educação Global, assinalam que é a partir da potencialização holística da pessoa que se alcança uma perspectiva mais compassiva, tolerante e solidária com todos os povos e com toda a forma de vida neste planeta.

Igualmente participante C na sua ótica também vê a escola como impulsionadora de preparação para o processo de envelhecimento, ademais a história está nos antepassados e

acolhida está no presente e, no futuro, para as gerações que hoje freqüentam o ensino básico e, em especial o Fundamental.

PC3: A onde está nossa maior história? Está no idoso. [...] **Onde está o real? Na história dos nossos antigos, os antepassados.** O inventado é aquilo que eu crio hoje, uma história que eu crio hoje. [...] Agora, ouvir o noninho de noventa e poucos anos Ocontar a história dele [...]. **Eu acho que uma maneira de receber esse contingente é através da educação, receber bem, preparando as pessoas.**

Então, explorar o tema é abrir portas para compreender essa fase da vida. Morin (2005, p. 95) ressalta que, compreender é vital para o processo de educação para a paz. Para ele, educar para a compreensão humana é essencial: “compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção”.

Este conceito do autor leva a pensar muito mais, antes de julgar, excluir ou manifestar preconceitos contra alguém. Se antes de julgar alguém, se colocar no lugar daquele ser, na maioria das vezes, não se chegará a fazer algo precipitado contra aquele a quem se iria culpar ou desrespeitar. O autor confirma isso quando diz que (2005, p. 100) “a compreensão não desculpa nem acusa [...]. Se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas”.

Esse se colocar no lugar do outro na educação para um futuro melhor deverá aprender-se na escola desde as séries iniciais e de forma continuada em todos os níveis de ensino, já que o ser humano está sempre aprendendo e em relação a compreender o outro, têm-se sempre muito a aprender. Prova disso, é que mesmo os filhos estão sempre aprendendo com os pais e com o passar do tempo os pais se dão conta que também aprenderam algo com seus filhos.

PD3: [...] Bom, aí se nós formos nos reportar a escola, porque a importância da criança ter uma aprendizagem diferente, sobre o envelhecimento, sem dúvida, em primeiro lugar é para **preparar-se**. As pessoas têm medo de envelhecer, elas têm medo porque a primeira forma que se manifesta o envelhecimento é na nossa imagem corporal, né? A gente se olha no espelho e vê que rugas estão surgindo e podemos não gostar disso e não sabermos como conviver com isso. Então, precisa a criança desde o início **preparar-se para envelhecer**, sabendo que velhice não é incapacidade, que velhice não é doença, que velhice é uma etapa da vida como qualquer outra: como infância, juventude, como adulto, mais uma etapa e tem que ser preparada, passar por essa etapa, porque sem sombra de dúvida, grande parte deles, se Deus quiser, chegarão lá, né?

A participante registra que a escola deve preparar para esse carrossel da vida. O tema pode amedrontar ante o espelho, porém, não há dúvida de que faz parte da existência humana

e é uma verdade inexorável, como afirma Mosquera (1978, p. 197): “A velhice não é um acidente, é um destino que se apodera da pessoa e que muitas vezes nos deixa estupefatos ante as suas marcas e conseqüências”.

PE3, PE4: Acho que no contexto de todas as escolas, porque assim a criança vai aprendendo o valor do idoso, toda a contribuição que ele teve, história de vida. Porque todo mundo tem um passado que não se pode ignorar. Eu vejo assim, nós, no caso, a gente inicia ali, e até a oitava série também. Eu acho que deveria mais propriamente dentro do EJA então, onde está o maior número de idosos.

[Observação: São respostas imbricadas nas questões 3 e 4.]

PE2: [...] porque a maioria dos alunos, principalmente os pequenos, vêm acompanhados das avós e não pelas mães, porque a mãe ou o pai trabalha, geralmente naquele horário quem fica com ele são as avós.

Essa professora que também faz parte da equipe diretiva de sua escola, ratifica que é importante no contexto escolar trabalhar temática de tal natureza. Valorizar o idoso é fomentar o respeito para consigo próprio, pois também seremos. Mais uma vez Morin (2005, p. 93), quando fala em compreensão, afirma que “ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade”.

A participante refere que o processo de envelhecimento deveria ser trabalhado em profundidade na EJA, onde a maioria dos alunos está na fase idosa e que muitas vezes desconhecem situações físicas e psicológicas que lhes perpassa o cotidiano. É valiosa a contribuição que o meio escolar pode prestar a todos os níveis formais de ensino, sepultando posturas arraigadas e dando chance a essa faixa etária de melhor lidar com suas dificuldades.

Ademais, uma sociedade plural de muitas diversidades há que despertar a solidariedade e o respeito para que se tenha harmonia social. Encontrar um espaço para o idoso é fundamental, integrá-lo à comunidade e não excluí-lo, é alicerçar um processo de afetividade e humanidade, tão ausentes no meio em que se vive, destruído por egoísmos e posturas radicais.

Os avós, como já se viu, hoje, desempenham um papel também de educadores, muitas vezes são eles que acompanham os netos à escola. Esse contato intergeracional pode e deve ser estimulado através da comunidade escolar.

Às vezes os conflitos familiares que envolvem avós, filhos e netos podem servir de incentivo à educação para trabalhar a temática e desenvolver possibilidades de construção de uma sociedade receptiva para todos, sem tabus e pensamentos estreitos carregados de estereótipos arcaicos e limitadores do crescimento humano.

Para o PF:

PF3: Eu acho que é um conjunto de ações, uma delas é a própria militância dos idosos. A gente tem ouvido alguns políticos que se destacam na defesa dos idosos e o reconhecimento é uma questão de colaboração da família, porque têm alguns jovens que adoram outros acham que é um entrave, um problema. Então, acho que tem que haver aí uma série de ações que visam valorização do idoso, porque todos chegaremos lá.

A gestora política PF3 elucida que são ações que podem fazer a diferença. Aos políticos lhes cabe a tarefa principal de legislar, contudo as leis devem ser aplicadas, políticas públicas gestadas somente em gabinetes, não frutificam. O idoso é uma voz que não pode ser calada, entretanto não pode ficar no silêncio. A sociedade organizada faz a hora. Para que um novo paradigma de envelhecimento nasça, deve-se acenar para a educação. Ela pode transformar relações sociais e contextos culturais em parceria com a família e comunidade. Mais uma vez trazendo Yus (2002, p. 22) quando aborda uma das características da educação holística:

A educação holística reconhece que todo conhecimento é criado a partir de um contexto histórico e cultural, e que os 'fatos' raras vezes são mais do que pontos de vista compartilhados, estimulando nos alunos uma visão crítica dos contextos culturais, morais e políticos de suas vidas.

Também nesse caminho as declarações abaixo (participante gestora política) apresentam:

PG3: Claro. Acho que essa questão,, tanto idosos quanto outros grupos, é uma questão da evolução de uma população [...], não é temos que calcar e motivar essa discussão na escola, motivar esse trabalho sobre o idoso,é uma grande motivação que precisa ser feita.

PG1: [...] porque a gente sabe que os avós até hoje na sociedade que a gente vive eles tem um papel muito importante na educação das crianças,,né? Muitas mães, especialmente dos alunos das escolas públicas, elas trabalham, seus filhos ficam com os avós, acho que muitos deles não têm sequer assim uma diferenciação na educação entre... isso foi minha mãe que disse, minha vó que disse, porque na verdade eles trabalham uma coisa só, então o papel da pessoa de idade é importante no desenvolvimento educacional das novas gerações, isso é indiscutível e pode e deve ser aproveitado de várias maneiras: conversando, trocando informação e etc... e isso tem que ser promovido em todas as instâncias, claro que na escola isso pode ser super aproveitado.

Ressalta a importância do inter-relacionamento entre as gerações e implicitamente, a importância de preparar os estudantes e o próprio idoso para essa etapa da vida. Onde pode estar a motivação?

A resposta pode estar na necessidade que todos têm de querer ser bem acolhidos quando chegar na terceira idade. Mosquera (1985 apud Maslow, *s.d.*) acrescenta que o indivíduo é um todo integrado e que é na pessoa inteira que se opera a motivação. Não podemos compartimentá-la: “quando alguém sente fome, é sua integridade quem se vê presa dessa sensação e não apenas seu estômago” (1985, p. 151).

Essa assertiva vem ao encontro de que há possibilidades de motivar as crianças, os jovens e idosos na preparação de suas realidades presentes ou vindouras. Talvez a maior motivação humana é saber que conhecendo as fases do gênero humano pode-se estar dando à vida uma dimensão de encanto além das capacidades físicas, dando infinidade de possibilidades num mundo de barreiras preconceituosas, mas que podem ceder lugar ao prazer de descobrir a motivação em amadurecer o físico e o intelecto.

Está claro que há que existir parceria entre a escola e família, bem como com outras instituições pertinentes, veja-se:

PH3: Acho que é na família e na escola, principalmente que se pode desenvolver hábitos, atitudes. Acho que a escola está assoberbada, pois muito se espera e se delega a ela. A cobrança é grande, mas não tem dúvida que a escola em parceria com a família pode realizar um belo trabalho de formação no sentido de que **o idoso faz parte da sociedade e temos que retribuir a ele no que contribuiu. As instituições educacionais têm que buscar através do seu trabalho mudar essa sociedade que está aí.**

Na tarefa de educar a escola não pode ficar só. Todos são responsáveis pela sociedade que se deseja. Assim apregoa nossa atual Constituição Federal (SILVEIRA; PETER, 2003, p. 9): “Art. 205 - A educação, direito de todos e **dever do Estado e da família**, será promovida e incentivada com a **colaboração da sociedade**, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” [grifo meu].

A construção da cidadania alicerçada na educação exige cooperação entre as partes. A árdua tarefa de criar um mundo melhor é anseio de todos, contudo a cobrança muitas vezes volta-se exclusivamente para a escola. A linguagem da família e da escola tem que guardar sintonia, sob pena de uma excluir a outra e não chegar a lugar nenhum.

Tem-se a tarefa de dimensionar uma sociedade planetária onde haja lugar para todos, como apresenta Assmann (1998, p. 29):

Uma sociedade onde caibam todos só será possível num mundo no qual caibam muitos mundos. A educação se confronta com essa apaixonante tarefa: formar seres humanos para os quais a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciais e elementos definidores dos sonhos de felicidade individual e coletiva.

Nas participações abaixo destaca-se a presença das subcategorias **Interdisciplinaridade, Processo de envelhecimento e valorização do idoso como tema transversal.**

Não houve nesta questão (quarta) declarações do participante A, tendo em vista que o mesmo não exerce atividades ligadas ao magistério.

A pergunta de número 4 buscou saber: **“Que entraves são encontrados para que se insiram no currículo escolar conteúdos sobre o idoso e sua valorização?”**.

Cumpra inicialmente argumentar que todo arcabouço jurídico do país deve guardar sintonia com as regras constitucionais. Cabe colocar uma pequena análise dos artigos iniciais referentes à educação que constam na Constituição Federal e Constituição Estadual do Rio Grande do Sul, respectivamente. Vejamos Constituição Federal (SILVEIRA; PETER, 2003, p. 9): “Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno **desenvolvimento da pessoa**, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” [grifo meu].

A Constituição do Estado do Rio Grande do Sul (SILVEIRA; PETER, 2003, p. 15), por sua vez afirma:

Art. 196 – A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, baseada na justiça social, na democracia e no respeito aos direitos humanos, ao meio ambiente e aos valores culturais, visa ao **desenvolvimento do educando** como pessoa e a sua qualificação para o trabalho e o exercício da cidadania [grifo meu].

Ambos os artigos guardam harmonia, entretanto a Constituição Estadual vai além quando se refere ao educando, melhor situando a questão da educação e ampliando o sentido de educar dentro da democracia e respeito aos direitos humanos, ou seja, aqui se pode argumentar que a questão do idoso é questão de justiça social e, sobretudo de respeito aos direitos humanos: nascer, crescer e envelhecer.

Ditos processos naturais e intrínsecos do ser humano é um direito humano, então ao se faltar com o respeito ao ancião, negando-lhe direitos vigentes no seu Estatuto e privando-

lhes do atendimento a necessidades materiais e afetivas, ferir-se um direito humano, ou seja, o instinto natural de preservar-se.

Ao adotar, em 13 de maio de 1996, o Programa Nacional de Direitos Humanos, o Brasil se tornou um dos primeiros países do mundo a cumprir recomendação específica da Conferência Mundial de Direitos Humanos, atribuindo ineditamente aos direitos humanos o *status* de política pública governamental.

É imperioso transcrever os objetivos que fazem alusão ao idoso, presentes no Programa Nacional de Direitos Humanos III (BRASIL. Presidência da República, 2009), ainda como um programa preliminar.

Objetivo estratégico III:

Valorização da pessoa idosa e promoção de sua participação na sociedade.

Ações programáticas:

- a) Promover a **inserção, a qualidade de vida** e a prevenção de agravos aos idosos, por meio de programas que fortaleçam o convívio familiar e comunitário, garantindo-se o acesso a serviços, ao lazer, à cultura e à atividade física, de acordo com sua capacidade funcional; [grifo meu]
- b) Apoiar a criação de centros de convivência e **desenvolver ações de valorização e socialização da pessoa idosa** nas zonas urbanas e rurais; [grifo meu]
- c) Fomentar programas de voluntariado de pessoas idosas, visando a **valorizar e reconhecer sua contribuição para o desenvolvimento e bem-estar da comunidade**; [grifo meu]
- d) Desenvolver ações que contribuam para o **protagonismo da pessoa idosa na escola**, possibilitando sua participação ativa na construção de uma nova percepção intergeracional; [grifo meu]
- e) Potencializar ações com ênfase no **diálogo intergeracional, valorizando o conhecimento acumulado das pessoas idosas**. [grifo meu]

É um instrumento amplo. Referenda-se que se destacam aqueles que se relacionam com a temática. Muito embora, em fase preliminar, tal documento esboça a pretensão de nesse campo avançar, partindo pelos objetivos expostos da educação. Quem ousar no seu projeto pedagógico desenvolver conteúdos dessa natureza estará avançando no progresso social e humanístico de sua escola, corroborando com o preceito legal. Resumidamente, a Constituição do Rio Grande do Sul (SILVEIRA; PETER, 2003, p. 18) estabelece, ao mencionar que o plano estadual de educação de acordo com o nacional, visa a ações que conduzem à promoção humanística, científica e tecnológica:

Art. 208 – A lei estabelecerá o plano estadual de educação, de duração plurianual, em consonância com o plano nacional de educação, visando a articulação e ao desenvolvimento do ensino nos diversos níveis, e à integração das ações desenvolvidas pelo Poder Público que conduzem à:

V – promoção humanística, científica e tecnológica.

Trazendo a contribuição dos participantes quanto às questões suscitadas é de frisar-se que caminham dentro dos preceitos expostos. Ainda, em consonância com o que citaram alguns participantes, enfocando a Lei de Diretrizes e Bases (LDB - Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (SILVEIRA; PETER, 2003, p. 71-2):

Art. 26 – Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Art. 27 – Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

I – a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática.

Neste sentido, seguem-se algumas falas que guardam sintonia com a própria legislação.

PB4: “[...] até porque **a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) ela é aberta**, a escola ela tem todo o poder de organizar o seu currículo [...]”,

PC4: todo sistema educacional tem sua legislação e nós somos atrelados a ela [...] mas a escola tem também a liberdade de criar, através de projetos, tudo aquilo que ela achar interessante e que **der enriquecimento para o nosso alunado**. A escola pode, **numa parte diversificada**, buscar e botar um conteúdo assim. [...].

PG4: **Não há entrave nenhum**. É uma questão, é porque nós trabalhamos com o desenvolvimento de competências e habilidades, isso pressupõe a melhoria das habilidades mentais e desenvolvimento ah! Da capacidade de realizar determinadas tarefas e etc... mas claro que para desenvolver essas habilidades., essas competências, **nós podemos utilizar qualquer conteúdo**. É uma **questão de opção** pelos conteúdos, o conteúdo ele ajuda, ele pode ser muito variado, ele sempre **deverá ser e de interesse mais imediato da sociedade**, eu acho que basta que pautemos isso na escola com os professores, se pautar essa questão do idoso, essa questão tem espaço, pode ser tratada , tem muitas formas de trabalhar isso.

PH4: Entrave legal não existe. A própria LDB faculta à escola trabalhar conteúdos que julgar necessário [...].

PB4: [...] O que há, muitas vezes, é um receio do próprio profissional em abordar esse assunto sob pena de constrangimento por parte da clientela e até mesmo do professor de não se sentir à vontade em trabalhar diretamente sobre esse aspecto [...].

O tema pode ter como obstáculo o despreparo técnico como também o fato de que assuntos assim trazem à baila o conhecimento de si próprio e quem sabe a postura equivocada de que trabalhar o tema com crianças e jovens não seja atrativo.

Aos participantes, quanto à flexibilidade legal, razão lhes assiste, pois a legislação pertinente ampara suas assertivas. Veja-se um pouco mais na Constituição Federal de 1988

(SILVEIRA; PETER, 2003, p. 10): “Art. 210 – Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.

Infere-se através desse artigo que conteúdos mínimos serão fixados, o que não inibe que outros conteúdos sejam abrangidos pelo projeto pedagógico da escola. O artigo em tela abre possibilidades.

É louvável a iniciativa trazida pela escola do participante C (vice-diretor), localizada no interior do Estado que incluem no seu projeto pedagógico conteúdos sobre o idoso.

PC2: [...] Na EJA e no ensino regular e no jardim de infância. Esse ano tem os cartazes com a borboleta e o casulo, que mostram a **transformação: transformar para que todos tenham vida, uma vida bonita, e bastante vida** [...]. PC2: [...] sempre há enfoques em cima da longevidade, das famílias longevas, que não é só a cidade x que tem. O título caiu bem em cidade x porque temos uma boa cifra de pessoas com essa idade avançada, mas tem outras cidades.

Atenta a realidade local e as peculiaridades, a escola trouxe para dentro da mesma o dia-a-dia da comunidade em harmonia com a legislação. Estabelece a Constituição Estadual (SILVEIRA; PETER, 2003, p. 18-9):

Art. 209 - O Conselho Estadual de Educação assegurará ao sistema estadual de ensino flexibilidade técnico-pedagógico-administrativa, para o atendimento das peculiaridades sócio-culturais, econômicas ou outras específicas da comunidade.

[...]

Art. 213, parágrafo 2º - Os estabelecimentos públicos de ensino estarão à disposição da comunidade, através de programações organizadas em comum.

Embora as demais escolas pesquisadas onde atuam os participantes, explicitamente não tenham o conteúdo sobre o idoso no seu plano pedagógico, procuram abordar questões que envolvem o tema, mas não de forma planejada e como ponto para a prática pedagógica, ficando à mercê de um ou outro professor que queira trabalhá-la. A legislação é rica, todavia há que adentrar no meio escolar para viabilizar seu profundo alcance nos projetos pedagógicos e nas práticas educativas.

A explanação acima encontra guarida, quando os participantes foram indagados sobre o projeto pedagógico da sua escola, presente na segunda questão. A participante abaixo PD faz parte do Conselho Estadual do Idoso (CEI) e afirma que o entrave da presença da temática do idoso nas redes de ensino deve-se à decisão política que não implementa

propostas dessa envergadura no ensino. É louvável a luta do CEI junto às esferas competentes e como explanou são vários anos labutando e não houve resultado.

PD4: É política, porque o Secretário, o Ministro... Ele tem que **acatar aquela proposta e incluí-la na política de educação, ao fazer isso é uma decisão política** [...] há muito tempo vários órgãos, várias representações buscam esse tema. Por exemplo, o CEI (Conselho Estadual do Idoso) sempre traça como diretriz e procura incluir, **procura fazer com que seja incluído na política de ensino, na política estadual de educação**. Isso não é uma novidade, isso não é agora. É sempre e se repete nos vinte anos que eu acompanho o CEI sem termos um resultado efetivo. Não vimos nada acontecer. Na nossa pauta de discussão durante dez anos nas reuniões desses fóruns, sempre constou esse termo: **a inclusão do envelhecimento no ensino curricular**, no ensino de 1º grau na parte curricular, e não só nisso, também junto ao MEC para que sejam contempladas a geriatria a gerontologia no nível superior, sem efeito até agora. Em todos os níveis formais de ensino.

Infere-se que objetivam a presença do tema como obrigatoriedade legal, obtendo assim um valioso instrumento para efetivar a temática junto à educação brasileira. Já se observou que alguns preceitos legais já existentes dão abertura para a presença do tema, mas muito timidamente e pouco eficazes. Anseiam uma estruturação legal convincente onde a escola possa apoiar-se e a sociedade possa cobrar a efetivação do tema nos projetos pedagógicos educacionais.

Como indicativo de que os idosos estão organizando-se, exemplifica-se: **III CONFERÊNCIA ESTADUAL DO IDOSO – 2008**, realizada no Estado do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Justiça do Estado do RS, 2009).

Dentre várias deliberações, destacam-se como ações/projetos/programas propostos:

Incluir nos currículos do Sistema da Educação, em todos os níveis, dentro dos temas transversais, o Estatuto do Idoso e os princípios básicos do cuidado para com o idoso, bem como do processo de envelhecimento e promover ações educacionais intergeracionais nos diferentes segmentos sociais.

Não há dúvida de que buscam a inclusão nos conteúdos escolares e demonstram aos operadores da educação e à sociedade em geral, ciência de seu papel na sociedade e que o processo de envelhecimento não pode ficar encarcerado, uma vez que a vida é dinâmica e essa etapa tardia é a guardiã da memória existencial.

A participante abaixo, orientadora educacional e professora na mesma escola, segue a linha da participante anterior, à medida que clama das autoridades do setor, presença. Essa escola procura inserir alguns conteúdos sobre a terceira idade no Fundamental e na EJA.

De acordo com PE:

PE4: [...] mas aí ou a Secretaria Municipal de Educação ou Estadual ou até o próprio Conselho Estadual de Educação ou que venha até do Ministério da Educação fontes, informações, dados e comprometimento maior com o idoso. A gente faz aqui o que pode dentro da nossa realidade, que é precária, que é só um trabalho de muito boa vontade e pela participação e pelo querer deles, dos idosos que nós temos aqui.

Talvez a preocupação da orientadora educacional tenha encontrado, casualmente, eco junto ao Senado brasileiro, através de uma Emenda à Constituição. A Proposta de Emenda à Constituição N° 15 de 2008 (BRASIL. Senado Federal, 2009) trata-se de uma célebre iniciativa a nível nacional, ilustrando:

Introduz parágrafo no art. 230 da Constituição, para obrigar os sistemas de ensino a inserir a temática dos idosos em todos os níveis e etapas da educação escolar.

As Mesas do Senado e da Câmara dos Deputados, nos termos do § 3º do art. 60 da Constituição Federal, promulgam a seguinte Emenda ao texto constitucional:

Art. 1º O art. 230 da Constituição Federal, passa a vigorar acrescido do seguinte § 3º:

Art. 230

§ 3º A temática referente aos idosos deve estar presente nos currículos das instituições escolares, em todos os níveis e etapas do ensino, articulada, de preferência, às políticas e entidades que lhes dão amparo. (NR)''

Art. 2º Esta Emenda Constitucional entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO DA PROPOSTA:

Com o aumento da população de idosos, atestado pelos últimos censos demográficos, o Brasil tem de se dispor e se preparar para oferecer aos seus idosos condições dignas de vida.

A par de programas inclusivos de educação, saúde, segurança e assistência social, é fundamental despertar todos os cidadãos para suas obrigações de respeito aos idosos e de cuidado com eles, sem o que qualquer política pública destinada a essa crescente parcela da população perderá sua eficácia.

Tornar cada cidadão apto a lidar com os idosos, no lar e em todos os grupos da sociedade, bem como em todos os espaços da comunidade, é um dever imperioso do Estado, que pode ser facilitado **pela inclusão dessa temática nos currículos escolares, em todos os níveis de ensino.** [grifo do autor]

Esse envolvimento, com a presença de conteúdos e atividades referentes à terceira idade, desde a educação infantil até a pós-graduação do ensino superior, permitirá formar corretamente os cidadãos, quanto ao cuidado dos idosos, ligados não somente por laços de parentesco como também por diferentes processos de socialização, que precisam adquirir a marca da solidariedade.

Uma vez inserido na Carta Magna esse dispositivo, espera-se que os conselhos de educação, nas diferentes esferas da Federação, produzam diretrizes curriculares que levem as universidades e as escolas de educação básica a **introduzir em seus projetos pedagógicos a temática dos idosos.** [grifo do autor]

Segue o texto da Proposta:

Espera-se, também, que programas de grande alcance, como os dos livros didáticos no ensino fundamental e médio – que atingem milhões de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos –, bem como os de pesquisa na educação superior, criem um clima de atenção redobrada aos idosos e induzam a sociedade brasileira a **uma cultura de inclusão da terceira idade** no imaginário social. [grifo do autor]

Espero, outrossim, com a inserção desse comando constitucional, colaborar com todos os cidadãos na preparação, de forma coletiva e consciente, para uma velhice feliz, no gozo de seus direitos e deveres, como cidadãos educados pelo ambiente da própria sociedade brasileira.

Sala das Sessões, 23 de abril de 2008.

Senador GEOVANI BORGES

Ao atentar-se para o artigo 230 da Constituição Federal vê-se que o dever para com os idosos é de todos e que as diretrizes educacionais podem avalizar tal garantia constitucional, principalmente se puderem contar com a inscrição jurídica acima proposta. Oxalá se logre êxito e que os legisladores a aproveem, ficando assim obrigatória constitucionalmente a implementação, restando às escolas sob força de lei, constarem nos seus projetos pedagógicos.

Art. 230 - A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.

.....

A título de informação (obtida na data em que foi acessado o conteúdo). A referida proposta de emenda constitucional assim encontra-se:

17/03/2009

CCJ - Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania:

MATÉRIA COM A RELATORIA

Distribuído à Senadora Ideli Salvatti para emitir Relatório.

Acrescenta-se que, as legislações já apontadas nesta Dissertação já seriam suficientes para possibilitar às escolas a inclusão do assunto em pauta, como os próprios participantes apontaram, todavia, ratificando: como atributo constitucional, se aprovado, resta aplicar o dispositivo pertinente, qual seja, o artigo 25 do Estatuto do Idoso.

A seguir, as declarações do participante dessa pesquisa:

PF4: Eu acho que existe um entrave grande aí que é a **quantidade de temáticas** que se precisa trabalhar, que seria ideal trabalhar. **A quantidade de temas é que é o entrave de se colocar algum tema mais engessado.** Vê bem: se numa comunidade escolar, os alunos apresentam um problema na aceitação das pessoas que são diferentes, isso tem que ser trabalhado. Se aqueles alunos **têm mais dificuldade de aceitar o idoso, tem que trabalhar o idoso.** Então, me parece que engessar essas temáticas, colocar como obrigatoriedade, não é interessante à medida que a gente precisa fazer um levantamento em sala de aula pra ver quais são as temáticas que precisam ser trabalhadas e juntar essas temáticas com algumas outras no sentido também de não fazer um trabalho muito centrado num aspecto só, **porque isso pode levar ao entendimento de que aquela fatia da população é mais importante, e na verdade são todas.**

Repisa-se que a participante acima faz parte do Conselho Estadual de Educação e traz a realidade que vivencia. Na sua ótica a temática pode ser trabalhada no meio escolar se for necessário, visto que já há uma cobrança demasiada de conteúdos, então como quer dizer, que seja observado aqueles mais peculiares à comunidade.

Trata-se de uma visão parcialmente equivocada, pois ao possibilitar a inserção de conteúdos concernentes ao tema não se está privilegiando um grupo ou outro e sim oportunizando aos próprios alunos o conhecimento necessário até mesmo para sua caminhada. Ademais o envelhecimento populacional é uma demanda peculiar de toda sociedade como já se viu em apontamentos anteriores.

Se qualquer tema transversal for abordado de forma criativa e lúdica, não importa quantos esses temas serão, pois o prazer de estar aprendendo sem se dar conta, isto é ludicamente, traz consigo a facilidade de aprendizado. Portanto, parece que a quantidade de temas transversais não seria um entrave na medida em que esse tema do idoso, que prima ser tratado hoje, é de essencial importância para um futuro numa sociedade mais igualitária e solidária, onde a idade não será uma barreira entre as gerações, mas motivo de orgulho (por se ter chegado aos 100 anos com saúde, por exemplo, e com tantas histórias de vida pra contar) e respeito mútuo.

A própria LDB no art. 32, inciso IV (SILVEIRA; PETER, 2003, p. 73) menciona a necessidade de a escola possibilitar o “fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social”.

Com os variados grupos existentes hoje na sociedade e diversidades culturais múltiplas, as variadas temáticas devem estar no currículo escolar, sob pena de nada ser feito.

Evidente que as necessidades urgentes não podem ser olvidadas nem engessar um tema ou outro. A flexibilidade técnica, administrativa e pedagógica é incentivada na legislação.

A questão 4 não foi formulada ao PA, visto que o mesmo não exerce atividade no magistério. Quanto à implementação do conteúdo no currículo escolar sobre o idoso e sua valorização, por questão didática, enumeramos as falas com algumas identificações de registro e comentários sintéticos para oportunamente tecermos considerações acerca dos **temas transversais e interdisciplinaridade**.

PB4: [...] porque normalmente a disciplina ela é encarada pelo aluno como uma obrigatoriedade de conteúdo, de avaliação e de nota e não é isso que se quer. Nós queremos a **formação de uma sociedade que valorize o idoso**, então como **tema transversal sim, permeia todas as disciplinas**.

O participante acredita que a temática não deva vir como disciplina obrigatória e expõe claramente a sua visão de que o tema deve ser transversal e que é importante haver interdisciplinaridade.

Nessa linha, seguem-se outras falas:

PC4. [...]. Eu não só acho como **tema transversal**, mas também como **tema gerador**. Por lei, hoje nós temos que estudar a cultura negra [...] Quando é uma determinação, como a gente tinha falado antes, aquele episódio da cultura negra, obrigatório, é lei. Aí todo mundo faz, nem que faça por obrigação, mas faz [...] então tem o plano político pedagógico. E além do plano político pedagógico nós temos planos de estudos. Os planos de estudos a gente pode mexer quando quiser. Mexer em que sentido? Para melhorar. É ali que nós temos aberturas para colocar as necessidades nossas. Até necessidades as **mais criativas possíveis [...]** **Interdisciplinar**. Por exemplo, em Ciências ele iria estudar a fisiologia do corpo humano, como funciona. Explicar para eles porquê que o cabelo embranquece, porquê o cavanhaque do diretor é branquinho, e muitas pessoas, porquê fica calvo antes, e outras depois.

Esse diretor expressa contundentemente que a obrigatoriedade faz-se necessária, pois onde existe a determinação há que cumprir-se e, para tanto não pode haver escusas, assim fica garantida a presença do tema nas escolas.

Infere-se das falas seguintes que os participantes são favoráveis a inclusão do tema e que o mesmo pode ser trabalhado como tema transversal e obrigatório.

PD4: [...] **Tema transversal**, mas integrado, fazendo parte daquele currículo, porque eu acho que o tema transversal não é de se botar fora... ele faz parte do currículo, mas porque não há sempre um tema transversal planejado para ser desenvolvido durante todo o ano , **abordando o envelhecimento [...]**.

Seguem as falas:

PE4: [...] **trabalhar um conteúdo assim, mas que seja formal**, colocado de uma forma legal, que apareça realmente o trabalho. Exatamente, que não seja só nas escolas onde funciona a EJA. Acho **que no contexto de todas as escolas**, porque assim a criança vai aprendendo o valor do idoso, **toda a contribuição que ele teve, história de vida**.

PF3, PF4: [...] Porque a história e cultura afro-brasileira ela deve ser colocada **como tema transversal**, não acharia nenhum problema se tu colocasses o idoso [...] um leque de temáticas. [...] Acho que tem que ter disposição por parte dos professores também, porque o professor também vai envelhecer... A sociedade toda, todos nós...

PG4: [...] Eu **não acredito que ele seja um currículo**, uma questão de currículo. Ele é um conteúdo, são informações, conteúdos que podem e devem ser trabalhados. Um **tema transversal**. Incluir esse assunto na pauta, no dia-a-dia da escola. Assim como trabalha os afro-descendentes, vai trabalhar outros grupos populacionais e o idoso é um.

PH4: [...] Acho que deveria aparecer como **tema transversal** e perpassar todas as disciplinas. É o exercício da **interdisciplinaridade**. Acho que os professores têm condições de trabalhar o assunto, mas se não houver obrigatoriedade fica difícil organizar.

Antes de adentrar-se na questão da Interdisciplinaridade e Temas Transversais é importante tecer algumas considerações sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), mais especificamente do Ensino Fundamental, outrossim, os temas transversais surgem a partir dos mesmos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram traçados de acordo com os Objetivos Gerais do Ensino Fundamental, que abordam as capacidades relacionadas aos “aspectos cognitivo, afetivo, físico, ético, estético” de inserção social, abrangendo a formação básica para o desempenho da cidadania (PCN, MEC/SEF, 1998, p. 70).

A organização curricular da educação tem que trabalhar com tais considerações, propiciando uma sociedade mais justa e igualitária, enaltecendo a solidariedade e o respeito. “Cabe ao campo educacional propiciar aos alunos as capacidades de vivenciar as diferentes formas de inserção sociopolítica e cultural “. À escola é o campo onde se pode construir um lastro para o aluno enfrentar o cotidiano com ética, revestindo suas experiências com significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania.

Na apresentação e considerações preliminares de ditos parâmetros é colocado que ao consolidá-los o objetivo do Ministério da Educação e do Desporto “é apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres”.

Os mesmos buscam nortear, servir como subsídio à escola na constituição de sua proposta educacional mais geral, sempre respeitando a sua concepção pedagógica própria e a pluralidade cultural brasileira. A LDB atual como já se mencionou confere uma organização curricular flexível e aberta no trato dos componentes curriculares e ratifica a mesma através de uma base nacional comum (Parâmetros Curriculares Nacionais) e uma parte diversificada a ser complementada em cada sistema de ensino.

Há na legislação educacional um sentido de respeito às peculiaridades locais, pois o Brasil, como país continental, tem características próprias de cada região que merecem ser valorizadas, portanto uma referência comum é na direção daquilo que pode ser importante para todos para prosperar uma base comum no que deve ser garantido a todos, contudo, sem rechaçar as particularidades da comunidade. É conveniente enumerar os objetivos gerais do Ensino Fundamental contemplados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, MEC/SEF, 1998, p. 69), os quais mencionam que os alunos sejam capazes de:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;
- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Os objetivos supracitados espelham a própria LDB na sua meta maior do Ensino Fundamental, que é o de propiciar a formação básica do cidadão.

Nesta perspectiva os objetivos elencados pedem conteúdos compatíveis com a realidade e compromissados com o desenvolvimento de uma cidadania harmônica e eficaz. Quando se propõe incluir e desenvolver a temática do idoso em todos os níveis de Ensino, especialmente no Ensino Fundamental, fala-se de ditos objetivos, de um processo de interlocução da escola com o meio, meio esse cada vez mais acompanhado de um número crescente de pessoas idosas.

Cidadania é conhecer os direitos e também os deveres correspondentes de toda uma comunidade. Um projeto pedagógico que vislumbra a temática proposta, planejando suas ações e não meramente circundando datas, que muitas vezes são instigadas pela mídia como fator de consumo está dando sentido e transformando conceitos e preconceitos em crescimento pessoal e coletivo.

A solidariedade e atitudes afins tão decantadas na legislação educacional têm que serem praticadas e integradas à aprendizagem do alunado.

A Lei N° 010172 de 9 de janeiro de 2001 ao aprovar o Plano Nacional de Educação (PNE) em consonância com o que estabelece a Constituição de 1988, afirma a necessidade e a obrigação de o Estado elaborar parâmetros claros no campo curricular capazes de orientar as ações educativas do ensino obrigatório, de forma a adequá-lo aos ideais democráticos e à busca da melhoria da qualidade do ensino nas escolas brasileiras.

Tal plano com duração de dez anos, portanto próximo de completar uma década, tem como um dos objetivos e prioridades, dentre outros:

* a redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso e à permanência, com sucesso, na educação pública e democratização da gestão do ensino público, nos estabelecimentos oficiais, obedecendo **aos princípios da participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola e a participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.** [grifo meu]

2. Garantia de ensino fundamental a todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria ou que não o concluíram. A erradicação do analfabetismo faz parte dessa prioridade, considerando-se a alfabetização de jovens e adultos como ponto de partida e parte intrínseca desse nível de ensino. A alfabetização dessa população é entendida no sentido amplo de domínio dos instrumentos básicos da cultura letrada, das operações matemáticas elementares, **da evolução histórica da sociedade humana, da diversidade do espaço físico e político mundial e da constituição da sociedade brasileira. Envolve, ainda, a formação do cidadão responsável e consciente de seus direitos e deveres.** [grifo meu]

Cumpra também informar que a Comissão de Educação e Cultura, em parceria com o Conselho Nacional de Educação e Conferência Nacional de Educação e entidades da sociedade civil organizada, propôs que no decorrer de 2009, através de encontros regionais seja iniciado um amplo debate na construção do novo PNE (2011-2020).

3.9 TEMAS TRANSVERSAIS E INTERDISCIPLINARIDADE

Quanto aos temas transversais os mesmos estão contemplados nos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN, 1997).

Mediante a dinâmica da sociedade surge a necessidade do currículo escolar trazer as variadas questões sociais que circundam o meio em que se habita, consideradas relevantes e que norteiam os Estados brasileiros e que possuem também um cunho universal. São eles:

1. Ética
2. Meio Ambiente
3. Saúde
4. Pluralidade Cultural
5. Orientação Sexual.
6. Trabalho e consumo

Em realidade, tais temas devem permear todas as disciplinas, ou seja, vigorar nas variadas disciplinas já existentes. Todas as áreas já tradicionalmente conhecidas devem abordar os assuntos dos temas transversais, não sendo exclusividade de uma ou de outra. Eles são tão importantes quanto as áreas dos PCNs, entretanto, não é comum a sintonia entre as disciplinas no que concerne a ditos temas. Evidente que a presença dos mesmos traz suporte legal para que saiam do papel, pois tópicos dessa natureza são necessários para a educação contemplar o cotidiano e dar suporte a tantas indagações e práticas que requerem um olhar social satisfatório.

Como se pode perceber a questão visa, sobretudo, a formação, a construção de valores, não se trata de amontoados de conteúdos para preencher projetos e planos, mas de oportunizar autênticas práticas cidadãs. Quanto a temas transversais, leia-se (CORDIOLLI, 1999 apud BARBOSA, 2002, 8-19):

Os mesmos apontam para mudanças na cultura, nos aspectos de ver e sentir o mundo. Não se trata, portanto, de 'mais conteúdos' nem de procurar organizar os conteúdos numa perspectiva interdisciplinar ou transdisciplinar, mas sim da formação de valores e padrões de conduta, como uma espécie de 'óculos' que qualifica o olhar dos professores para certos elementos da formação dos alunos.

Talvez com os temas já existentes pudesse ser trabalhada a temática do idoso, mas convém que a implementação venha de forma mais contundente, ou seja, como um tema transversal, dando a possibilidade das organizações civis de idosos cobrarem a aplicação. Sabe-se que é um caminho difícil, mas há que ser trilhado, pois se os temas procuram espelhar as falas e vivências da sociedade o aluno deve receber uma formação integral nos aspectos cognitivos e sociais passando pelo afetivo, emocional, moral, estético e ético.

Os temas devem ser trabalhados em todas as disciplinas, dado o caráter de transversalidade, encaminham para a interdisciplinaridade, ou seja, interdependência entre os diversos conhecimentos. As disciplinas devem comunicar-se proporcionando integração do conhecimento num todo significativo e coerente, exemplifica-se com a colocação do participante:

PB4: [...] Assim é preferível que realmente cada profissional saiba como levar dentro da sua disciplina, dentro da sua sala de aula esse aspecto de reconhecimento, do valor de cada um, cada faixa etária que passa. **Interdisciplinaridade**, mas sabe que isso depende muito da formação, da sensibilidade e da vontade emocional.

PB4: A Matemática, porque, por exemplo, eu quando trabalho, em outra escola, a Matemática eu faço muito essa situação de passar, eu consigo fazer entre a Matemática e a Física um link violento, que os alunos dizem: “mas como?!”. Sim, uma coisa está atrelada a outra. Não existe conhecimento estanque. E quando eu chego lá na Matemática, na parte de probabilidades, eu busco para meus alunos exercícios e trabalhos da genética, da Biologia.

Os temas transversais devem receber uma abordagem integrada em todas as áreas constituintes do ensino, assim enfatiza o PCN, portanto não se trata de uma nova disciplina ou que a disciplina x vai trabalhar tal conteúdo. É, sobretudo, um arranjo, um “bate-papo”, um diálogo permanente entre as disciplinas, ação entre as mesmas sem que cada uma das disciplinas perca sua identidade como relembra Fazenda (1994).

A transversalidade é pertinente a todas as disciplinas. Ao se analisar as diversas disciplinas que hoje fazem parte da grade curricular, pode-se dizer que em todas elas é possível trabalhar os temas transversais. Não se trata de enfeitar conteúdos, mas sim de acrescentar elementos que enalteçam valores e permitam o crescimento como ser humano capaz de interagir socialmente correto com o meio em que está inserido.

As linhas gerais dos temas estão presentes nos PCN, entretanto à escola é facultado como direcionar os conteúdos, qual a melhor forma de trabalhá-los, como melhor perfilar o encaminhamento pedagógico para a consecução dos objetivos.

Os temas numa ou outra região, conforme a necessidade podem ser adaptados para que guardem harmonia e tenham significado para a comunidade escolar. “As características das questões ambientais, por exemplo, ganham especificidades diferentes nos campos de seringa no interior da Amazônia e na periferia de uma grande cidade” (PCN, 1997).

Também é possível trabalhar com questões locais emergentes, podendo inclusive constituir subtemas dos temas gerais, “[...] outras vezes, no entanto, podem exigir {temas} um tratamento específico e intenso, dependendo da realidade de cada contexto social, político, econômico e cultural “. Neste caso, devem ser incluídos como temas básicos. Refletir-se sobre o aumento da população de idosos e a necessidade de constituir-se uma nova temática para a questão, consoante o novo contexto da pirâmide etária do país é dar cunho prático à realidade vigente.

Quanto à próxima questão, emergiu a **Quarta categoria: Justificativa para a Educação.**

As evocações dão conta de justificar a importância de a educação voltar os projetos pedagógicos para a inserção de conteúdos afins, cumprindo com o Estatuto do Idoso, não somente por dever legal, mas por respeito e solidariedade.

A quinta questão: **Que reflexões este encontro propiciou-lhe?**

Os grifos são para enfatizar momentos enfáticos das falas.

PA5: Que a gente vê que pessoas que estão na sua formação de faculdade estão interessadas, estão especificamente tratando do assunto do idoso, **estão vendo com bons olhos que o idoso hoje é maltratado.** Em seu currículo tenho certeza que futuramente farão trabalhos em **defesa do bem-estar e do bom tratamento do idoso** e aquilo que o idoso merece. Muitas vezes **pelo bem que fizeram em sua trajetória de vida,** hoje não conseguem mais às vezes com suas próprias forças se socorrer... porque tem o socorro de outras pessoas, como **você hoje aqui está trabalhando, fazendo um trabalho em favor** do idoso. A sua idéia de mencionar o Estatuto do Idoso, o artigo 22, que trata do **currículo escolar, tratar do envelhecimento;** se isso for aplicado **a longo prazo** eu tenho certeza que melhorará o tratamento para o idoso porque as nossas crianças ainda tem um bom aprendizado, ainda tem aquela capacidade **de reter os bons ensinamentos.** Isso aí a longo prazo será bem aproveitado, até porque a estatística do IBGE de cada seis meses ou de cada ano faz um levantamento da **expectativa de vida do brasileiro,** e ela vem aumentando a cada ano que passa.

A fala do participante demonstra a crença no papel transformador da educação. Há uma latente preocupação com as condições de vida dos idosos e a esperança de que o currículo escolar abrangendo conteúdos pertinentes como refere “[...] melhorará o tratamento para o idoso”.

De outro lado, também há jovens sedentos de saber sobre o processo de envelhecimento. Em seu livro Coelho (1989, p. 56) utiliza-se de uma pesquisa de opinião sobre o isolamento do idoso entre jovens universitários e secundaristas, entre as questões propostas atentou-se para a questão onde o autor solicita, para adolescentes com faixa etária de 16 a 21 anos, sugestões para um trabalho com o idoso, eis a resposta: “Preparar a criança, para que na escola comece a ver a velhice como sendo uma etapa da vida que deve ser pensada e planejada como qualquer outra”.

Os próprios Indicadores Sociais (IBGE, 2004) informam que em 34 anos, a população brasileira praticamente dobrou em relação aos 90 milhões de habitantes da década de 1970 e, somente entre 2000 e 2004, aumentou em 10 milhões de pessoas.

- Em 2050, seremos 259,8 milhões de brasileiros e nossa expectativa de vida, ao nascer, será de 81,3 anos, a mesma dos japoneses, hoje.
- Outra comparação importante: em 2000, 30% dos brasileiros tinha de zero a 14 anos, e os maiores de 65 representavam 5% da população. Em 2050, esses dois grupos etários se igualarão: cada um deles representará 18% da população brasileira. Tais números revelam a importância cada vez maior das políticas públicas relativas à previdência, diante do crescente número de indivíduos aposentados, em relação àqueles em atividade. Também tornam-se cada vez mais importantes as políticas de Saúde voltadas para a Terceira Idade: se em 2000 o Brasil tinha 1,8 milhão de pessoas com 80 anos ou mais, em 2050 esse contingente poderá ser de 13,7 milhões.

A educação, além de servir à pessoa, deve atender as demandas da sociedade. A figura humana também é resultado de processos sociais, assim a escola pode fazer a diferença. É na construção do projeto educativo que professores e equipe pedagógica possuem uma rica oportunidade de discutir, organizar objetivos, conteúdos que permitam ao entorno escolar interagir bem com o meio e dar a chance de cada um sentir-se dono do seu espaço com sua autonomia, mas aliado ao coletivo. PB5 diz: “Até gostaria de vê-lo ser apresentado na Secretaria Estadual de Educação [...]”.

Teve-se oportunidade anteriormente de fazer menção através das participações de como a questão temática deverá apresentar-se e pôde-se inferir que a execução do tema deve ser de cunho obrigatório. O participante acima traz o desejo de que a dissertação seja

apreciada junto à Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, provavelmente como forma de sensibilizar e projetar na esfera política a abrangência de tal temática pelo viés de deliberações que alcancem os projetos pedagógicos da rede de ensino das escolas brasileiras.

PC5: Acho que a senhora está me alertando. A senhora está me dizendo “Fulano, faça alguma coisa, façam jus ao título, não vamos esquecer” (referindo-se à terra onde vive). Acho que além de uma coisa sagrada que nós temos, essa cultura que nós temos em cima dos nossos noninhos, você não imagina quando um senhor de 50 anos, digamos assim, procura a escola e diz assim “eu preciso aprender a ler”, com 50 anos. Muito bem, “o senhor tem seus documentos aí”? “Nem documentos eu tenho”, só com o celular no bolso. “Então vamos pegar umas anotações do senhor. Qual seu número do celular”? E ele nem sabe, te dá o celular na mão. Aqui na nossa Escola X nós temos seis analfabetos. Quando eles **começam a desenhar as primeiras letras**, os primeiros números, a professora chora com eles, isso porque dá vontade de ir em frente, de continuar, de começar tudo de novo, de voltar atrás e **recuperar todo aquele espaço perdido da educação deles**. Isso não acontece com os nossos noninhos, querer voltar atrás para recuperar, aí é tarde, porque aquele noninho que me passa maravilhas, ele se foi, aí fica na história. “Faleceu noninho. Uma boa pessoa “. **Mas e a história dele?**

Esse latente bem-estar do participante é gratificante. Refere-se, também, a sua cidade a qual possui um elevado número de idosos e ratificou que o encontro oportunizou-lhe refletir o quão importante é trabalhar o tema, até mesmo para que seu município não perca um determinado título que expressa a questão do envelhecimento.

PD5: De minha parte agradeço muito os conhecimentos que tive. Não perdi tempo, ambas ganhamos. **É discutindo que se poderá implementar tais conteúdos no ensino. O professor também tem medo de tocar nesse tema.** Ele também vai envelhecer e trabalhar um tema assim pode causar desconforto, **mas tem que ser preparado para tal, enfrentando isso também estará preparando a si próprio para essa fase da vida.** Convencidos, acho que todos estamos de que o tema do idoso tem que estar presente no ensino formal, porém para que seja implementado de fato deve partir de forma oficial, ou seja, **obrigatório.**

PE5: Foi muito... até sentimental falar sobre esse assunto, porque a gente só fica ligado na criança e no adolescente e **deixa o idoso não de lado, mas ele não aparece no contexto**, e pra mim, isso trouxe **muito sentimentalismo, muito saudosismo.** Acho que nossas autoridades deveriam inserir não só na escola, apesar de que nossos idosos já estão muito inseridos na sociedade, em várias... na política pública já estão acontecendo. E a escola, acho que é um dos primeiros lugares de política, então acho que a partir daí... A escola tem que propiciar isso pra sociedade. É verdade, porque com aluno pequeno é uma coisa, vem da família, a família que deve dar o primeiro andamento, depois a escola dá o equilíbrio, mas tem coisas que a família não faz e compete à escola ter que fazer [...] o idoso, acho que viria para coroar todo um trabalho, mas isso primeiro tem que ser estimulado... Acho que ele deveria ser premiado, ele deveria ter uma menção, que lhe trouxesse não só o aprender dentro da escola, a ler e a escrever. [...] As autoridades falam muito nos velhinhos, nos idosos, mas assim como uma coisa para se acharem os bonzinhos, mas na realidade, na prática mesmo, não tem ainda uma linha que dê um seguimento para que o idoso venha colher frutos.

A rapidez com que ocorrem mudanças no planeta exige currículos, conteúdos dinâmicos. Ensinar a ler e escrever sem vivenciar o contexto já não é possível. O processo de educação escolar, didática e pedagogicamente têm que intervir no meio, aliando a dinâmica da vida à dinâmica do conhecimento num eterno prazer de descobertas e estímulos aos alunos para indagar, refletir, criticar, respeitar e ser respeitado. “Urge curar e re-flexibilizar as linguagens pedagógicas. A questão da qualidade cognitiva e social da educação deve ser encarada, primordialmente, desde o seu pivô pedagógico, ou seja, a partir das experiências do prazer de estar conhecendo” (ASSMANN, 1998, p. 30).

PF5: Então, eu acho que é bem importante e relevante esse trabalho que tu estás desenvolvendo, porque, de fato, nós **estamos nos transformando numa sociedade cada vez mais velha e com uma qualidade de vida melhor**. Então precisa ter também, por parte dos jovens, é preciso ser feito um trabalho com os jovens para que eles realmente **vejam o idoso não aquele que já não serve pra mais nada**, mas como uma pessoa que já viveu a vida inteira, que já dedicou a sua vida para diferentes atividades e **que pode colaborar ainda [...]**. Acho a temática interessantíssima, acho que isso cumpre um pouco esse papel que nós estamos falando **de trazer o assunto à tona, de envolver pessoas**, fazer uma pesquisa sobre o assunto, conversa com uma pessoa, conversa com outra, pessoas que podem propagar esse assunto, para mim é muito bom, porque a gente vive o dia-a-dia num corre-corre, uma série de problemas a resolver. A gente que tem uma função assim, mais de coordenação, fica envolvida com uma série de assuntos. Então te receber aqui, conversarmos um pouco, sempre lembra a gente de que os diferentes momentos da vida a gente precisa valorizar.

O saber é dinâmico e alinhar novos conhecimentos é essencial pra entender a fluidez com que tantas mudanças operam-se no mundo contemporâneo, ratificando: “Em todas as formas, porém, a inovação é fundamental. Ainda mais quando as novas tecnologias nos mergulham numa dinâmica inédita, cujas propriedades já têm até nomes bem solenes: conectividade, interatividade, transversalidade (transversatilidade)” (ASSMANN, 1998):

PG5: Eu acho que é exatamente. Toda oportunidade que eu tiver de estar chamando atenção da importância do assunto e sugerindo para que os professores incluam esse assunto na sua pauta, nas conversas e nos temas de trabalho junto aos seus alunos e que eles **não podem esquecer de tratar diferenciadamente a questão do idoso [...]**.

PH5: Esse nosso encontro me faz pensar e refletir que logo estarei, serei um idoso. Tudo passa muito depressa. Acho que a educação pode dar à sociedade a chance de ver o idoso como uma pessoa que tem oportunidades, que tem experiência e sabedoria para dividir e que até o último suspiro pode produzir [...]. Se esse assunto preencher, fizer parte da escola, acreditarei que há esperanças de uma sociedade mais justa e fraterna para com todos, pois não há mais lugar para preconceitos.

Todos são convidados a participar da construção de um mundo onde caiba muitos mundos, onde o individual seja preservado, mas o coletivo vivido na busca de dias melhores para todos.

Morin (2005, p. 114-5) termina seu livro dizendo que “Por muito tempo ainda, a expansão e a livre expressão dos indivíduos constituem nosso propósito ético e político para o planeta. Isso supõe ao mesmo tempo o desenvolvimento da relação indivíduo/sociedade, no sentido democrático, e o aprimoramento da relação indivíduo/espécie, no sentido da realização da Humanidade [...]” e que “não possuímos as chaves que abririam todas as portas de um futuro melhor [...] Podemos, porém, explicitar nossas finalidades: a busca da hominização na humanização; pelo acesso à cidadania terrena”.

Excluir os idosos é ceifar a história e privar a humanidade das continuidades culturais, tão necessárias para a formação intelectual e moral do cidadão. A educação sobremaneira não pode furtar-se de oferecer ao alunado e ao próprio corpo docente e comunidade, em geral, a chance de conhecer as etapas da vida e suas implicações.

Néri (2007, p. 44) assim expressa: “[...] No longo prazo precisam ser resolvidos problemas macroestruturais no âmbito da educação fundamental, dos cuidados à saúde desde o nascimento até a velhice”.

CATEGORIA A PRIORI -

1. Concepção de ser humano sob a ótica de velhice/ envelhecimento: a pesquisa apontou que o ser humano é um ser em evolução: nascer, crescer e morrer faz parte do roteiro natural da vida. Trouxe a discussão sobre idade cronológica versus idade funcional e a presença do tema envelhecimento ativo.

CATEGORIAS A POSTERIORI

2. Trocas intergeracionais: o trabalho de pesquisa demonstrou que é eficaz para o meio escolar e social a interação entre diferentes gerações. O idoso pode compensar as suas limitações físicas com sua experiência e sabedoria.

3. Fatores Sociais: a pesquisa apontou que a velhice é produto de uma cultura, ressaltando-se a carência de políticas públicas adequadas para os idosos nos mais variados dos setores, principalmente na saúde e previdência.

Subcategorias:

a) **Esteréotipos em relação à velhice:** a pesquisa evidenciou que ainda há preconceitos arraigados, porém, a educação pode amenizar e descortinar um futuro de respeito e valorização para com o idoso.

b) **Qualidade de vida:** foi apontada como uma busca incessante para envelhecer bem, tanto nos aspectos físicos como psicológicos. Atingir o bem-estar na fase tardia, enaltecendo-se que o convívio social na velhice e as relações interpessoais podem alcançar aos idosos uma vida de possibilidades.

Segue o quadro:

<p>4. Posicionamento frente à implementação da temática nas escolas e sua importância: a investigação revelou, sobretudo, as experiências das práticas pedagógicas dos participantes, experiências na gestão política e diretiva. Inferiu-se que conteúdos sobre o envelhecimento e valorização do idoso não estão presente nos projetos pedagógicos das escolas, excetuando uma escola. As demais trabalham o tema em datas concernentes ao mesmo, portanto sem sistematização e planejamento. Demonstrou também que o meio educacional não pode ficar alheio à realidade brasileira e mundial quanto ao crescente número de idosos, configurando-se uma mudança na pirâmide etária de nosso país.</p> <p>Subcategorias:</p> <p>a) Interdisciplinaridade: colocada como ponto de partida para uma educação eficaz. As disciplinas devem dialogar entres si, harmonizando os conteúdos num todo significativo para uma educação integral.</p> <p>b) O processo de envelhecimento e valorização do idoso como tema transversal: com unanimidades nas respostas: a legislação educacional é flexível e dá abertura para a escola implementar a temática do processo de envelhecimento e a valorização do idoso, entretanto é importante vir como obrigatoriedade a ser cumprida como tema transversal a compor o projeto pedagógico das escolas em todos os níveis de ensino, principalmente no Ensino Fundamental.</p>
<p>5- Justificativa para a Educação: a pesquisa ratificou a importância de a educação trabalhar conteúdos pertinentes, não somente por dever legal, mas por respeito e solidariedade.</p>

Quadro 4: Categorias

Fonte: A autora, 2009.

4 NOTAS FINAIS, NESTES TEMPOS...

A pessoa é um somatório de vivências do nascimento à morte e entender ou aproximar-se dessas experiências é um desafio e um convite aos que pretendem trocar experiências no campo educacional.

Os dados encontrados demonstram que a longevidade é uma conquista inquestionável, modificando a pirâmide etária do país. Por isso, o alerta que se faz necessário à sociedade para que a mesma prepare-se para esta realidade tão próxima. Como diz o PA: “[...] Essa juventude amanhã serão envelhecidos, que tenham esse conhecimento [...] esclarecer ao jovem no aprendizado que amanhã será ele o idoso de hoje [...]”.

Não se pode rechaçar os dados, vendar os olhos e, sobretudo alienar-se ante a trajetória vivencial que perpassará a vida. Esse segmento da população, historicamente, sempre foi relegado a um segundo plano, mas este contingente populacional continua clamando por soluções.

A exemplo dos povos afro-brasileiros e indígenas que lutaram incessantemente para sua história e cultura estarem presentes no currículo oficial da Educação Básica, segue a sugestão de possíveis caminhos para implementar nos diversos níveis formais de ensino conteúdos voltados para essa fase da vida adulta, principalmente no Ensino Fundamental.

Depreendeu-se dos dados obtidos, através das entrevistas com os participantes, que não está previsto nos projetos pedagógicos conteúdos voltados ao idoso, com exceção de uma escola, na qual em seu planejamento constam assuntos concernentes ao tema. Como aponta esta participante, membro do Conselho Estadual do Idoso:

PD: [...] Não conheço projeto pedagógico. Eu conheço relatos de experiências que podem ser ocasionais, Para mim, experiências assim: uma vez levaram um idoso na escola, uma vez colocaram em uma sala de aula, numa aula um conteúdo. Isso não é currículo, então, sobre currículo eu desconheço, mas ando a procura, com certeza.

As leis que circundam o tema do idoso e da educação para frutificarem devem sair do papel e para tanto o meio envolvido deve aportar iniciativas que somem na busca de uma sociedade de mais equilíbrio e justiça. Há que constar formalmente nos projetos pedagógicos, nos planejamentos a abordagem do assunto e que a comunidade escolar envolva-se para que o ensino-aprendizagem seja partilhado e frutifique dia-a-dia nas ações de cada um.

No trajeto das entrevistas pôde-se perceber que gestores políticos, equipe diretiva, professores e idosos têm consciência da importância do assunto, entretanto, poucos dão o “pontapé” inicial, em que pese deflagrarem que a educação não pode ficar estática perante a nova cadeia social que se perfila.

Não resta dúvida de que a educação pode ser a mediadora do processo de dignificar o idoso de despertar no meio social ações que aportem aos idosos uma identidade-cidadã humana. Estudos têm apontado que a relação entre vínculos sociais e o *status* de saúde do idoso estão interligados, possibilitando uma melhor qualidade de vida e uma sobrevivência maior. O meio escolar no seu fazer pedagógico pode construir um novo olhar sobre o idoso.

A escola por sua natureza é o ambiente no qual se estabelece várias relações, onde pontes são erguidas, laços são sedimentados e conhecimentos são buscados. Onde se pode quebrar paradigmas e construir saberes. A educação deve ter compromisso social, portanto a temática do idoso não pode ficar ausente dos projetos pedagógicos, como demonstrou a pesquisa.

Ao atentar-se para a nova dimensão social que o envelhecimento vem aportando, necessita-se refletir de que a criança é o futuro do país, mas o idoso também significa um legado vivencial, então ambas as gerações não são forças contrárias. Nesta dualidade reside a esperança e a certeza. Esperança, à medida que a criança é a semente que se planta e, certeza é a colheita da velhice, resultado do plantio, portanto feliz o meio que soma à meninice a convivência com a velhice, possibilitando integração entre as gerações. Como salienta PG1: “[...] promover essa convivência entre essas diferentes gerações, porque a gente sabe que os avós até hoje na sociedade que a gente vive eles tem um papel muito importante na educação das crianças, né?”

A troca de experiência entre gerações serve para derrubar barreiras preconceituosas e construir uma imagem positiva do envelhecimento. Veja-se o que diz PD1: “[...]outro aspecto também é porque experiências positivas contribuem para que a gente tenha uma imagem boa e não ruim sobre a velhice. E essas imagens positivas podem ser repassadas mediante o convívio”. Sugere-se, ademais que o tema seja conduzido sob o paradigma do envelhecimento ativo, onde ser idoso é uma etapa da vida e não uma doença. Como aponta PD1:

Acredito que hoje já estamos trabalhando um novo paradigma de envelhecimento. Já não se fala mais em velhice em cadeira de balanço, já não se convive mais com essa realidade. Já não é essa a imagem atual da velhice, hoje é envelhecimento com atividade. Eu vejo os velhos na rua, eu vejo os velhos participando, certamente, não é a totalidade. Velhice não é doença.

É imprescindível ousar, buscar novos conteúdos que permitam aos alunos romper barreiras, preconceitos, tecendo uma visão holística do homem enquanto ser biológico que nasce, cresce e morre e, enquanto ser social que necessita de vínculos afetivos, alimentando sua alma, desde sua concepção até a despedida de seu mundo físico, onde um ciclo da natureza humana se encerra.

A prática pedagógica deve produzir relações significativas dos conteúdos apreendidos com o mundo em que se vive. Os operadores do direito no correr de seu trabalho, em especial a OAB/RS, podem contribuir com diferentes ações para divulgar e elucidar o Estatuto do Idoso junto às comunidades escolares e organizações de idosos.

Por sua vez o Conselho Estadual do Idoso juntamente com o Conselho Estadual da Educação pode reivindicar conteúdos que versem sobre o tema para estarem presentes nos projetos pedagógicos das escolas gaúchas, sobretudo no Ensino Fundamental, onde o processo de base de construção de valores, atitudes está iniciando-se. Trata-se, pois de um esforço conjunto da sociedade nos variados segmentos que a compõe. Assim se expressa PF3:

Eu acho que é um conjunto de ações, uma delas é a própria militância dos idosos. A gente tem ouvido alguns políticos que se destacam na defesa dos idosos e o reconhecimento é uma questão de colaboração da família, porque têm alguns jovens que adoram outros acham que é um entrave, um problema. Então, acho que tem que haver aí uma série de ações que visam valorização do idoso, porque todos chegaremos lá.

Descortinou-se para mim que a viabilidade para implementar tão importante tema está em trazê-lo como tema transversal, gerando a obrigatoriedade permeando todas as disciplinas curriculares de forma obrigatória.

A paz que se busca, a sociedade fraterna e solidária que se deseja, depende muito da educação que se oferta. Há espaço para todos e todos devem contribuir imbuídos de ética solidária, princípio que pode aproximar realidades de tantas faces e implicações, gerando competências adequadas para intervir nos enfrentamentos e gerir de forma satisfatória e coerente as transformações necessárias para o equilíbrio do homem consigo próprio e seus semelhantes.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ASSMANN, H. **Reencantar a Educação**: Rumo à Sociedade Aprendiz. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BALLESTEROS, Rocio F. **Envejecimiento activo**: contribuciones de la Psicología. Madrid: Pirâmide, 2009.
- BARBOSA, Laura M. S. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) — Temas Transversais — uma Interpretação e Sugestões para a Prática**. Curitiba: Bella Escola, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**. Petrópolis, Vozes: 2002.
- BEAUVIOR, Simone de. **A velhice**: uma realidade incômoda. Trad. Heloísa de Lima Santos. v. I, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BEE, Helen. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. CAPE ONLINE. Disponível em: <<http://www.pbh.gov.br/smed/cape/>>. Acesso em: 15 abr. 2009.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Programa Nacional de Direitos Humanos PNDH 3**. Versão Preliminar Agosto de 2009. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sedh>. Acesso em: 13 out. 2009.
- _____. **Síntese de Indicadores Sociais 2004**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 set. 2008.
- BRASIL. Senado Federal. **Atividade**. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/sf/atividade/materia/detalhes>>. Acesso em 15 out. 2009.

_____. Estatuto do Idoso. **Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Brasília: Fetapergs, 2008.

_____. **Proposta de Emenda à Constituição**. Nº 15 de 2008. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br>>. Acesso em: 15 set. 2009.

BUBER, Martin. **Do Diálogo e do Diálogo**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. **Eu e tu**. São Paulo: Cortez, 1993.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE. Campanha da fraternidade 2003. Disponível em: <<http://www.cf.org.br/cf2003/jesuseidoso.php>>. Acesso em: 10 out. 2009.

CHACHAMOVIC, Eduardo; TRENTINI, Clarissa; FLECK, Marcelo Pio de Almeida. Qualidade de vida em idosos. Conceituação e investigação. In: NÉRI, Anita Liberasso (org.). **Qualidade de vida na velhice**: enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2007, P. 61-81.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

COELHO, Maria da G. **O idoso isolado e as gerações**. Florianópolis, IOESC, 1989.

COTRIM, Gilberto. **História e consciência do mundo**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

DADOS 2008 do IBGE. Caderno geral, **Zero Hora**, Porto Alegre, 10 set. 2009, p. 31.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Introdução à arquetipologia geral. Lisboa: Presença, 1989.

ENGLER, Tomás. Como a economia pode favorecer a construção de uma velhice bem-sucedida. In: NÉRI, Anita Liberasso (org.). **Qualidade de vida na velhice**. Enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2007.

FAZENDA, Ivani C. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FUTURIDADE. Disponível em: <<http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br>>. Acesso em: 10 nov. 2009.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 64- 89.

GODOY, Luiz Jarbas. **Razões para melhor viver a maturidade**. Porto Alegre: Alcance, 2006.

LOPES, Andréa. Dependência, contratos sociais e qualidade de vida na velhice. In: VON SIMSON, Olga R. de M.; NÉRI, Anita L.; CACHIONE, Meire (orgs.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2006, p. 130-40.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. In: NÉRI, Anita L. (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESCSP, 2007, p. 142-7.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte**. Brasília/DF: Editora UnB, 1998.

LUIZ, O. do C. **Perspectivas da avaliação da situação de saúde: Uma apreciação crítica**. São Paulo: USP, 1997. 173 p. Dissertação (Mestrado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

MAANEN, Jonh Van. Reclaiming Qualitative Methods for Organizational Research: a preface. **Administrative science quarterly**, v. 24, n. 4, p. 520-6, dec. 1979.

MAHONEY, Abigail; ALMEIDA, Laurinda (org). **Henry Wallon – Psicologia e Educação**. São Paulo: Loyola, 2000.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Ética : Ensino de primeira à quarta série. I. Título.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino Fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

_____. **Plano nacional de Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 12 out. de 2009.

MONSERRAT, Moreno et al. **Falemos de sentimentos**: a afetividade como um tema transversal. São Paulo: Moderna, 1999.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista educação**, ano 22, n. 37, Porto Alegre, 1999, p. 7-32.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **O enigma do homem**. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].

MOSQUERA, Juan J. M. **Vida adulta**: personalidade e desenvolvimento. Porto Alegre: Sulina, 1978.

_____. A motivação humana na concepção de Abraham Harold Maslow. In: MOREIRA, Marco Antonio et al. (org.). **Aprendizagem**: perspectivas teóricas. Porto Alegre: Editora da Universidade/PADES/UFRGS/PROGRAD, 1985, p. 144-67.

_____. **Vida adulta**: personalidade e desenvolvimento. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1987.

_____. A Educação no Terceiro Milênio. **Educação**, Porto Alegre, Ano XXVI, Especial, p. 43-58, set. 2003.

MOSQUERA, Juan J. M.; STOBÄUS, Claus D. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. **Educação**, Porto Alegre, PUCRS, ano XXIX, n. 1, p. 123-34, jan./abr. 2006.

_____. Auto-Imagem, Auto-Estima e Auto-Realização na Universidade. In: ENRICONE, Délcia (org.). **A docência na educação superior: sete olhares**. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2008a

_____. ; STOBÄUS, Claus D.; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Vida Adulta: perspectivas para o século XXI. In: SCHWANKE Carla H. A.; SCHNEIDER, Rodolfo H. (org.). **Atualizações em geriatria e gerontologia: da pesquisa básica à prática clínica** Porto Alegre: Edipucrs, 2008b, p. 12-26.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NÉRI, Anita L. **Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1991.

_____. Atitudes e crenças sobre velhice: análise de conteúdos de textos do jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002. In: VON SIMSON, Olga R. de M.; NÉRI, Anita Liberaso e CACHIONE, Meire (orgs.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2006, p. 14-54.

_____. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: NÉRI, Anita L. (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Edições SESCSP, 2007a, p. 33-44.

_____. Qualidade de vida na velhice e subjetividade. In: CHACHAMOVIC, Eduardo; TRENTINI, Clarissa; FLECK, Marcelo P. de A. (org.). **Qualidade de vida na velhice. Enfoque multidisciplinar**. Campinas: Alínea, 2007b, p. 14-59.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento humano**. 8. ed. reimp. Porto Alegre: Artmed, 2008.

REVISTA NOVA ESCOLA. Guia do ensino fundamental de 9 anos. São Paulo, Editora abril. Ano XXIV, n. 225, set. 2009.

RIO GRANDE DO SUL. **Leis**.

Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/leideidosos/rio_grande_do_sul/porto_alegre>. Acesso em 10 out. 2009.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. **III Conferência Estadual do Idoso** – 2008. Disponível em: <<http://www.stcas.rs.gov.br>>. Acesso em: 10 out. 2009.

SANTA CATARINA. **Lei de idoso**.

Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/leideidosos/santa_catarina/florianopolis>. Acesso em: 10 out. 2009.

SASTRE, G.; MORENO, M. **Resolução de conflitos e aprendizagem emocional**. São Paulo: Moderna, 2002.

SILVEIRA, Célia; PETER, Diva (orgs.). **Legislação básica da educação brasileira**. Cadernos Universitários, Canoas: Editora Ulbra, 2003.

SIQUEIRA, Maria E. C. Velhice e políticas públicas. In: NÉRI, Anita L. (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESCSP, 2007, p. 221.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: NÉRI, Anita L. (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESCSP, 2007, p. 25-6.

WIKIPEDIA. **Fonte da juventude o eterno fascínio**. Disponível em: <<http://www.wikipedia.pool-life.com.br>>. Acesso em: 03 jan. 2010.

WIKIPEDIA. **Religiões no Brasil**. Disponível em: <<http://www.wikipedia.org/religoesnobrasil>>. Acesso em: 03 jan. 2010.

YUS, Rafael. **Educação integral uma educação holística para o século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2000, reimpressão, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

APÊNDICE B – Modelo das Entrevistas

APÊNDICE C – Exemplo de Entrevista Realizada

APÊNDICE A**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Porto Alegre, ____ de _____ de 2009.

Eu, **Maria Otília Borba de Azevedo**, estou realizando a pesquisa intitulada: **A POSSIBILIDADE DE CRESCER ATRAVÉS DOS TEMPOS: INSERÇÃO DE CONTEÚDOS SOBRE O IDOSO NO ENSINO FUNDAMENTAL**, como pesquisadora aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, telefone 33202635, tendo por orientador o Dr. Juan José Mouriño Mosquera, professor titular no referido Programa. Esta pesquisa tem por finalidade: investigar como o tema do idoso está presente no currículo escolar do ensino básico, podendo sugerir a possibilidade de implementação de tal conteúdo.

Sua participação neste estudo é voluntária. Para que eu possa atingir o objetivo proposto, solicito o seu consentimento para realizar uma entrevista gravada.

Enfatizo que você tem liberdade para desistir de participar do estudo em qualquer momento da entrevista, e que a sua decisão não implicará prejuízo ou desconforto pessoal. Todas as informações serão tratadas de modo confidencial e anônimo. Os dados serão divulgados apenas para fins científicos, mantendo-se o cuidado de assegurar o anonimato do participante.

Por meio deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que recebi explicações sobre os objetivos do presente estudo, bem como de seus procedimentos e benefícios.

Afirmo, também, que fui esclarecido sobre a garantia de privacidade e do anonimato das informações que forneci, bem como de que os dados recolhidos servirão apenas para estudo e divulgação com fins científicos.

Eu, _____, abaixo assinado, autorizo a utilização de meus dados para a elaboração e a divulgação do estudo proposto.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE B

MODELO DAS ENTREVISTAS

PARA GESTORES POLÍTICOS (Secretaria da Educação e membro do Conselho Estadual de Educação, membro do Conselho Estadual de Idosos)

- Como percebes a questão do idoso na sociedade?
- Conheces alguma escola que apresenta no seu currículo a temática do idoso?
- É importante a escola trabalhar esse tema?
- Que entraves são encontrados para que se insiram no currículo escolar conteúdos sobre o idoso e sua valorização?
- Que reflexões este encontro te propiciou?

PARA EQUIPE DIRETIVA

- Como percebes a questão do idoso na sociedade?
- O projeto pedagógico desta escola prevê conteúdo sobre o idoso e sua valorização? Conheces alguma escola que trabalha a temática do idoso?
- É importante a escola trabalhar esse tema?
- Que entraves são encontrados para que se insiram no currículo escolar conteúdos sobre o idoso e sua valorização?
- Que reflexões este encontro te propiciou?

PARA PROFESSORES

- Como percebes a questão do idoso na sociedade?
- O projeto pedagógico dessa escola prevê algum conteúdo sobre o idoso e sua valorização? Conhece alguma escola que presente no seu currículo a temática do idoso?
- É importante a escola trabalhar esse tema?
- Que entraves são encontrados para que se insiram no currículo escolar conteúdos sobre o idoso e sua valorização?
- Que reflexões este encontro te propiciou?

PARA MEMBRO DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE IDOSOS

- Como percebes a questão do idoso na sociedade?
- É importante a escola trabalhar esse tema?
- Que reflexões este encontro te propiciou?

APÊNDICE C

EXEMPLO DE ENTREVISTA REALIZADA

PARTICIPANTE C

Pesquisadora: Eu vou lhe fazer uma pergunta inicialmente. O senhor é diretor dessa escola estadual?

Participante: Sou professor da Escola Estadual de Ensino Fundamental X.

Pesquisadora: Aqui é até a oitava série?

Participante: É do jardim até a oitava série do Ensino Fundamental e também temos Educação Especial, EJA, desde alfabetização até T6, que corresponde a oitava série.

Pesquisadora: Há quanto tempo o senhor exerce o magistério?

Participante: 33 anos.

Pesquisadora: e como diretor aqui o senhor está há quanto tempo?

Participante: Nessa escola estou indo para o sexto ano de gestão, e eu trabalhei em outras escolas em X como diretor e também professor.

Pesquisadora: É, o senhor gosta, né?

Participante: Gosto, são 33 anos na mesma coisa, significa gostar.

Pesquisadora: Pelo contato prévio que tinha feito com o senhor, eu vi que o senhor é bem entusiasmado. Uma das coisas que eu escolhi esta cidade foi porque é terra de muita longevidade, e como o meu tema envolve o assunto do idoso, foi uma das escolhas e recaiu no seu nome por uma indicação também de uma professora de escola estadual. Como o senhor percebe hoje na sociedade a questão do idoso de um modo geral?

Participante: nós aqui em cidade X temos um carinho muito especial pelos nossos “noninhos”. Nós temos um grupo da longevidade aqui onde tem mais de 250 pessoas que participam, e não só de cidade X, mas também de municípios vizinhos, municípios que até pertenciam a cidade X, por exemplo: A, B, C. É interessante uma coisa que acontece aqui em cidade X, quando alguém falece as nossas rádios aqui, com pouca potência, não são Gaúcha nem Guaíba de Porto Alegre, então quando vão dar uma nota fúnebre todo mundo escuta, se preocupa em saber quem faleceu, e a gente fica triste quando uma pessoa que aqui falece tem pouca idade, pode ser uma pessoa que morre por acidente, um assassinato ou mesmo uma questão de drogas, que está bastante difundida aqui em cidade X, infelizmente. Quando

falecem os “noninhos” eles têm o costume de dar a idade. Outra coisa interessante, os velórios são sempre muito concorridos, a maioria das pessoas vão nos velórios pra deixar sua homenagem. Não vou dizer que é uma festa, mas é um encontro diferente porque a gente sabe que mais um batalhador, mais uma pessoa que viveu, que cumpre uma coisa, assim, normal, os filhos enterrarem os pais. Onde que a gente percebe em alguns locais, hoje, em função de tudo que está acontecendo, os pais terem que enterrar os filhos. Isso é muito triste.

Pesquisadora: mais ou menos qual é a população aqui de cidade X?

Participante: Em torno de 25.000 habitantes.

Pesquisadora: o senhor saberia me dizer qual o percentual de pessoas idosas?

Participante: em torno de 25%. Bastante idosos. Nós temos pessoas que estão adentrando os 90 anos, um monte de gente. E com saúde, lúcidos. Eu, particularmente, tenho a minha mãe, dona X, com 88 anos. Ela diz que cursou até o terceiro livro, é assim que eles falam. Eu, com os estudos que tenho, Deus me deu essa oportunidade, às vezes eu passo vergonha com ela, o conhecimento que ela tem, a luz que ela transmite, e claro a experiência de vida. E está lá, todo dia vou visitar ela, está inteirinha. Os X, que é o meu sobrenome por parte de mãe, tem uma característica: A maioria dos meus tios faleceu com 91, 95, até 102 anos. Normal para nós.

Pesquisadora: Então essa denominação de cidade X como terra de longevidade é verdade.

Participante: Sim, sim. É verdade.

Pesquisadora: Interessante. A sua escola tem alguma previsão desse conteúdo no projeto político-pedagógico da escola?

Participante: Sim. A EJA, Educação de Jovens e Adultos, ela atende pessoas de todas as idades, e principalmente a EJA foi criada para que se dê oportunidade àquelas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar no momento exato, a adolescência. Então nós temos alunos nossos aqui à noite com 50 anos, 60 anos de idade, misturados com gurizada que vem até por força judicial, amparados por lei, que com 15 anos pode entrar no EJA, que eu acho que tem que ser mudado, acho que EJA é pra gente com mais idade, 25 anos pra cima. Eu estou colocando uma idade, com a experiência que a gente tem, porque é um aluno diferente, ele traz uma bagagem de vida muito interessante. Então nós temos que ter conteúdos diferentes para eles. Não dá pra dar o mesmo currículo de um curso regular fundamental. Os professores, nós trabalhamos na segunda, na terça, na quarta e na quinta-feira, e na sexta-feira à noite a gente dá aula à distância para eles, as nossas atividades, e os professores se reúnem, todas as sextas-feiras, para organizar os conteúdos, para trocar idéias, como está indo, o que falta, o que não falta, uma avaliação.

Pesquisadora: Isso na EJA?

Participante: É, isso na EJA.

Pesquisadora: E no ensino regular e no jardim de infância existe nesse projeto pedagógico uma previsão de trabalhar essa questão de valorização do idoso e alguma coisa sobre o processo de envelhecimento?

Participante: Esse ano, tem os cartazes com a borboleta e o casulo, que mostram a transformação. Transformar para que todos tenham vida, uma vida bonita, e bastante vida. Dentro do nosso planejamento nós temos o dia 26 de julho que é o Dia do nono, da nona, do idoso, a gente faz uma festa. A gente sempre traz os noninhos aqui pra escola, os alunos fazem questionamento com eles, a gente trabalha, faz um docinho pra eles, um bolinho de milho, uma coisa bem típica daquele tempo deles, faz um chazinho de marcela, que é um remédio fundamental dos nossos antigos, qualquer coisa, tomava um. Um pouco psicológico também, mas funcionava. Então a gente resgata um pouco daquele tempo eles ficam contentes, exibidos. A gente faz uma tomada fotográfica também, faz uma exposição dos trabalhos, das entrevistas, coloca no jornal, alguma coisa sai nas rádios também, e eles ficam felizes.

Pesquisadora: Então não é só uma coisa casual do Dia do Nono, procuram trabalhar também no dia-a-dia da escola?

Participante: Sim, sim. Todas as datas, não só essa. Por causa da longevidade, todas as datas são trabalhadas dentro da escola, e a gente dá ênfase para as que marcam mais as nossas raízes. Por exemplo, recentemente, a perda do Sr. X (importante personagem da cidade), ele é natural aqui de cidade X. É aquela velha história, falecer no final de semana ninguém fica sabendo, todo mundo está com uma atividade um pouco diferente. Ou está no sítio ou está viajando, aí na segunda-feira vem o cobrador na tua porta: “eu vim cobrar”, “não, mas ele morreu ontem, não vai mais te pagar”. É uma realidade que acontece. O Sr. X nos deixa um legado muito importante aqui pra cidade X. Aquele livro “X” (refere-se ao livro escrito pelo Sr. X), a maioria dos municípios tem seu livro “X”. Nós também temos os nossos aqui de cidade X, de uma riqueza, todos eles coordenados pelo Sr. X, trabalho muito bem feito, este estudo em cima disso, a gente vai a fundo.

Pesquisadora: Nessa temática do idoso, o senhor acha que deveria legalmente constar como um conteúdo, como um tema transversal, porque hoje tem aqueles esquemas já previstos. O que o senhor acha?

Participante: Eu não só acho como tema transversal, mas também como tema gerador.

Pesquisadora: em que sentido?

Participante: Por lei, hoje nós temos que estudar a cultura negra, por lei, nós temos que estudar doenças sexualmente transmissíveis, e porquê não estudar a nossa história? Não só por ser a nossa história de origem italiana, nós temos origem polonesa, até esses dias foi fundada a organização deles, dos polacos aqui em cidade X. Em outras cidades, onde tem a cultura japonesa, porquê não? Essas cidades ao redor de Porto Alegre tem muito japonês trabalhando com hortigranjeiros. Porquê não explorar isso também? A cultura alemã, temos aqui pertinho Nova Petrópolis, Três Coroas, São Sebastião do Caí, alemoada que não termina mais. Vamos resgatar essa história e colocar pra dentro dos bancos escolares. Eu acho que ele é fundamental, se um dia a gente tivesse poder decisório, de criar uma lei municipal através dos nossos vereadores, a gente pode opinar em cima disso, eu acho que podia ser criado sim um conteúdo programático dentro da própria legislação educacional, não só municipal como estadual.

Pesquisadora: O senhor acha que o tema do idoso deveria ser trazido também?

Participante: Mas onde está nossa maior história? Está no idoso.

Pesquisadora: Que benefícios o senhor acha que traria se tivesse uma disposição legal, porque hoje não existe, mas espontaneamente aqui nessa escola é trabalhado.

Participante: Não só na nossa escola, em todas as escolas.

Pesquisadora: todas as escolas? Tem mais outras escolas que atuam?

Participante: Nós temos um projeto, “Pulando Janelas” aqui na nossa região. Foi criado tipo uma microrregião. Esse projeto, que inclusive hoje à tarde a professora saiu com uma turma, um grupo de alunos nossos saíram para visitar alguns pontos turísticos. Porque tem muita gente aqui em cidade X que não conhece nem seus próprios pontos turísticos e conhece os de Porto Alegre, conhece o Beira-Rio, conhece o Estádio Olímpico, conhece o Museu da PUC, que a gente sempre leva os alunos, e nós temos muita coisa bonita pra ver por aqui. Foram em um sítio, vão ficar toda a tarde fora hoje com um dia maravilhoso igual a essa, certo? Nós queríamos ver uma diferença entre o inventado e o real. Onde está o real? Na história dos nossos antigos, os antepassados. O inventado é aquilo que eu crio hoje, uma história que eu crio hoje. Até posso, com a experiência que eu tenho, ou qualquer pessoa com a experiência que tem, começar a escrever. Agora, ouvir o noninho de noventa e poucos anos contar a história dele, tem muitos que são imigrantes que vieram da Itália, ou outros que vieram da Alemanha, ou outros que vieram do Japão.

Pesquisadora: Como é que eles recebem normalmente aqui na sua escola, já que tem até a oitava série, independentemente da EJA? Como é essa troca? Os alunos gostam disso?

Participante: Gostam, gostam. Existe uma reciprocidade, uma troca muito interessante e as crianças ficam boquiabertas com o que os noninhos falam. E os noninhos se sentem altamente valorizados.

Pesquisadora: E os jovens, como é que vêm mais? Adolescentes, digamos assim.

Participante: O adolescente já tem aquela censura, respeito humano, próprio da idade, um pouco de vergonha, acho que para eles não teria muito valor. Mas como é matéria cobrada, eles têm que engrenar também.

Pesquisadora: É uma via de fazer acontecer alguma coisa. E como acontece esse processo de envelhecimento, em alguma disciplina aparece alguma coisa, como aquele desgaste físico que acontece com o idoso, alguma coisa em termos de memória, porque tem disciplinas que se prestam mais, mas hoje, se na legislação já trouxesse como tema transversal, teria que permear por todas as disciplinas o tema do idoso.

Participante: Interdisciplinar. Por exemplo, em Ciências ele iria estudar a fisiologia do corpo humano, como funciona. Explicar para eles porque que o cabelo embranquece, porquê o cavanhaque do diretor é branquinho, e muitas pessoas, porquê fica calvo antes, e outras depois. Por que essas mudanças nos seres humanos, tudo isso dá para se estudar dentro da própria Ciência.

Pesquisadora: Como o senhor disse, na História, em um texto de Língua Portuguesa pode trazer.

Participante: Exatamente. Foi feito um trabalho aqui na escola sobre os capitéis. Determinados alunos vão a um capitel. Os capitéis normalmente foram construídos quando? Aí começa a história, quem poderia falar sobre um capitel? Quem construiu o capitel? Onde compraram o material para construí-lo? Aí começam a aparecer as lojas antigas de cidade X, quem eram os donos das lojas. Me lembro do tempo de piá, onde nós íamos comprar os famosos peixinhos, os doces. Era no estabelecimento X, lá embaixo, eles vendiam café e os peixinhos, então a nossa torcida em casa era que acabasse o café, porque a gente ia comprar café e automaticamente comprava os peixinhos também. Era interesse. Uma cultura que desapareceu. A família do estabelecimento X construiu um prédio aqui numa esquina, lá embaixo sumiu.

Pesquisadora: E que a escola está procurando resgatar.

Participante: Essa história somente é resgatada através do idoso, da pessoa que vai nos dar as informações.

Pesquisadora: E como o senhor falou, nessa parte de Ciências, o professor toca em algum assunto como o porquê do idoso tem mais dificuldade de alguma coisa, essa mudança no corpo humano?

Participante: Claro, claro. E em cima disso tem o porquê do comportamento nosso diferente com a pessoa idosa. Aquela história de deixar o lugar para sentar no coletivo, que hoje a gurizada finge que está dormindo para não dar lugar.

Pesquisadora: Mas aqui acho que não, só nos centros maiores, não é?

Participante: Aqui ainda tem essas boas maneiras, a gente se preocupa bastante com isso. E nessa história dos capitéis que a escola fez surgiu maravilhas.

Pesquisadora: Um resgate de memória.

Participante: E temos ainda coisas para serem exploradas, por exemplo, escolinhas no interior que foram fechadas, estão lá caindo aos pedaços. O prefeito se preocupa bastante com isso, com esse material que nós temos, perdido lá. Por exemplo, quem foi a primeira professora, se está viva a professora, se lembra do nome dela. A senhora lembra da sua primeira professora?

Pesquisadora: Lembro.

Participante: Eu me lembro. Minha primeira professora foi a Sra. X, aqui em cidade X, há muito tempo.

Pesquisadora: A minha foi em Pelotas.

Participante: Essas mesmas perguntas a gente poderia fazer para os nossos alunos. Quem foi a professora do teu pai, do teu avô, do teu bisa, da tua bisa. Tem um campo muito vasto para ser explorado.

Pesquisadora: O que o senhor acha, numa realidade local, que entraves existem, acontecem, para inserir esses conteúdos?

Participante: Todo sistema educacional tem sua legislação e nós somos atrelados a ela, existe uma listagem de conteúdos mínimos, esses somos obrigados a dar. Inclusive, se a gente não atingir esses conteúdos mínimos não é possível nem a diplomação da gurizada. Mas a escola tem também a liberdade de criar, através de projetos, tudo aquilo que ela achar interessante e que der enriquecimento para o nosso alunado.

Pesquisadora: Se não existisse como tema transversal a escola pode, numa parte diversificada, buscar e botar um conteúdo assim.

Participante: Pode, tem essa liberdade sim.

Pesquisadora: Principalmente porque a gente vê a longevidade, a expectativa de vida é grande, mas a gente vê uma tendência mundial, o Brasil, em 2025 vai ser o sexto país do

mundo em idosos e por isso me preocupo com o que a gente está fazendo, como a sociedade vai receber esse contingente.

Participante: Será que está preparada ou não? Nós estaremos lá, certamente.

Pesquisadora: Eu espero. Eu acho que uma maneira de receber esse contingente é através da educação, receber bem.

Participante: preparando as pessoas. Nós, que nos consideramos adultos, estamos nos preparando para nossa velhice? A senhora sim, se ajeita, se pinta. Eu também. Me perguntam minha idade, se já passei dos 50. Estou com 58. E vou fazer muito antes de chegar aos 100. Agora que estamos amadurecendo idéias, vontades, responsabilidade mesmo. O cara se aposenta com 35, 36, 37 anos de idade, que desperdício de mão-de-obra boa, sadia, eficiente.

Pesquisadora: Principalmente no caso do Magistério, quando um professor está apto a fazer tanta coisa, é hora de sair.

Participante: É verdade. E depois os concursos, bom, deixa pra lá...

Pesquisadora: Como a gente pode mudar, a sociedade como um todo, essa realidade? Porque acho que ainda existe um certo preconceito com o idoso.

Participante: Eles vêem o idoso como um cidadão incapaz.

Pesquisadora: O que o senhor acha que a gente pode fazer para mudar?

Participante: Conscientizar. Não adianta pensar que só a escola é responsável. A escola é um caminho, é o que mais funciona, agora, acho que através dos meios de comunicação de uma sociedade, independentemente do grau que atinge, por exemplo, nós temos nossas rádios que todo mundo escuta. O rádio ainda é um companheiro. Vai para todo lugar. Na fábrica, lá em casa, no lazer. Claro que temos a influência meio negativa da televisão. A televisão seria um recurso excelente para fazer um trabalho em cima disso, é pena que o foco dos canais é outro, e os horários nobres são ocupados por aquilo que eles querem.

Pesquisadora: Motivado pela questão financeira.

Participante: Agora, acho que dentro das escolas, a gente está introduzindo conteúdos paralelos aos conteúdos normais que a gente tem, sempre inculcando essa idéia boa, saudável, em cima dessa famosa terceira, quarta idade já.

Pesquisadora: O senhor sabe de alguma previsão legal no RS em relação ao idoso?

Participante: A gente sempre participa de muitas reuniões, ligadas à educação, outras não ligadas à educação, e sempre há enfoques em cima da longevidade, das famílias longevas, que não é só cidade X que tem. [...] porque temos uma boa cifra de pessoas com essa idade avançada, mas tem outras cidades. A pessoa mais velha do mundo não está em cidade X. A do Brasil também não está. E do estado provavelmente não está, mas o título serve para a gente

se firmar em cima de alguma coisa, de criar coisas para fazer jus a isso. Nós temos um outro programa que está acontecendo, “Multiplicando ações pela vida”, coordenado pelo Sr. B, [...] que está sendo feito um trabalho aqui em cidade X, tem criado muitos caminhos para que a gente possa pensar. Em uma das palestras que a gente teve, não vamos perder [...] questão de longevidade em função da morte prematura de muitos jovens, muitos adolescentes, em função das drogas, o crescimento está muito grande, o crack também entrou violentamente. Não entrou a merla, ainda. Que a gente saiba. Mas temos sérios problemas. Existe preocupação sim. Agora, leis...

Pesquisadora: E nesses encontros que o senhor diz que há com a Secretaria Estadual, o senhor acha que seria interessante uma colocação nesse aspecto até o Conselho Estadual do Idoso ou o Conselho Estadual de Educação, de se preocupar em colocar de alguma forma um projeto pedagógico, ou o Estado, tomar uma linha de frente de que isso apareça, porque aqui é como o senhor disse: “estão fazendo”, mas e as outras que não fazem?

Participante: Exatamente. Quando é uma determinação, como a gente tinha falado antes, aquele episódio da cultura negra, obrigatório, é lei. Aí todo mundo faz, nem que faça por obrigação, mas faz. Lembra alguma coisa.

Pesquisadora: Sai do papel

Participante: Acho que alguma coisa, já com o projeto do idoso do deputado X, foi um grande trabalho que o nosso deputado fez, o Estatuto do Idoso, muita coisa tem mudado.

Pesquisadora: foi o pontapé, uma política nacional do idoso.

Participante: a própria lei Maria da Penha, para defender a mulher, mas principalmente a noninha. Aquela noninha que não era cuidada, que era desprezada, jogada, lixo. Não serve mais. Era assim: “vamos mandar a nona aonde?”, “vamos mandar a noninha pro asilo”. Espera aí, tem a lei por trás que protege a mulher. Porque agressão não é só dar paulada, ou um palavrão. É menosprezar a pessoa também, não dar condições dignas para viver.

Pesquisadora: Aqui, nesse caso, a escola trabalha. Agora, se a gente pega o projeto pedagógico da escola, tem alguma coisa que diz que deva fazer essa alusão ao idoso?

Participante: tem.

Pesquisadora: E o senhor acha que deveria ter um ponto de partida da Secretaria e que fizesse parte, porque aqui está escrito...

Participante: Se toda escola tem seu regimento. Paralelo ao regimento, necessidades próprias, então tem o plano político pedagógico. E além do plano político pedagógico nós temos planos de estudos. Os planos de estudos a gente pode mexer quando quiser. Mexer em

que sentido? Para melhorar. É ali que nós temos aberturas para colocar as necessidades nossas. Até necessidades as mais criativas possíveis.

Pesquisadora: O senhor acha que a escola pode contribuir para a formação de uma sociedade que valorize mais o idoso?

Participante: Não só pode como deve, principalmente nós aqui.

Pesquisadora: Que reflexões o senhor acha que esse encontro, esse bate-papo trouxe para o senhor?

Participante: acho que a senhora está me alertando. A senhora está me dizendo “Fulano”, faça alguma coisa, façam jus ao título, não vamos esquecer”. Acho que além de uma coisa sagrada que nós temos, essa cultura que nós temos em cima dos nossos noninhos, você não imagina quando um senhor de 50 anos, digamos assim, procura a escola e diz assim “eu preciso aprender a ler”, com 50 anos. Muito bem, “o senhor tem seus documentos aí”? “Nem documentos eu tenho”, só com o celular no bolso. “Então vamos pegar umas anotações do senhor. Qual seu número do celular”? E ele nem sabe, te dá o celular na mão.

Pesquisadora: Nossa, mas é jovem, né? 50 anos, mas tem essa dificuldade.

Participante: Tem, tem. Aqui na nossa Escola X nós temos seis analfabetos. Quando eles começam a desenhar as primeiras letras, os primeiros números, a professora chora com eles, isso porque dá vontade de ir em frente, de continuar, de começar tudo de novo, de voltar atrás e recuperar todo aquele espaço perdido da educação deles. Isso não acontece com os nossos noninhos, querer voltar atrás para recuperar, aí é tarde, porque aquele noninho que me passa maravilhas, ele se foi, aí fica na história. “Faleceu noninho. Uma boa pessoa.” Mas e a história dele?

Pesquisadora: Com que idade faleceu o Sr. X, autor do livro tal?

Participante: 73 anos. No auge de todo cabedal, todo potencial. Muito novo.

Pesquisadora: É um trabalho que deve ser seguido.

Participante: As pessoas importantes assim, quer dizer, todos nós somos importantes, mas esses com destaque, logo se pensa: “vamos dar o nome...” A nossa casa de cultura ainda não tem nome. Vamos dar o nome do Sr. X, aí tem que entrar com um projeto na Câmara, etc. Mas eu gostaria de fazer um trabalho em cima disso antes, vamos conhecer melhor o nosso Sr. X para depois saber por quê que está o nome dele lá.

Pesquisadora: A memória, resgatar toda uma trajetória que ele teve, e o que ele fez pela comunidade.

Participante: Eu estava comentando com o Seu Sr. B, que faz parte daqueles Conselhos ítalo-brasileiros que trabalham pela dupla cidadania, não só da Itália mas de outros países

também, eu perguntei com quem vai ficar a continuação da história que o Sr. X estava contando.

Pesquisadora: Mais um motivo para continuar.

Pesquisadora: Eu atingi meu objetivo, tinha curiosidade de saber da escola, fico feliz de saber que em cidade X as outras escolas também, de uma forma ou de outra, não sei se como a sua, dentro de um planejamento, mas fazem.

Participante: Cidade pequena é diferente. Eu tenho professores aqui que trabalham na Escola Y aqui em frente, que trabalham na escola Z...

Pesquisadora: Que trabalham em escolas particulares também?

Participante: Também, então existe uma mistura muito grande.

Pesquisadora: Acontece, mesmo que não-formal esteja ali, mas acontece.

Participante: A idéia está na cabeça da pessoa, querendo ou não, em algum momento ele deixa soltar. E se tem alguém esperto esperando, no momento certo ela entra e fica.

Pesquisadora: E essa questão do idoso faz parte do dia-a-dia aqui na comunidade.

Participante: Ontem à noite nós estávamos programando a nossa festa junina, vamos fazer umas danças juninas, quadrilha, mas ensaiar agora... O grupo da longevidade já tem uma pronta, vamos convidar o grupo da longevidade. Aqueles noninhos se sentem felizes de se apresentar, valorizados, isso que é importante. Eles têm seu encontro todas as terças-feiras, ficam a tarde toda, tem educação física, tem jogos, tem dança, tem comes e bebes, uma festa.

Pesquisadora: Uma participação bem ampla. Professor, muito obrigada, e espero que meu trabalho futuramente vá contribuir.